

Théophile Gautier

O  
ignorado  
amor

CASA EDITORA  
O CLARIM

# **O Ignorado Amor**

Théophile Gautier

# O Ignorado Amor

Matão, SP  
6ª edição  
2016

CASA EDITORA  
**O CLARIM**

Copyright © 1972 by

CASA EDITORA O CLARIM

Propriedade do Centro Espírita O Clarim

1ª edição: 1972

Impresso no formato 14x21 cm

6ª edição: outubro/2016, 6 mil exemplares

ISBN 978-85-7357-155-4

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem autorização do detentor do *copyright*.

Casa Editora O Clarim

Rua Rui Barbosa, 1.070 – Centro – Caixa Postal 09

CEP 15990-903 – Matão-SP, Brasil

Telefone: (16) 3382-1066; WhatsApp: (16) 99270-6575

CNPJ: 52.313.780/0001-23; Inscrição Estadual: 441.002.767.116

[www.oclarim.com.br](http://www.oclarim.com.br) | [oclarim@oclarim.com.br](mailto:oclarim@oclarim.com.br)

[www.facebook.com/casaeditoraoclarim](http://www.facebook.com/casaeditoraoclarim)

Título do original francês: *Spirite*

Capa e projeto gráfico: Equipe O Clarim

Tradução e prefácio: Wallace Leal V. Rodrigues

Antefácios: Allan Kardec

Revisão: Enéas Rodrigues Marques

#### Catálogo na Publicação (CIP)

G277i Gautier, Théophile

O Ignorado Amor / Théophile Gautier. – 6. ed. – Matão: Casa Editora O Clarim, 2016.

272p.; 21 cm

ISBN 978-85-7357-155-4

1. Espiritismo. 2. Romance espírita. I. Casa Editora O Clarim. II. Título.

CDD. 133.9

Este é o primeiro romance que se escreveu empregando-se ideias espíritas como fio condutor da intriga, logo após – como se vai ver pelos comentários retirados da *Revue Spirite* dos anos de 1866 e 1867 – ao aparecimento das obras de Allan Kardec, nas quais Gautier, até certo ponto, retirou a estrutura desta singular novela, com a qual homenageamos o grande romancista francês no primeiro centenário de seu nascimento,



Théophile Gautier, em imagem capturada pelo fotógrafo Nadar (1820-1910).

## Os romances espíritas

Quem diz romance diz obra de imaginação. A essência mesma do romance é representar um assunto fictício quanto a fatos e personagens. Mas nesse mesmo gênero de produções há regras de que o bom senso não permite afastar-se e que, aliadas às qualidades do estilo, constituem o seu mérito. Se os detalhes não forem verdadeiros, em si mesmos, ao menos devem ser verossímeis e de perfeito acordo com o meio onde se passa a ação.

Nos romances históricos, por exemplo, é de rigor a manutenção estrita da cor-local, e há anacronismos que não seriam toleráveis. O leitor deve poder transportar-se no tempo e para os lugares de que se fala e deles fazer uma ideia justa. Aí estava o grande talento de Walter Scott. Lendo-o, encontramos em plena Idade Média. Se ele tivesse atribuído os fatos e gestos de Francisco I a Luís XI, ou mesmo se tivesse feito este e os personagens de sua corte falar como no tempo da Renascença, o mais belo estilo não o poderia ter absolvido de tais erros.

Dá-se o mesmo nos romances de costumes. Seu mérito está na verdade dos quadros, porque seria em extremo ridículo emprestar a um súdito espanhol os hábitos e o caráter dos ingleses.

Para começar, o romance parece ser o gênero mais fácil. Consideramo-lo, entretanto, mais difícil que a história, posto que menos sério. O historiador tem o seu quadro traçado pelos fatos, dos quais não pode afastar-se uma linha; o romancista deve tudo criar; mas muitos pensam que basta um pouco de imaginação e de estilo para fazer um bom romance. É um grave erro: é necessária muita instrução. Para fazer a sua Nossa Senhora de Paris, Victor

Hugo teve de conhecer a sua velha Paris arqueológica tão bem quanto a sua Paris moderna.

Podem fazer-se romances sobre o Espiritismo, conto sobre todas as coisas. Dizemos mesmo que quando for conhecido e compreendido em sua essência, ele fornecerá, às letras e às artes, fontes inesgotáveis de deslumbrante poesia. Mas não seria certamente para os que vissem nas mesagirantes as cordas dos irmãos Davenport ou artes dos charlatães. Como nos romances históricos ou de costumes, é indispensável conhecer a fundo a talagarça sobre a qual se quer bordar, a fim de não haver contrassensos, que seriam outras tantas provas de ignorância. Tal é o músico que faz variações sobre um tema que se deve sempre reconhecer através das adições da fantasia. Aquele, pois, que não estudou a fundo o Espiritismo, e seu espírito, em suas tendências, em suas máximas, tão bem quanto em suas formas materiais, também é incapaz de fazer um romance espírita de algum valor, quanto o teria sido Lesag e de fazer Gil Blas, se não tivesse conhecido a história e os costumes da Espanha.

Para isto é, pois, necessário ser espírita crente e fervoroso?

Absolutamente! Basta ser verídico, e não se pode sê-lo sem conhecer. Para fazer um romance árabe certamente não se necessita ser muçulmano, mas é indispensável conhecer bastante a religião muçulmana, seu caráter, seus dogmas e práticas bem como os costumes daí decorrentes, para não fazer agir e falar os africanos como cavalheiros franceses.

Todavia há escritores que julgam que basta, para dar o cunho da raça, prodigalizar a torto e a direito os *Allah*, os nomes de Fátima e de Zulema, pois é mais ou menos o que todos sabem do Islamismo. Numa palavra, se não é preciso ser muçulmano, é preciso impregnar-se do espírito muçulmano, como para fazer uma obra espírita, mesmo fantástica, o é impregnar-se do espírito

do Espiritismo. Enfim, é preciso que, lendo um romance espírita, os espíritas possam reconhecer-se, como os árabes deverão reconhecer-se num romance árabe e poder dizer: está certo. Mas nem uns, nem outros reconhecer-se-ão se forem fantasiados, e o autor terá feito uma obra informe, como se um pintor pintasse damas francesas em costumes chineses.

Essas reflexões nos são sugeridas a propósito do romance-folhetim que neste momento o Sr. Théophile Gautier publica no grande *Moniteur*, sob o título de *Espírita*. Não temos a honra de conhecer pessoalmente o autor; não sabemos quais as suas convicções ou seus conhecimentos tocantes ao Espiritismo. Sua obra, que ainda está no começo, não permite ver-lhe a conclusão. Diremos apenas que se ele não encarasse o seu assunto senão de um só ponto de vista, o das manifestações, desprezando o lado filosófico e moral da doutrina, não responderia à ideia geral e complexa que o seu título abarca, posto que o nome de *Espírita* seja o de um de seus personagens. Se os fatos que ele imagina, para a necessidade da ação, não se encerrassem nos limites traçados pela experiência; se os apresentasse como se passando em condições admissíveis, sua obra falsearia a verdade e faria supor que os espíritas creem nas maravilhas dos contos das Mil e Uma Noites. Se atribuísse aos espíritas práticas e crenças que estes desautorizam, ela não seria imparcial e, sob tal ponto de vista, não seria uma obra literária séria.

A doutrina espírita não é secreta, como a maçonaria. Não tem mistérios para ninguém e se instala à luz da publicidade. Nem é mística, nem abstrata, nem ambígua, mas clara e ao alcance de todos. Nada tendo de alegórico, não pode dar lugar a equívocos, nem a falsas interpretações. Diz claramente o que admite e o que não admite. Os fenômenos, cuja possibilidade reconhece, não são sobrenaturais nem maravilhosos, mas fundados nas leis da natureza. De sorte que não faz milagres, nem prodígios. Aquele, pois, que não a conhece, ou

que se engana quanto às suas tendências, é porque não quer dar-se o trabalho de conhecê-la. Esta clareza e esta vulgarização dos princípios espíritas, que contam aderentes em todos os países e em todas as camadas sociais, são a mais peremptória refutação às diatribes de seus adversários, porque não há uma só de suas alegações supostas erradas que não encontrem uma resposta categórica.

O Espiritismo, então, não pode senão ganhar em ser conhecido. E é no que trabalham, sem o querer, os que julgam arruiná-lo por ataques desprovidos de qualquer argumento sério. Os desvios da conveniência na linguagem produzem efeito absolutamente contrário ao que se propõe. O público os examina e não é favorável aos que a tal se permitem. Quanto mais violenta a agressão tanto mais gente é levada a inquirir-se da verdade, e isso até mesmo nas fileiras da literatura hostil. A calma dos espíritas ante esse alçar de escudo; o sangue frio e a dignidade que conservam em suas respostas fazem com a acrimônia dos antagonistas um contraste que choca até os indiferentes e lançaram a incerteza nas fileiras opostas, que hoje contam cada vez mais deserções.

O romance espírita pode ser considerado como uma transição passageira entre a negação e a afirmação. É preciso coragem real para enfrentar e desafiar o ridículo que se atribui às ideias novas, mas essa coragem vem com a convicção. Mais tarde – estamos convencidos – das fileiras dos nossos adversários da imprensa sairão campeões sérios da doutrina.

Quando as tendências da obra do Sr. Théophile Gautier estiverem melhor desenhadas, nós faremos a nossa apreciação do ponto de vista da verdade espírita.

(*Espírita*, por Théophile Gautier)

Allan Kardec na *Revue Spirite* de 1866.

## Notícias bibliográficas espíritas

Na Revista de dezembro último dissemos algumas palavras sobre esse romance, aparecido em folhetim no *Moniteur Universal*, e que hoje está publicado em volume.

Lamentamos que o espaço não nos permita fazer dele uma análise minuciosa e, sobretudo, citar algumas passagens cujas ideias são incontestavelmente bebidas na fonte mesma do Espiritismo. Todavia a maior parte dos nossos leitores, certamente, já o leu. Assim, um relato agora seria supérfluo. Diremos apenas que a parte concedida ao fantástico é certamente um pouco exagerada e que é preciso não tomar todos os fatos ao pé da letra; há que considerar que o livro não é um tratado de Espiritismo.

A verdade está no fundo das ideias e pensamentos, que são essencialmente espíritas e apresentados com uma delicadeza e uma graça encantadoras, muito mais que nos fatos, cuja possibilidade, por vezes, é contestável. Posto que romance, a obra não deixa de ter uma grande importância, primeiro pelo nome do autor, depois porque é a primeira obra importante saída de escritor da grande imprensa, e em que a ideia espírita é seguramente afirmada e apresentada, em momento em que aparece mais uma falsidade lançada na onda de ataques contra esta ideia. A forma de romance tem sua utilidade. Graças a uma leveza aparente, penetrou em toda a parte e com ela a ideia.

Posto Théophile Gautier seja um dos autores favoritos da imprensa, esta foi, contra o costume, de uma sobriedade parcimoniosa a respeito desta última obra. Não sabia se devia louvá-la ou censurá-la. Censurar Théophile Gautier, um amigo, um confrade, um escritor amado pelo público, dizer que tinha feito

uma obra absurda, era difícil; elogiar a obra era recomendar, exaltar a ideia; guardar silêncio a respeito de um nome popular teria sido uma afronta.

A forma romanesca levantou o embaraço; permitiu dizer que o autor tinha feito uma bela obra de ficção e não de convicção. Comentou-se, mas comentou-se pouco. É assim que, mesmo com a incredulidade, há acomodações. Notou-se uma coisa muito singular: no dia em que a obra apareceu em volume, havia em todos os livreiros cartões com um pequeno anúncio colocado no exterior. Alguns dias depois tinham desaparecido.

Nos magros e raros noticiários dos jornais, encontram-se confissões significativas, sem dúvida saídas por descuido da pena do escritor. No *Courrier du Monde Illustré* de 16 de dezembro de 1865 lê-se o seguinte:

“É preciso supor que, sem aceitar, sem professar a doutrina, sem mesmo ter pesquisado em profundidade essas insondáveis questões de Espiritismo e sonambulismo, o poeta Théophile Gautier, só pela intuição de seu gênio poético, foi à milha do infinito, valeu-se de convicções alheias e encontrou o Sésamo das evocações misteriosas, pois que o romance que publicou em folhetim no *Moniteur*, sob o título de *Espírita*, agitou violentamente todos os que se ocupam dessas perigosas questões.”

A emoção foi imensa e, para avaliar todo o seu alcance, somos obrigados a percorrer, como o fazemos, os jornais da Europa inteira.

Toda a Alemanha espírita levantou-se como um só homem, e como todos os que vivem na contemplação de uma ideia só têm olhos e ouvidos para ela, um dos órgãos mais sérios da Áustria pretende que o Imperador encomendou a Théophile Gautier esse prodigioso romance, a fim de desviar a atenção da França das questões políticas. Primeira afirmativa, cujo alcance não exagero. A segunda asserção feriu-nos por seu caráter fantástico.

Segundo uma folha alemã, o poeta da *Comédie de la Mort*, muito agitado

em consequência de uma visão, ficara gravemente enfermo e fora levado para Genebra. Ali, sob o domínio da febre, teria sido forçado a guardar o leito por várias semanas. E, vítima de estranhos pesadelos, de alucinações luminosas, fizera-se joguete constante de espíritos errantes. Pela manhã teriam encontrado ao pé da sua cama as folhas esparsas do manuscrito de *Espírita*.

Sem mencionar a inspiração que guiou a pena do autor de *Avatar*, uma obra incrivelmente fantástica, cremos firmemente que, uma vez assenhoreado do assunto, o escritor do *Roman de la Momie* ter-se-ia embriagado com essas visões, e que, num paroxismo, traçou essa descrição admirável do céu, que é uma de suas mais belas páginas.

“A correspondência motivada pela publicação de *Espírita* é extremamente curiosa. Lamentamos que o respeito às conveniências não nos tenha permitido pedir cópia de uma das cartas recebidas pelo poeta do *maux et Camées*.”

Aqui não fazemos crítica literária. De outra forma poderíamos achar de gosto duvidoso a espécie de catalogação que o autor teve por bem usar em seu artigo, que, aliás, nos parece pecar um pouco por falta de clareza. Confessamos não haver compreendido a frase da rã; contudo é citada textualmente. Isto talvez se deva à dificuldade de explicar onde o célebre romancista colheu semelhantes ideias, e como ousou apresentá-las sem rir. Mas o que é mais importante é a confissão da sensação produzida por essa obra na Europa inteira. Verifica-se, pois, que a ideia espírita esteja bem viva e bem difundida. Não é, então, um aborto natimorto. Quantas pessoas são colocadas, por um traço de pena dos nossos adversários, na categoria dos cretinos e dos idiotas! Felizmente seu julgamento não é definitivo. Os Srs. Jaubert, Bonnamy e muitos outros fazem a apelação.

O autor qualifica essas questões de perigosas. Mas, segundo ele e os seus confrades de cepticismo, são como fúteis e ridículos. Ora, o que um conto fútil

pode ter de perigoso para a sociedade? De duas, uma: há ou não há no fundo de tudo isto algo de sério. Se nada há, onde está o perigo?

Se se tivesse escutado, na origem, todos os que declararam perigosas a maior parte das grandes verdades, que hoje brilham, onde estaria o progresso? A verdade não tem perigo senão para os poltrões, que não ousam encará-la de frente, e para os interesseiros.

Um fato não menos grave, que vários jornais se apressaram em publicar, como se fosse provado, é que o Imperador teria encomendado esse prodigioso romance para desviar a atenção da França das questões políticas. Evidentemente não é uma suposição porque, admitindo-se a realidade da origem, não é presumível que a tivessem divulgado. Mas essa mesma suposição é uma confissão da força da ideia espírita, pois que se reconhece que um soberano, o maior político de nossos dias, pôde julgá-la apta a produzir semelhante resultado. Se tal tivesse sido o pensamento que presidiu a execução desta obra, parece-nos que a coisa seria supérflua, uma vez que apareceu exatamente no momento em que os jornais se encarregavam, em porfia, a preocupar as atenções públicas com o barulho que faziam, a propósito dos irmãos Davenport.

O que há de mais claro em tudo isto é que os detratores do Espiritismo não podem explicar, nem a si próprios, a prodigiosa rapidez da difusão da nova ideia, a despeito de tudo quanto fazem para detê-la. Não podendo negar o fato, que cada dia se torna mais evidente, estalam-se em procurar-lhe a causa, mas exatamente em toda parte onde não está, na esperança de conter o seu avanço.

Numa seção intitulada “Livro de Hoje e de Ontem”, assinada por Emile Zola, o *Evénement* de 16 de fevereiro dá um resumo muito exíguo do assunto da obra em questão, acompanhado das seguintes reflexões:

“Ultimamente o *Moniteur* deu a lume uma novela fantástica de Théophile Gautier: *Spirite*, que a livraria Charpentier acaba de publicar em volume.

“A obra é para a maior glória dos Davenport! Ela nos conduz ao país dos Espíritos, mostra-nos o invisível, revela-nos o desconhecido. O jornal oficial publicou os boletins do outro mundo.

“Mas eu desconfio da fê de Théophile Gautier. Ele tem uma bonomia irônica que cheira a incredulidade a uma légua de distância. Desconfio que Gautier entrou no invisível pelo único prazer de descrever, à sua maneira, horizontes imaginários.

“No fundo, ele não acredita numa única palavra da história que conta, mas aprecia contá-la e os leitores gostarão de lê-la. É, pois, para o melhor, na melhor das incredulidades possíveis.

“Escreva o que escrever, Théophile Gautier é sempre pitoresco e poeta original. Se acreditasse no que conta, seria perfeito – e isto talvez fosse uma pena.”

Curiosa confissão: lógica singular e mais singular conclusão! Se Théophile Gautier acreditasse no que diz em *Spirite*, seria perfeito! Então a doutrina espírita conduz à perfeição aqueles que a assimilam; daí a consequência que, se todos os homens fossem espíritas, todos seriam perfeitos!

Outro teria concluído: “Apressemos-nos em espalhar o Espiritismo”... mas não: isso seria uma pena!

Quanta gente repele as crenças espíritas, não pelo medo de tornar-se perfeita, mas simplesmente pelo de ser obrigada a emendar-se!

Os espíritos lhes metem medo porque falam do outro mundo e este tem terrores para eles. É por isto que tapam os olhos e os ouvidos.

(História fantástica, por Théophile Gautier)

Allan Kardec na *Revue Spirite* de 1867.

## Prefácio do tradutor

Em 1961 os jornais de toda a França se ocuparam em lembrar a vida e a obra de um dos mais imaginosos e refinados escritores da França, Théophile Gautier, nascido em Tarbes a 31 de agosto de 1811.

Embora um pouco esquecido na atualidade, durante meio século foi considerado um dos intelectuais mais requintados e mais influenciáveis no mundo das artes e das letras, e, talvez, juntamente com Saint-Beuve, embora senhor de um estilo mais requintado, o que exerceu na França a mais salutar e mais inteligente autoridade.

Gautier era filho de um funcionário público, homem culto que, desde a infância, procurou desenvolver a inteligência do menino, e isso com tamanho tato e habilidade que, anos mais tarde, Gautier escrevia: “Se eu tenho alguma instrução e talento, é a ele que devo ambos”.

Em 1822, seus pais foram residir em Paris, no *Quartier du Marais*, o que possibilitou ao menino frequentar os cursos do *Lycée Charlemagne*, onde se tornou grande amigo de outro escritor de robusto talento, Gérard de Nerval.

Bem cedo, entre os demais alunos, Gautier se distinguia por sua independência de ideias, manifestando suas opiniões de maneira sempre imprevista e inesperada. Dotado de grande talento artístico, logo depois matriculou-se no estúdio do famoso Rioult. E foi ali que aprendeu a ver – no decorrer de toda a sua existência – a vida como um quadro que ele ia paulatinamente pintando, embora tivesse renunciado de vez ao pincel e à palheta.

Pouco tempo depois, apresentado por Gérard de Nerval a Victor Hugo, que já dominava com o prestígio de uma genial inteligência a geração que

chegava, Gautier, tomado de intensa admiração, sonhou conquistar, também ele, renome como escritor.

Por esse tempo tinha vinte anos. Hugo, indiscutivelmente o chefe da escola romântica, preparava-se para desferir o grande golpe literário que seria a peça teatral *Hernani*, um divisor de águas na literatura francesa. Hugo distribuiu entradas entre escritores de seu partido, desejoso de assegurar, com o aplauso destes, o sucesso de sua peça. Gautier foi honrado com uma dessas entradas. E, ao curso do tumulto que marcou a primeira representação de *Hernani* entre os intelectuais parisienses, iniciando o famoso movimento que passou à história sob o nome de “A Batalha de Hernani”, Gautier se fez notar pelo seu entusiasmo, seus longos cabelos, por seu colete vermelho, cortado em forma de um gibão antigo, a respeito do qual, anos mais tarde, ele escreveria:

“Eu usei aquele colete apenas aquela noite, mas não pude me separar dele pelo resto da vida.”

Nesse mesmo ano publicou o seu primeiro livro de poesia e, em 1835, lançava *Mademoiselle de Maupin*, romance tramado em digressões atrevidas, que, quase de imediato, o tornou célebre.

Em seguida escreveu a sua conhecida série de livros descritivos de viagens, cujo sucesso não foi menor. Finalmente o livro de poemas, *Emaux et Camées*, levou-o à ambicionada glória.

Todavia ele precisava, para a sua manutenção, de fornecer aos jornais e revistas uma grande e constante produção literária. Protegido por Balzac, vendeu uma série de artigos à *Chronique de Paris*, e logo em seguida ao *France Littéraire*. Pelo *Figaro*, de certa feita, ele confessou: “Eu escrevia para o *Presse*, o *Figaro*, a *Caricature*, o *Musée des Familles*, a *Revue de Paris* (que ele havia fundado), a *Revue des Deux Mondes*, o *Artiste*, o *Moniteur*... Fiz girar a pedra do moinho durante 36 anos”.

Com essa declaração apresentava-se a si mesmo como o próprio tipo do publicista, tal como existia no século XIX e tal como eram outros escritores de seu tempo e depois dele. Todavia Gautier teve a felicidade, logo de início e embora se dedicando ao seu trabalho de jornalista, de impor-se como um poeta e escritor. Em suas crônicas revela-se, igualmente, um lúcido crítico literário e de artes plásticas.

Graças a essa versatilidade, ao seu arrebatamento juvenil e algo teatral que, depois de tê-lo tornado um dos astros da boemia parisiense, abriram-se-lhe as portas dos salões frequentados pelas mais eminentes personalidades do seu tempo, como, por exemplo, o famoso salão da Princesa Mathilde, e igualmente favorecido por uma certa generosidade e amabilidade que lhe dariam o apelido de *Le bon Théo*, pôde fruir até a sua morte, ocorrida há cem anos, em Neuilly-sur-Seine, em 22 de outubro de 1872, de uma celebridade e de uma simpatia sem reservas.

Hoje em dia o nome de Théophile Gautier evoca, antes de tudo, os belos versos inseridos em *Emaux et Camées*, que ressaltam entre suas *Poésies Complètes*, onde mais brilhantemente o escritor aplica a sua concepção de arte pela arte, no sentido de que esta não tem outra finalidade além da exaltação da beleza, o que significa que... “não há verdadeiramente beleza naquilo que não pode servir para nada”.

Adorador apaixonado da forma, Gautier exigia uma poesia castiça e pacientemente elaborada:

*Oui, l'oeuvre sort plus belle*

*D'une forme au travail*

*Rebelle*

*Vers, marbre, onyx, émail.*

Disso resulta que o impetuoso zelador do romantismo foi, pelo zelo

relativamente à perfeição, levado a eliminar de seus versos as divagações, as extravagâncias verbais, os rípios, as faltas de gosto nas imagens e o estilo declamatório, coisas essas que seriam, igualmente, execradas inapelavelmente pelo autor de *Hernani*. De fato, estranho às paixões libertas e desacorrentadas, aos grandes voos do pensamento, Gautier foi um romântico sobretudo por seu amor pelas paisagens, pelo pitoresco, a cor local, tipos e caracteres. Seu espírito inclina-o ao aticismo, tornando-o, de fato, um precursor dos Parnasianos.

A ideia e o sentimento não são de todo excluídos de sua poesia, cedendo um lugar exclusivo à plástica. Estes elementos Gautier os contrabalança de maneira suave e precisa. Observa-se nele certa obsessão pela morte, qual ele soma ao seu culto ao amor, ignorando, porém, os soluços e os gemidos de dor. Todavia uma lágrima furtiva muitas vezes marca um oculto traço entre os sorrisos. Em Gautier o brilho e a cor nunca são capazes de cegar brutalmente. Bem observada, no escritor, a dor é mais de ônix ou de esmalte do que de um mármore incapaz de resistir às nuances da luz.

Como prosador, ele merece uma admiração total e resiste à crítica que, na atualidade, poder-se-ia fazer sob a alegação, por exemplo, de que é, como *Madame de Stäel*, antes um hábil e brilhante conversador do que um profundo e respeitável escritor. Seus livros dedicados às descrições de viagens, *Espagne, Turquie, Italie, Constantinople, Russie*, são uma prosa impecável que nunca envelhece, não obstante a familiaridade da conversação. E é aí que o ex-aluno de Rioult prova com mais força que não deixa de ser um pintor.

Essencialmente descritivas, dotadas de espírito e elegância, essas obras, de um gênero quase desconhecido na época de sua publicação, permanecem ainda hoje inestimáveis documentos sobre a fisionomia da Europa cem anos atrás.

Cronista, ele escreve com mais liberdade ainda, sempre vivo, alerta, colorido, abundante de anedotas e de comentários sutis, sem nenhuma falha na perfeita tessitura do estilo. Mas o seu verdadeiro mérito vai além disso: ele passeia através da história da arte guiado por uma observação clarividente, na qual nota-se o homem de apurado gosto, com a competência de um técnico. Sua imparcialidade permite-lhe sobrepor-se ao tempo e reconhecer a glória tanto de um Ingress quanto de um Delacroix, de um Wateau quanto de um Rembrandt, de um Velasques ou de um Da Vinci. Na literatura, na música, ele é sempre perspicaz, embora não tenha previsto as escolas ou as tendências que esperavam o momento de eclodir e que não chegou a conhecer ainda encarnado. Por isso não são poucos os intelectuais que lamentam não haver, na atualidade, críticos de sua estatura.

Aproveitamos o centenário de seu nascimento para reafirmar que a língua e o espírito franceses lhe devem imensamente pela sorridente e sólida claridade que reverbera em sua obra.

A fase do romance espírita poderia ter sido inaugurada pelo grande Honoré de Balzac, mas uma diferença de tempo entre a desencarnação do autor de *A Comédia Humana* e o aparecimento de *O Livro dos Espíritos* fez com que *Ursele Mirouet*, romance referto de situações perfeitamente espíritas, ceda essa primazia a Théophile Gautier, com esta delicada e bela novela *Spirite*, que estamos publicando sob o título de *O Ignorado Amor*.

A respeito deste livro, Jean Frollo, em *Chez les Spirits*, no *Petit Parisien* de 29 de junho de 1905, escreveu o seguinte: “Parece-me que esta ficção do poeta explica melhor, do que todo o comentário, a influência exercida pelo Espiritismo e sua razão de ser”.

Realmente *Spirite*, entre os 300 livros legados à literatura universal por Gautier, parece ser o primeiro romance verdadeiramente espírita, isto é, o

resultado mais imediato da provocação lançada pela codificação kardecista, e assim, como no terreno da literatura teatral, essa primazia pertence, sem dúvida, à peça *Spiritisme*, de Victorien Sardou, nosso próximo lançamento, representada, no Teatro da Renascença, pelo monstro sagrado do teatro universal, a grande Sarah Bernhardt.

*O Ignorado Amor* deve ser apreciado sob alguns dos seus aspectos essenciais, visto constituir um marco na literatura de ficção espírita, ficção aparente, uma vez que quando Gautier narra pode já ter sucedido, estar sucedendo ou, perfeitamente, vir a suceder.

Embora não seja demasiado extenso, este livro foi arduamente traduzido, pois Gautier é um autor ininterruptamente preocupado com a forma, o contorno e a procura de palavras que lhe cabem melhor à sua “pintura” literária. Ele sem dúvida estudou profundamente o dicionário francês, abasteceu sua memória o quanto possível, e até à extenuação, com expressões novas. Caçando adjetivos de toda a sorte, criou para si um glossário opulento, através do qual pôde dar ao seu estilo a originalidade que ambicionava.

O conhecimento, extenso até o impossível, da sinomínia, a ciência da forma e da palavra, chegaram quase a nos desanimar como tradutor. Para Gautier há palavras diamante, safira, rubi, esmeralda, e, se para ele não era fácil escolhê-las, essa dificuldade chega a desorientar o tradutor. Por exemplo, quando o escritor descreve as maravilhosas aparições espirituais de Lavínia, o vocabulário em português, relacionado à luz, a tudo quanto cintila, não nos bastou. Honestamente, foi quase impossível pintar o esplendor que salta da imaginação de Gautier.

Neste seu romance espírita e inaugural, ele pôs todo o seu capricho e sua coragem. Do ponto de vista doutrinário, quase se poderia dizer que o autor era um espírita profundamente consciente, e nisto *Spirite* constitui um enigma que

não conseguimos desvendar, uma vez que os seus biógrafos não o mostram um instante sequer afastado de seu elegante cepticismo.

Quando *Spirite* foi lançado em Paris, em 1866, Allan Kardec era vivo e se movimentava em sua plenitude criativa. Como se pôde ler nos prólogos desta tradução, o Codificador, por duas vezes, ocupou-se com esta obra, confessando, entretanto, que não conhecia o seu autor. Assim, pois, embora se possa supor que Gautier tenha lido a obra de Kardec, que alcançou ruidoso sucesso, não chegou a interessar-se, como Sardou, pelas reuniões da *Société*, no Palais Royal.

Existem, a respeito deste livro e de seu autor; outros dados que não podem ser escamoteados ao público leitor. Sabe-se que Gautier foi – como já se disse – um entusiasta de Victor Hugo, espírita convicto, e de Honoré de Balzac, que, se não teve a ventura de alcançar encarnado o nascimento do Espiritismo, que ele teria, sem sombra de dúvida, apoiado e aplaudido; bebeu e se dessedentou nas águas do místico e médium sueco, Swedenborg, considerado por muitos “O Primeiro Espírita da História”. Ora, Gautier privou mais intimamente com Balzac exatamente no período em que este último escrevia a sua *Recherche de Pabsolu*, e este dado é muito significativo.

Além disto, contrariando Emile Zola, para o qual Gautier “cheira incredulidade a uma légua de distância”, não se pode esquecer de que a Lavínia deste romance não é a única filha sobrenatural de Gautier. Outra, talvez mais célebre, emergiu de suas preocupações com o que existe para além das fronteiras da morte: é Giselle, do ballet em dois atos *As Willis*, hoje considerado um clássico. Ambas muito se parecem e Giselle ajuda a compreender Lavínia.

Em 1835, Henri Heine escreveu *De L’Allemagne* uma *contre-partie* ao célebre livro de Madame de Stäel, o qual Napoleão Bonaparte queimou numa

fogueira de doze mil exemplares e, não obstante, levou o romantismo para as letras francesas, ao ser editado em Londres, quando a castelã de Coppet, exilada, encontrou na Inglaterra asilo e refúgio.

O seu livro, Henri Reine o escreveu em seu leito de dor, de onde também compôs algumas de suas poesias mais originais. No decorrer de uma longa agonia, o poeta discorre a respeito das Willis, as virgens mortas que fogem de seus túmulos ao plenilúnio e dançam até que chegue a aurora.

Gautier leu essas páginas e se inflamou. Escreveu a Heine:

“Meu caro Henri Reine. Folheando há algumas semanas o teu belo livro *De L’Allemagne*, deparei com um motivo encantador: trata-se da passagem em que falas dos elfos de brancas roupagens, cujas fimbrias são sempre úmidas, nas ninfas que mostram seus pezinhos de cetim no foro das alcovas nupciais, Willis cor-da-neve na valsa implacável, e de todas essas deliciosas aparições que encontrei no Hartz e às margens da Ilha, na bruma aveludada pela luz da lua na Alemanha; e grifei involuntariamente: Que belo ballet não se faria disto! Peguei mesmo, num acesso de entusiasmo, uma linda folha de papel branco, grande, e escrevi no alto com soberba letra: ‘As Willis – Ballet’.

“Depois pus-me a rir e atirei a folha ao cesto, sem tentar mais nada, cogitando se seria possível traduzir, em termos de teatro, essa poesia vaporosa e noturna, essa fantasmagoria voluptuosa e sinistra, todas aquelas forças de lenda e balada, tão pouco em comum com os nossos hábitos. À noite, na ópera, com a cabeça ainda cheia dessas ideias, encontrei, à volta de uma *contisse*, o Sr. de Saint-Georges, esse homem de espírito que soube transpor para o ballet, nele deixando muito de si mesmo, toda a fantasia e todo o capricho do *Diabo Amoroso*, de Cazzote. Conte-lhe a história das Willis. Três dias depois o ballet *Giselle* estava pronto e entregue. Ao fim de uma semana, Adolf Adam havia composto a música, os cenários estavam concluídos e os ensaios

seguiram a jato. O segundo ato é uma tradução, tão exata quanto possível, da página que ousei extrair de teu livro.”

*Giselle* obteve estrondoso sucesso. Sobretudo a valsa das Willis tornou-se célebre: entretém-se em efeitos de orquestra e tem uma fuga muito bem conduzida. Carlotta Grisi representou *Giselle* na temporada da estreia.

*Giselle* é de 1841. Em 1866 nasce *Spirite*, e ela é toda poesia, imaterialidade; ela se move na música das palavras de Gautier. É através dela que o autor entrou, definitivamente, para a História do Espiritismo, inaugurando uma fase nova e promissora para a literatura.

Théophile Gautier legou ao mundo uma fabulosa herança poética e literária.

Não temos dúvida de que Lavínia, ou *Spirite*, ganhará o coração dos leitores, tal como aconteceu a outras heroínas de novelas por nós lançadas, tais Miriam, de *Voltou, mas esqueceu...*, Stella Meredith, de *Os que não são convidados*, ou Mrs. Miller, que aguarda lançamento.

Temos, pois, razões de folga para compensar nossa árdua tarefa!

Araraquara, inverno de 1972.

## Capítulo 1

Guy de Malivert estava assentado, quase estendido de costas, numa magnífica poltrona junto da lareira, onde chameava um abundante fogo. Parecia ter tomado disposições para passar em casa um desses serões tranquilos que as fadigas tornam às vezes um prazer e uma necessidade para os jovens da sociedade elegante. Um robe de chambre de veludo preto, bordado de sutaches da mesma cor, uma camisa de seda da Índia, calças de flanela vermelha, folgadas chinelas de Marrocos em que dançava um pé nervoso e arqueado, compunham seu traje, no qual a comodidade não excluía a elegância. Com o corpo desembaraçado de toda a pressão incômoda, à vontade naquelas vestes íntimas e macias, Guy de Malivert, que fizera em casa uma refeição de sábia frugalidade, animada por dois ou três copos de um bom vinho de Bordeaux retomado da Índia<sup>1</sup>, experimentava essa espécie de beatitude física que resulta do perfeito funcionamento do organismo saudável. Sentia-se feliz, sem que a fortuna houvesse batido à sua porta.

Próxima, uma lâmpada ajustada num búzio marinho, de velha porcelana gretada verde-água, derramava a luz suave e doce do seu globo de cristal opaco, semelhante a uma lua que esfuma ligeira claridade. A luz incidia sobre o volume que Guy segurava distraidamente na mão – *Evangeline*, de Longfellow<sup>2</sup>.

Sem dúvida Guy admirava a obra do maior poeta que produzira, até então, a jovem América. Sentia-se, porém, nessa preguiçosa disposição de espírito em que a ausência de pensamentos é preferível à mais formosa ideia, expressa em sublimes termos. Tinha lido alguns versos. Depois, sem deixar o livro, apoiara a cabeça no respaldo da poltrona recoberta de *guipure*, fruindo

deliciosamente os momentos de descanso mental. A morna atmosfera da habitação envolvia-o numa suave carícia. Ao seu redor tudo era repouso, bem-estar, discreto silêncio, íntima quietude. O único ruído perceptível era o silvido do gás, escapando das achas incendiadas, e o tique-taque da pêndula, cuja oscilação ritmava o tempo em baixa voz.

Era inverno. A neve recentemente caída amortecia o rodar longínquo das carruagens, bastante raras no quarteirão deserto, pois Guy morava numa das ruas menos frequentadas do *faubourg* de Saint-Germain.

Dez horas acabavam de soar e o nosso preguiçoso felicitava-se por não estar vestido de preto, com gravata branca, de pé, ante a porta de uma sacada, no baile de qualquer embaixada, tendo por perspectiva os magros omoplatas de uma velha dama exageradamente decotada. Muito embora reinasse na habitação uma temperatura de estufa, sentia-se, pela rapidez com que o fogo se consumia e o silêncio da rua, que devia fazer frio lá fora. O magnífico angorá, companheiro de Malivert naquela noite de *farniente*, acercara-se da lareira para aquecer a branca pele, e unicamente o guarda-fogo dourado impedia-o de deitar-se no borralho.

A peça em que Guy de Malivert fruía esses tranquilos prazeres servia, ao mesmo tempo, de gabinete de estudo e ateliê. Era um salão amplo e de teto alto que tomava o último andar do apartamento ocupado por Guy, situado entre um grande pátio e um jardim plantado de árvores seculares, dignas de um bosque real, e que não se encontram mais senão no aristocrático bairro, pois é preciso tempo para que a árvore cresça, e os novos-ricos não podem improvisá-las para que deem sombra aos seus palácios construídos com a precipitação de fortunas que temem a bancarrota.

As paredes eram revestidas de couro pardo, e o teto compunha-se de um entrecruzado de vigas de velho carvalho enquadrando artesanatos de abeto da

Noruega, nos quais se deixara a primitiva cor da madeira. Aquelas tintas escuras e sóbrias faziam ressaltar os quadros, os esboços e as aquarelas dependurados nas paredes daquela espécie de galeria em que Malivert havia reunido suas curiosidades e fantasias de arte. Estantes em carvalho, bastante baixas para não estorvar os quadros, formavam, em torno da peça, como que um revestimento interrompido pela única porta. Os livros que encerravam aquelas estantes surpreenderiam o observador por seu contraste; dir-se-ia a biblioteca de um artista e de um sábio. Ao lado dos poetas clássicos, de todos os tempos e de todos os países, de Homero, Hesíodo, Virgílio, Dante, Ariosto, Ronsard, Shakespeare, Milton, Goethe, Schiller, Lord Byron, Victor Hugo, Sainte-Beuve, Alfred de Musset, Edgard Poe, encontravam-se a *Simbólica*, de Creuzer, a *Mecânica Celeste*, de Laplace, *A Astronomia*, de Arago, a *Fisiologia* de Burdach, *O Cosmos*, de Humboldt, as obras de Claude Bernard, de Berthelot e outras obras de ciência pura. Entretanto, Guy de Malivert não era um sábio. Havia aprendido apenas o que se ensina nos colégios. Depois, porém, completara sua educação literária. Parecia-lhe vergonhoso ignorar todas essas admiráveis descobertas que fizeram a glória do século XIX. Pôs-se ao corrente delas, o melhor que pôde. Em sua presença, podia-se falar de astronomia, cosmogonia, eletricidade, vapor, fotografia, química, micrografia, geração espontânea. Entendia de tudo isso e, algumas vezes, surpreendia seu interlocutor com observações espirituosas e novas.

Assim era Guy de Malivert à idade de vinte e oito ou vinte e nove anos. Sua cabeça, de testa um tanto quanto ampla, tinha uma expressão aberta e franca, que dava prazer olhar. Ao nariz, sem ser de uma regularidade grega, não faltava nobreza, separando os olhos castanho-escuros de firme expressão. A boca, ligeiramente grossa, denunciava simpática bondade, e seus cabelos, de um castanho quente, juntavam-se em anéis finos e anelados. Um bigode, de

um tom de ouro avermelhado, sombreava-lhe o lábio superior. Em suma, Malivert era o que se chama um atraente jovem, e quando de sua entrada na sociedade teve êxitos sem buscá-los demasiado. As mães, adornadas com filhas casadoiras, dispensavam-lhe infinitas atenções, pois tinha 40.000 francos de renda, em terras, e um tio excêntrico, várias vezes milionário, do qual seria herdeiro.

Posição admirável! Não obstante, Guy não se casara ainda. Contentava-se em fazer um sinal de cabeça aprobatório às sonatas que as jovens senhorinhas executavam em sua presença. Depois das contradanças acompanhava-as, polidamente, aos seus lugares, todavia a sua conversação com elas, durante os intervalos das danças, limitava-se a frases deste gênero: “Faz muito calor neste salão!”, aforismo de onde era impossível deduzir a menor esperança matrimonial. Não que a Guy de Malivert faltasse espírito! Teria encontrado, facilmente, alguma coisa menos banal para dizer, se não receasse meter-se entre essas redes, urdidas com fios mais perigosos que as teias de aranha, estendidas, no mundo, ao redor das virgens núbéis com dotes não muito animadores.

Quando sentia-se excessivamente bem recebido numa casa, deixava de frequentá-la, ou partia para uma longa viagem; e quando de sua volta tinha sempre a satisfação de ver-se completamente esquecido.

Dir-se-á, talvez, que Guy, como muitos jovens da atualidade, encontrava no mundo galante passageiras uniões morganáticas que lhe tornavam o matrimônio sério dispensável. Isso não acontecia.

Sem ser mais rigorista do que o permitia sua idade, Malivert não apreciava essas belezas pintadas, penteadas ridiculamente e estofadas de crinolinas extravagantes. Pura questão de gosto! Tivera, como toda a gente, algumas aventuras. Duas ou três mulheres não compreendidas, mais ou menos

separadas de seus maridos, proclamaram-no seu ideal, ao que ele respondera: “Vocês são demasiado honestas!”, não se atrevendo a dizer-lhes que não correspondiam ao que idealizava, pois Malivert era um moço assaz cerimonioso.

Uma figurante pequenina, dos *Délassements-Comiques*, à qual havia dado alguns luíses e um abrigo de veludo, pretendendo-se traída, ensaiara asfixiar-se em sua honra. Todavia, apesar de tão formosas aventuras, Guy de Malivert, sincero consigo mesmo, reconhecia haver chegado a essa idade solene de vinte e nove anos, na qual o jovem-homem transforma-se em homem-jovem, ignorando o amor, pelo menos tal como o pintam nos poemas, dramas e romances, e até como o descreviam seus amigos, em suas confidências ou em suas jactâncias. Consola-se muito a gosto dessa infelicidade, pensando nos desgostos, nas calamidades e nos desastres a que arrasta essa paixão, e esperava, pacientemente, o dia em que surgisse, trazido pelo destino, o objeto que devia fixar decisivamente sua atenção.

Entretanto, como frequentemente o mundo dispõe dos outros segundo sua fantasia e sua conveniência, havia-se decidido nos salões que Guy de Malivert frequentava com mais assiduidade, que ele estava enamorado da Senhora d’Imbercourt, jovem viúva à qual fazia numerosas visitas.

As terras da Senhora d’Imbercourt limitavam-se com as de Guy. Ela possuía cerca de sessenta mil francos de renda, não contando mais que vinte e dois anos. Sentira, de uma maneira conveniente, a perda do Senhor d’Imbercourt, velho bastante rude, e sua posição permitia-lhe tomar um marido jovem e de atraente aspecto, de bom nascimento e fortuna igual à sua.

Com sua autoridade privada, a sociedade os havia casado, cogitando ter, na residência deles, um salão agradável, terreno neutro para as reuniões mundanas. A Senhora d’Imbercourt aceitara, tacitamente, esse himeneu, e já se

via um pouco como esposa de Guy, que não punha nenhum apressuramento em declarar-se, e até pensava em não voltar à casa da bela viúva, que lhe parecia algo enfatuada com as aparências de legitimidade de posse assumidas por antecipação.

Naquela noite mesmo, Guy devia tomar chá em casa da Senhora d'Imbercourt. Depois do jantar, porém, a preguiça invadira-o. Sentia-se tão bem em sua casa que hesitara ante a ideia de vestir-se e sair, com sete ou oito graus abaixo de zero, apesar da peliça e do aquecedor de água quente colocados em sua carruagem. Como pretexto, a si mesmo dissera que seu cavalo não estava ferrado para o gelo, e podia resvalar, perigosamente, na neve endurecida. Por outra parte, não lhe agradava deixar, duas ou três horas, diante de uma porta, exposto aos efeitos do Nordeste, um animal que Crémieux, o celebre negociante de cavalos dos *Champs-Élysées*, vendera-lhe por cinco mil francos.

Vê-se, pois, que Guy estava mediocrementemente enamorado, e que a Senhora d'Imbercourt teria de esperar muito tempo a cerimônia que lhe permitiria tomar outro nome.

Quando Malivert, amodorrado pela morna temperatura do aposento, no qual revolteava a azulada e olorosa fumaça de dois ou três havanas, cujas cinzas enchiam um pequeno cinzeiro de antigo bronze chinês, tendo por pé uma águia entalhada em madeira, colocado ao seu lado sobre um velador que sustinha a lâmpada, começou a sentir, boiando sob suas pálpebras, os primeiros pós-de-ouro do sono, a porta do aposento abriu-se com precaução e um criado apareceu, trazendo sobre uma bandeja de prata, uma carta pequenina, perfumada e lacrada com um selo muito conhecido de Guy, que, imediatamente, assumiu um ar de desagrado.

O odor de almíscar no papel pareceu também impressioná-lo

desagradavelmente. Era um bilhete da Senhora d'Imbercourt, recordando-lhe a promessa de ir à sua casa tomar uma xícara de chá.

– O diabo que a carregue – exclamou com pouca delicadeza – com seus bilhetes que me dão dor de cabeça! Que imenso prazer atravessar a cidade para ir beber uma xícara de água quente, na qual se faz navegar algumas folhas tintas de azul-da-Prússia e de verde-gris, quando eu tenho, nessa caixa de laca de Coromandel, chá de caravana, chá autêntico, que ainda tem o selo da aduana de Kiatha, o último posto russo na fronteira da China! Não, decididamente, não irei!

Um resto de cortesia, entretanto, fê-lo mudar de opinião. Ordenou ao criado-de-quarto que lhe trouxesse as roupas, mas, quando viu as calças esticadas cuidadosamente sobre o espaldar da poltrona, a camisa rígida e alva como uma peça de porcelana, o traje preto, cujas mangas vazias oscilavam, os sapatos de verniz reluzente como um espelho, as luvas esticadas, semelhantes a mãos passadas por um laminador, foi tomado de súbito desespero e afundou-se, energicamente, nas almofadas.

– Decididamente, fico! Jack, vá aprontar-me o leito!

Já dissemos antes, Guy era um jovem bem educado, e, acima de tudo, tinha bom coração. Agitado por ligeiro arrependimento, hesitou ao entrar na alcova, que lhe sorria com todas as suas íntimas comodidades e cogitou que a mais rudimentar cortesia exigia que enviasse uma palavra de escusa à Senhora d'Imbercourt, pretextando uma enxaqueca, um assunto importante, uma contrariedade qualquer, surgida à última hora, dispensando-se, cortesmente, de ir à sua casa. Mas acontecia que Malivert, muito embora capaz, sem ser literato de profissão, de escrever um artigo de viagem ou uma crônica para a *Revue des Deux Mondes*, detestava escrever cartas, e, sobretudo, essa espécie de bilhete de pura política, tais os que as mulheres garatujam, às dezenas,

sobre seus toucadores, enquanto as Clotildes ou Rosas os separam. Poderia mesmo fazer um soneto com rimas estranhas e difíceis. Todavia a sua esterilidade em matéria epistolar era completa, e, para evitar uma explicação de duas linhas, iria em pessoa levá-la ao outro lado da cidade.

Por sua aversão aos bilhetes, a ideia desesperada de apresentar-se à residência da Senhora d'Imbercourt assaltou-lhe o espírito. Acercando-se da janela entreabriu as cortinas e viu, através dos vidros embaçados de umidade, uma noite negra, que miúdos flocos brancos, caindo espessamente, pintalgavam como o dorso das curiosas galinhas-d'angola. Mentalmente evocou Grimalkin sacudindo sua pelúcia de inverno, presa ao caparazão impermeável. Imaginou a desagradável passagem da carruagem pelo vestíbulo, e, na escada, a corrente de ar que o aquecedor não podia neutralizar. Imaginou a Senhora d'Imbercourt, de pé, à frente da lareira, magnificamente vestida, decotada a ponto de recordar uma certa personagem de um romance de Charles Dickens, designada pelo nome de *La poitrine*, na qual o branco colo serve de mostruário à opulência de um banqueiro. Viu os brancos dentes emoldurados por um sorriso imóvel, as sobrancelhas de arco tão perfeito que se diriam desenhadas à tinta-de-nanquim, e que, entretanto, nada deviam à arte, os olhos magníficos, o nariz tão puro que poderia servir de modelo, o talhe que todas as costureiras proclamavam perfeito, os braços redondos, como se tivessem sido torneados, carregados de braceletes demasiado maciços, e a recordação de todos esses encantos que a sociedade lhe tinha destinado, casando-o, sem que tivesse grandes desejos, com a jovem viúva, inspirou-lhe uma melancolia tão profunda que se dirigiu à escrivaninha, resolvido (coisa espantosa!) a escrever, de preferência, duas linhas, a ir tomar chá em casa de uma mulher tão encantadora.

Colocou diante de si uma folha de papel marcado em seco com um G e um

M, caprichosamente enlaçados, mergulhou na tinta uma pena fina de aço, presa num dardo de porco-espinho, e escreveu, bastante baixo na página, para ganhar espaço, esta palavra triunfante: SENHORA. Aqui fez uma pausa, apoiando o queixo na palma da mão. Sua fecundidade não lhe sugeriu mais nada. Durante alguns minutos permaneceu naquela posição, os dedos estendidos sobre a pena, e o cérebro involuntariamente ocupado com ideias contrárias ao assunto de sua carta.

Como se esperando a frase que não vinha, o corpo de Malivert aborreceu-se, sua mão, presa de estremecimentos e impaciências, parecia querer adiantar-se no cumprimento da missão. As falanges contraíam-se e distendiam-se, como se fossem traçar letras, e, por fim, Guy se imobilizou, muito espantado, de haver escrito, absolutamente sem consciência, nove ou dez linhas que leu e cujo sentido era, pouco mais ou menos, este:

*Você é demasiado bela e se acha rodeada de demasiados admiradores para que eu possa dizer, sem ofendê-la, que não a amo. Esta é uma má nota para o gosto de quem faz semelhante confissão... Isto é tudo! Por que, pois, prosseguir mantendo relações que terminariam por unir duas almas tão pouco afeitas uma para a outra, ligando-as por uma eterna desgraça? Você me perdoe. Vou-me embora. Não lhe será difícil esquecer-me.*

– Ah! – exclamou Malivert golpeando a mesa com o punho, quando pôde reler a missiva. – Dar-se-á que eu esteja louco? Ou sonhando? Que carta mais estranha esta! Assemelha-se às litografias de Garvani em que se vê, na legenda, ao mesmo tempo, a frase escrita e a frase pensada, o falso e o verdadeiro. Somente que aqui a frase não engana. Minha mão, que eu quis forçar a escrever uma pequena mentira social, não se prestou a tal, e, contrariamente ao costume, refletiu, com sinceridade, meu pensamento nesta carta.

Guy observou atentamente o escrito e pareceu-lhe que o caráter da letra não era, inteiramente, o mesmo que de Costume empregava.

– Eis aqui – disse – um autógrafo que seria contestado pelos peritos se minha literatura epistolar merecesse o trabalho. Por que diabo essa estranha modificação teria podido dar-se? Entretanto, não fumei ópio, não masqueei haxixe; não posso crer que os dois ou três copos de vinho de Bordeaux que bebi tenham me subido à cabeça! Tenho o cérebro demasiado firme para supor uma coisa dessas. O que me há de suceder se a verdade se escapa de tal maneira da minha pena? Por sorte, não estando muito seguro de minha ortografia noturna, reli minha carta. Que efeito causariam estas amáveis linhas, tão terrivelmente sinceras, e que aspecto indignado e estupefato teria posto a Senhora d’Imbercourt ao lê-las! Talvez fosse melhor que a carta seguisse tal como está: eu passaria por um monstro, por um selvagem tatuado, indigno de usar uma gravata branca, mas, pelo menos, essa intimidade que me aborrece se partiria em pedaços como uma taça, e uma taça partida não se reconstitui. Se eu fosse um pouco supersticioso, veria, no fundo disso, uma advertência do céu, em vez de uma distração inqualificável.

Depois de uma pausa, Guy tomou uma resolução violenta.

– Visto que sou incapaz de escrever esta carta, vamos à residência da Senhora d’Imbercourt. Vestiu-se com precipitação e, quando ia sair da alcova, teve a impressão de ouvir um suspiro, porém tão débil, tão rápido, tão aéreo, que fora preciso o profundo silêncio da noite para que pudesse o ouvido percebê-lo.

Aquele suspiro deteve Malivert na porta do gabinete, causando-lhe essa impressão de sobrenatural que experimentam os mais destemerosos. Não havia nada de fantasmagórico naquela nota vaga, inarticulada e queixosa, e, entretanto, Guy sentiu-se mais perturbado que ousara confessar a si mesmo.

– Bah! Foi meu angorá que lançou um suspiro no sono – resolveu Malivert, arrebatando às mãos do criado um abrigo de peles.

Nele envolveu-se com uma correção que evidenciava longas viagens pela Rússia e desceu, bastante mal-humorado, ao saguão onde o esperava a carruagem.

---

1. Nota do tradutor: O escritor faz referência a uma prática dos produtores de vinhos no tempo dos navios à vela. Costumavam-se carregar os veleiros que demandavam às Índias com tonéis de cognac e vinhos finos, que envelheciam e amadureciam mais rapidamente na ardência dos climas tropicais.

2. Nota do tradutor: Henry Wadsworth Longfellow, poeta americano nascido em 1807 e desencarnado em 1882. Começou a escrever aos 13 anos. Viajou pela Europa para se aperfeiçoar nas línguas daquele continente e nas culturas clássicas. Sofreu forte influência da literatura sueca. Casou-se duas vezes. A publicação de suas *Baladas e Outros Poemas* foi o começo de sua popularidade. Ao morrer, aos 75 anos, foi pranteado como o maior poeta de seu país. Seu estilo lírico e sua linguagem apurada influíram consideravelmente na poesia americana. *Evangeline* foi escrito em 1847.

## Capítulo 2

Encolhido num canto da carruagem, com os pés sobre o depósito de água quente do aquecedor, a peliça bem aconchegada ao corpo, Malivert olhava sem ver os estranhos jogos de sombra e luz que desenhavam sobre os vidros recobertos de uma ligeira geada, os rápidos raios luminosos partidos de um ou outro armazém iluminado a gás e ainda aberto, apesar da hora avançada, e as perspectivas das ruas estreladas de pontos luminosos.

Em poucos minutos a viatura atravessava a ponte da Concórdia, sob a qual deslizava o negro Sena com seus brilhos sombrios e seus reflexos de lanternas suspensas. Enquanto a carruagem rodava, Malivert procurava esquecer o suspiro misterioso que ouvira, ou acreditara ouvir no momento em que deixava a alcova. Dava-se a si mesmo todas as razões naturais que os cépticos expõem para explicar o incompreensível. Seria, sem dúvida, o vento encanado na lareira ou no corredor, qualquer ruído exterior modificado pelo eco, a surda vibração de uma das cordas do piano agitada à passagem de uma viatura pesada, ou mesmo um gemido do angorá, sonhando junto ao fogo, como imaginara de princípio. Nada mais provável – o bom senso dizia-lhe. Malivert, entretanto, muito embora reconhecendo o quanto de lógica havia nessas explicações, não podia, intimamente, contentar-se com elas. Um instinto secreto afirmava-lhe que o suspiro não se originara de qualquer uma das causas às quais sua prudência filosófica atribuía-o. Sentia que o débil gemido partira de alguma coisa de sobrenatural; não era um ruído material, sem importância. Soara-lhe como um misto de suspiro e queixume. De onde teria vindo? Guy embebia-se no assunto invadido dessa espécie de ansiedade cheia de interrogações que experimentam os espíritos mais lógicos que, mesmo sem

o procurar, também se encontram, muita vez, em face do desconhecido. Não havia absolutamente ninguém na alcova, à exceção de Jack, criatura sentimentalmente nula. O suspiro, docemente modulado, harmonioso, terno, mais ligeiro que o sussurro da brisa nos ramos da faia negra, era indubitavelmente feminino. Não se poderia negar-lhe essa característica.

Outra circunstância intrigava Malivert: aquela carta, que fora escrita, por assim dizer, sozinha, como se uma vontade independente da sua houvesse guiado seus dedos. A desculpa de uma distração, à qual Guy se apegara de princípio, não podia, de nenhuma maneira, ser levada a sério. As emoções da alma passam pelo controle do espírito antes de se fixarem no papel, e, ademais, não podem ir, por si mesmas, nele imprimir coisas enquanto o cérebro devaneia. Fora preciso que uma inteligência, que ele não era capaz de definir, se apossasse de si, enquanto estivera ausente e esquecido, atuando em seu lugar, visto estar, enquanto refletia nisso tudo, bem seguro de não ter dormido um só minuto que fosse. Durante toda a tarde sentira-se invadido de preguiça, sonolento, tomado por um torpor agradável, mas no momento em que se assentara para escrever a carta estava inteiramente desperto. A alternativa irritante de ir à casa da Senhora d'Imbercourt ou de escrever-lhe um bilhete desculpando-se por não aceitar o convite, causara-lhe uma superexcitação febril.

Aquelas linhas, que resumiam seus secretos pensamentos de uma maneira tão precisa e mais concretamente do que ele próprio podia imaginar, eram devidas a uma intervenção que não podia furtar-se de qualificar de *sobrenatural*, até que uma análise mais aguda pudesse explicar ou, pelo menos, classificar de outra maneira.

Enquanto Guy remoía, mentalmente, essas questões, a carruagem rodava através das ruas que o frio e a neve tornavam mais desertas que habitualmente,

ruas de quarteirões elegantes e ricos onde a vida noturna se prolonga até as altas da madrugada. A Praça da Concórdia, a Rua de Rivoli, a Praça Vendôme foram, em pouco tempo, deixadas para trás, e a viatura, ganhando o *boulevard*, desviou-se para o ângulo da Calçada d'Antin, onde residia a Senhora d'Imbercourt.

Ao penetrar no pátio, Guy experimentou uma sensação de desagrado: duas fileiras de carruagens, com seus cocheiros abrigados em peles, estacionavam no espaço central. Cavalos impacientes sacudiam seus freios, espargindo pelo pavimento flocos de espuma e neve.

– Eis o que ela chama “um sarau íntimo, um chá junto à lareira”. Não muda! Paris em peso deve estar aqui, e eu não vim a rigor! – resmungou Malivert. – Teria feito melhor me deitando, mas quis bancar o diplomata à moda de Talleyrand<sup>3</sup>! Não segui meu primeiro impulso porque era o melhor!

Subiu as escadas com passos vagarosos, e, depois de se ter desembaraçado da peliça, dirigiu-se ao salão, cujas portas um lacaios abriu com especial deferência, obsequioso, confidencial como se dirigindo ao homem que, dentre em breve, se tornaria o dono da casa, e a cujo serviço desejava permanecer.

– Mas como! – disse a si mesmo, num murmúrio, Guy de Malivert, apercebendo-se daquele servilismo mais acentuado que habitualmente. – Pois não é que até os criados dispõem da minha pessoa e me casam, valendo-se de sua autoridade privada, com a Senhora d'Imbercourt?! Mas os proclamas não correram ainda!

A Senhora d'Imbercourt, vendo que Guy se aproximava, curvou a cabeça, descobrindo, atrevidamente, o colo, no cumprimento moderno, e deixou escapar um pequeno grito de satisfação que tentou disfarçar com uma expressão de fria condescendência. Mas os lábios sempre sorridentes,

acostumados a descobrir até as gengivas rosadas, os dentes de nácar imaculado, não puderam fechar-se para compor o lindo muchocho que pretendia, e a dama, percebendo de relance, por um espelho, que essa expressão não teria bom êxito, tomou o partido de mostrar-se afável, como uma mulher indulgente. Afinal, não se deve exigir muito, hoje em dia, da galantaria dos homens!

– Como custou a chegar, Senhor de Malivert! – disse estendendo-lhe uma pequena mão tão estreitamente apertada na luva que parecia de madeira, ao ser tocada. – Sem dúvida distraiu-se no seu feio clube fumando cigarros e jogando cartas, não é mesmo? Mas também, e este é o seu castigo: não ouviu o grande pianista alemão Kreisler executar o Galope Cromático de Liszt, e nem a deliciosa Condessa Salvarosa cantar a Romanza do Saule como jamais cantou-a Malibran<sup>4</sup>!

Com frases convencionais Guy exprimiu o pesar que sentia, a dizer verdade, mediocrementemente, por ter perdido o Galope do *virtuose* e a apresentação da grande dama. Como se sentia um pouco constrangido entre tanta gente formalmente vestida, procurou escapar pela tangente e ganhar um canto menos iluminado, onde o seu solecismo involuntário de *toilette* ficasse mais facilmente despercebido na penumbra. Custou-lhe bastante trabalho levar a efeito essa resolução, pois a Senhora d’Imbercourt reconduzia-o sempre ao círculo de vistantes, com um olhar ou uma palavra qualquer que exigia uma resposta imediata de Guy. Mas finalmente pôde abrir uma brecha, alcançando uma porta que comunicava o salão principal com outro, menor, guarnecido como uma estufa, inteiramente ornado de caniços e disposto em latadas de camélias.

O salão da Senhora d’Imbercourt era branco e dourado, atapetado de damasco carmesim da Índia; móveis pesados, macios e bem estofados

guarneciam-no. O lustre, de braços dourados, fazia luzir as velas de cera em folhagens trabalhadas em cristal de rocha. Castiçais, vasos e uma grande pêndula que atestavam o gosto de Barbedienne, enfeitavam a lareira de mármore branco. Um tapete maravilhoso, macio como musgo, estendia-se sob seus pés. Cortinas caíam sobre as janelas, amplas e ricas. Numa tela magnificamente emoldurada, sorria, mais amplamente que o modelo, um retrato da Condessa pintado por Winterhalter<sup>5</sup>.

Nada havia de notável naquele salão mobiliado com coisas belas e caras, mas que podem possuir todos aqueles cuja bolsa o permita, mesmo sem ter um grande conhecimento de arquitetura e tapeçaria. Sua riqueza vulgar era perfeitamente convencional; faltava-lhe, porém, estilo. Nenhuma particularidade indicava seleção, e, ausente a dona da casa, facilmente acreditar-se-ia estar no salão de um banqueiro, advogado ou de um turista americano. Carecia de alma e personalidade. E, por isso, Guy, artista por temperamento, achava aquele luxo espantosamente burguês, terrivelmente desagradável. Era também, e por conseguinte, o fundo contra o qual a Senhora d'Imbercourt, ela, cuja beleza se compunha de vulgares perfeições, devia destacar-se.

Ao centro da peça, sobre um *puff* circular coroado por um grande vaso da China, onde desabrochava uma rara e exótica planta, da qual a Senhora d'Imbercourt não sabia nem o nome, ali colocada pelo jardineiro da casa – sentadas entre gazes, tules, rendas, cetins, veludos, cujas pregas revoltas chegavam-lhes até o colo –, exibiam-se mulheres, em sua maioria jovens e belas, cujas *toilettes*, de um capricho extravagante, acusavam a indispensável e custosa fantasia de Worth. Em seus cabelos escuros, claros, ruivos ou aplatados, de uma opulência a fazer supor, malevolamente ao menos, que a arte devia aí aprimorar a beleza, contrariando o romance de Planam,

cintilavam diamantes, eriçavam-se plumas, verdejavam folhagens salpicadas de gotículas d'água, entreabriam-se flores verdadeiras ou artificiais, brilhavam broches de sequins, entrecruzavam-se feiras de pérolas, reluziam flechas de pedrarias, punhais em miniatura, alfinetes de duas cabeças, fosforesciam adornos de asas de escaravelho, contorciam-se faixas doiradas, encontravam-se fitas de veludo vermelho ao cimo de cujos aspirais tremeluziam estrelas de pedrarias, e, de um modo geral, tudo o que pode sustentar-se sobre a cabeça de uma mulher elegante, sem contar os cachos de uvas, groselhas e as bagas de vivas cores que Pomona pode emprestar a Flora para tornar completo um penteado de *soirée*, caso seja permitido a um romancista que escreve em 1865 servir-se dessas denominações mitológicas.

Encostado ao umbral da porta, Guy contemplava aqueles ombros acetinados sob a flor de pó-de-arroz, as nuca em que se encaracolavam rebeldes cachinhos, aqueles seios alvos que algumas vezes atraíçavam o decote demasiado baixo de uma blusa. Esta é, porém, uma desgraça com a qual se resigna facilmente uma mulher segura de seus encantos. Ademais, o movimento feito para recompor a fazenda é dos mais graciosos. O dedo que corrige o deslize de um decote, dando-lhe um contorno favorável, fornece uma oportunidade de compor encantadoras poses. Nosso herói entregava-se a esse interessante estudo, que preferia às banais palestras, e, segundo ele, esse é o maior benefício que nos pode proporcionar um baile ou uma *soirée*! Folheava com indolência esse álbum de belezas vivas, esses *keepsakes*<sup>6</sup> animados que a sociedade distribui pelos seus salões, da mesma maneira como se colocasse sobre as mesas dos estereoscópios<sup>7</sup> álbuns e jornais destinados às pessoas tímidas. Esse prazer ele o desfrutava agora com o máximo de segurança, pois, como consequência dos rumores espalhados quanto ao seu próximo casamento com a Senhora d'Imbercourt, não se via mais constrangido a vigiar seus

olhares, dantes espreitados pelas mães desejosas de colocar suas filhas. Já não se esperava nada dele. Cessara de ser uma presa, era um homem colocado, e, muito embora alguns julgassem *inpetto* que poderia ter feito, afinal de contas, uma melhor escolha, a coisa fora aceita. Podia mesmo, sem consequências, dirigir duas ou três frases seguidas a uma jovem senhorinha. Não era já o esposo da Senhora d'Imbercourt?

No mesmo vão de porta que Guy de Malivert, achava-se um jovem que ele encontrava uma vez por outra no seu clube, e cujo modo de ser, marcado de uma bizzarria setentrional, agradava-o de sobremaneira. Era o Barão de Feroë, um sueco, compatriota de Swedenborg<sup>8</sup>, e, como este, inclinado sobre o outro mundo como com este. O formato de sua cabeça era estranho. Seus cabelos loiros penteavam-se em mechas lisas, dando a impressão de abismo do misticismo. O bigode tinha um tom doirado tão pálido que se diria de prata. Havia nos seus olhos, de um cinzento azulado, uma expressão indefinível, e seu olhar, ordinariamente velado pelos longos cílios aloirados, dardejava, algumas vezes, cintilações penetrantes, parecendo ir além dos limites humanos. Não obstante, o Barão de Feroë era demasiadamente *gentleman* para afetar a menor excentricidade. Suas maneiras eram corteses e frias, de uma correção inglesa, sem que as estudasse defronte ao espelho. Nessa noite, como ao sair do chá da Senhora d'Imbercourt tencionava ir ao baile da Embaixada da Áustria, vestira-se a grande rigor, e sobre seu traje negro, cuja lapela ocultava parcialmente uma condecoração de ordem estrangeira, luziam, suspensas numa fina cadeia de ouro, as cruces do Elefante e de Danebrog, o mérito da Prússia, a ordem de S. Alexandre Newsky e outras condecorações das cortes do Norte, provando seus serviços diplomáticos.

Era um homem singular o Barão de Feroë, mas de uma singularidade que não chocava à primeira vista, de tal maneira estava envolto na fleuma

diplomática. Era visto com frequência na sociedade, nas recepções oficiais, no clube, na ópera. Não obstante, porém, essa aparência de homem mundano, vivia de uma maneira misteriosa. Não tinha amigos! Em sua casa, inteiramente afastada, nenhum visitante ultrapassara o primeiro salão. A porta que conduzia aos outros aposentos não se abria para absolutamente ninguém. À maneira dos turcos, não destinara à vida exterior senão um único salão, no qual, evidentemente, não vivia. Assim que a visita se despedia, voltava às profundezas da habitação. De que se ocupava? Isso ninguém sabia. Ausentava-se às vezes por longo tempo, e as pessoas que lhe notavam a ausência atribuíam-na a qualquer missão secreta, a uma viagem à Suécia, onde residia sua família. Quem passasse, entretanto, horas altas pela rua pouco frequentada em que residia o Barão, veria luzes brilhando em sua janela, e, vez por outra, provavelmente, ele próprio, com os cotovelos apoiados no balcão e o olhar perdido nas estrelas distantes... Mas ninguém tinha interesse em espionar o Barão de Feroë. Ele dava ao mundo estritamente o que deveria dar, e o mundo não pedia mais. Junto às mulheres, sua polidez indiscutível não ia além de certos limites, mesmo quando teria podido, sem risco, aventurar-se um pouco mais. Não obstante sua frieza, não era desagradável. A pureza clássica de seus traços recordava a escultura greco-escandinava de Thorwaldsen<sup>2</sup>. “É um Apolo gelado!”, disse a seu respeito a Duquesa de C... que, acreditando-se na maledicência, ensaiara derreter aquele gelo.

Como Malivert, o Barão de Feroë observava um colo encantador, de uma alvura de neve, apresentando-se numa atitude um tanto curvada que marcava deliciosamente as linhas. O roçar de um adereço de pequenas folhas verdes, descendo do penteado, fazia-o arrepiar-se de quando em vez, quase imperceptivelmente.

Encantadora pessoa! – disse o Barão de Feroë a Guy, cujo olhar havia

seguido. – É mesmo uma pena que não tenha alma! Quem dela se enamorar terá sorte idêntica à do estudante Nataniel do *Homme au sable*, de Hoffmann! Correrá o risco de apertar, no baile, um manequim entre os braços, e será uma valsa macabra essa para um homem de coração.

– Tranquelize-se, meu caro Barão – disse Guy de Malivert rindo. – Não tenho intenções de me prender a quem pertence tão soberbo colo, ainda que umas soberbas espáduas não sejam, por si mesmas, coisa de se desprezar. Neste momento confesso-lhe, para minha vergonha, que não tenho sombra de paixão por quem quer que seja.

– Mas como? E a Senhora d’Imbercourt que você vai, dizem, desposar? – replicou o Barão de Feroë com um ar de irônica incredulidade.

– Há na sociedade – disse Malivert servindo-se de uma frase de Molière – pessoas que casariam o Grã-Turco com a República de Veneza. Eu, porém, tenciono continuar solteiro.

– Faz bem – prosseguiu o Barão, cuja voz mudara repentinamente de inflexão, passando de uma familiaridade amigável a uma solenidade misteriosa. – Não se prenda por nenhuma aliança terrena. Permaneça livre, à espera do amor que talvez venha ao seu encontro. Os espíritos têm os olhos postos sobre você, e no extramundo poderá arrepender-se, eternamente, por uma falta cometida neste.

Enquanto o jovem Barão sueco dizia essas frases estranhas, os seus olhos, de um azul metálico, brilhavam singularmente, expedindo faíscas cujo calor Guy de Malivert julgou sentir sobre o peito.

Depois dos acontecimentos extravagantes da noite, essa recomendação misteriosa não o encontrou tão incrédulo quanto era dantes. Dirigiu os olhos espantados, plenos de interrogações, para o sueco, como lhe implorando que

falasse mais claramente. O Senhor de Feroë, porém, consultando o relógio de bolso, disse:

– Chegarei atrasado à Embaixada.

Apertou firme e energicamente a mão de Malivert, e dirigiu-se à porta, sem roçar um vestido, sem pisar uma cauda, sem um esbarrão. Um pequeno espaço bastava para sua passagem, com uma delicada habilidade que provava seus hábitos sociais.

– Ora vejam! Guy, você não vem tomar uma xícara de chá? – disse a Senhora d’Imbercourt, que finalmente descobrira seu pretense adorador apoiado, com uma expressão de sonho, de encontro à porta do pequeno salão. Malivert viu-se obrigado a seguir a dona de casa, do aposento à mesa, onde fumegava a beberagem quente, num recipiente de prata, rodeado de xícaras chinesas.

O real apressava-se em reconquistar sua presa ao ideal.

---

3. Nota do tradutor: Talleyrand-Périgord, Charles Maurice de – Estadista francês (1754-1838). Bispo de Autun, deputado do clero aos Estados Gerais e membro da Assembleia Constituinte. Por haver jurado a Constituição civil do clero foi excomungado. Viajou para Londres e, logo em seguida, para os Estados Unidos. Retornando ocupou os cargos de ministro do Diretoria e ministro das Relações Exteriores durante o Consulado e o Império. Com a queda de Napoleão, contribuiu para a restauração dos Bourbons. Desempenhou as funções de embaixador em Londres durante o reinado de Luís Felipe. Escreveu as suas *Memoirs*.

4. Nota do tradutor: Os personagens mencionados devem ter sido criados pelo autor, com exceção de Listz e de Maria Felicidad Malibran, cantora nascida em Paris a 24.3.1808. Desencarnou em Manchester em 23.9.1836. Era filha do tenor Manuel Garcia e irmã de Michelle Pauline Garcia. Estudou com seu pai. Iniciou sua carreira artística em Londres em 1825, e, bem cedo, ganhou celebridade em toda a Europa, maravilhando as plateias com sua magnífica voz de contralto, de grande extensão. Visitou com seu pai os Estados Unidos e foi ali que contraiu matrimônio com o comerciante Malibran, do qual divorciou-se quando este foi à falência. Em 1827 apresentou-se em Paris, contratada pela soma de 50.000 francos. Apresentou-se em seguida em Londres, onde vivia sua grande rival, Henriette Sontag. Dirigiu-se em seguida à Itália onde teve sensacionais êxitos. Casou-se em segundas núpcias com o violinista Beriot (março de 1836) e não muito depois desencarnava por

excesso de fadiga durante um festival realizado em Manchester. Como compositora escreveu alguns noturnos e canções que alcançaram grande voga, desde os seus lançamentos.

5. Nota do tradutor: Winterhalter, F. X. Pintor alemão nascido em 1805 e desencarnado em 1873. Distinguiu-se pelos retratos executados nas cortes de Luís Felipe, de Napoleão III e da Rainha Vitória.

6. Nota do tradutor: *Keepsakes* – em inglês no original: dádivas, presentes.

7. Nota do tradutor: Estereoscópio – instrumento de óptica que dá a sensação de relevo e perspectiva por meio de imagens planas.

8. Nota do tradutor: Swedenborg, Emanuel – cientista, filósofo e místico sueco, nascido em 1688 e desencarnado em 1772. Sua obra tem muitos contatos com a Doutrina Espírita, tal como a codificou Allan Kardec, o que faz com que vários escritores o chamem “O Primeiro Espírita da História”.

9. Nota do tradutor: Thorwaldsen, Alhert Bartel – escultor dinamarquês nascido em 1770 e desencarnado em 1844. Estudou na Academia Real de Pintura e Escultura da Dinamarca, onde em 1783 obteve um prêmio máximo com o célebre baixo-relevo “S. Pedro curando os paralíticos”. Partiu para a Itália, aprofundando-se em estudos. Em 1820 voltou à Dinamarca onde esculpiu um grande número de obras. Muitas delas esteio reunidas num museu dinamarquês que recebeu o seu nome. Escreveu algumas obras: *Amor em Descanso*; *Adonis*, *Hebe e Ganimedes*; *Vênus*; *Três Graças*, etc.

### Capítulo 3

As singulares palavras do Barão de Feroë e o desaparecimento quase súbito do jovem diplomata, depois de tê-las pronunciado, faziam a imaginação de Guy trabalhar ativamente enquanto retornava ao subúrbio de Saint-Germain, conduzido pelo trote rápido de Grimalkin, para o qual um noroeste glacial tomava agradável a ideia de voltar às cavaliças, ao seu compartimento aquecido e forrado de palha desfiada, ainda que, animal de boa raça que era, não tivesse necessidade de tais motivos para sustentar uma boa andadura.

“Que diabo teria querido dizer com seus enigmas solenemente recitados numa entonação de mistagogo?” – pensava Guy de Malivert, enquanto ia deixando cair, entre as mãos de Jack, as peças do seu vestuário. “Entretanto é um *gentleman* da civilização menos romântica que existe, o Barão de Feroë. É puro, polido e cortante como uma navalha inglesa, e suas maneiras, de uma correção absoluta, são de uma frieza capaz de, em comparação, fazer o vento polar parecer tépido. Que tenha querido zombar de mim é uma ideia inadmissível. Ninguém zomba de Guy de Malivert, mesmo sendo um bravo, como o Barão de cílios prateados. Ademais, a troco de que faria essa brincadeira? Afinal de contas, não demonstrou ter-se divertido, silenciou apenas, como um homem que nada mais tem a dizer. Bah! Não nos preocupemos mais com essas frivolidades. Verei o Barão amanhã no clube e, certamente, desta vez, será mais explícito. Deitemo-nos e tratemos de dormir, estejam ou não os espíritos de olhos postos sobre nós.”

Com efeito, Guy deitou-se, mas o sono não veio como esperava, não obstante ter lançado mão dos livros mais soporíferos que conhecia, sobre os

quais apenas passara os olhos maquinalmente atentos. Apesar de seus esforços, permanecia atento, ouvindo os imperceptíveis ruídos que se destacavam no silêncio e ganhavam mais e mais intensidade, com o passar das horas. A rápida pausa do mecanismo da pêndula, antes de bater horas ou quartos, o crepitar de uma fagulha sob as cinzas, o estalido da madeira contraída pelo calor, o somido da gota de óleo ao cair na lâmpada, o sopro do vento encanado pela lareira, sibilando baixinho – a despeito das almofadas de areia – por sob a porta, o tombo inesperado de um jornal, do leito ao chão, punham-no em sobressalto, tão tensos estavam seus nervos. Era como se tivesse, bruscamente, ouvido o estampido de uma arma de fogo. Com os ouvidos excitados ao máximo, ouvia as pulsações das artérias e as pancadas do coração, chegando-lhe até a garganta. Mas, entre todos esses murmúrios confusos, não podia distinguir nada que se assemelhasse a um suspiro.

Cerrava os olhos de quando em vez, na esperança de atrair o sono, mas abria-os logo em seguida, escrutando os cantos da alcova com uma curiosidade mesclada de apreensão. Guy desejava intensamente ver alguma coisa, porém, receando, ao mesmo tempo, que o desejo se realizasse. Em certos momentos suas pupilas dilatadas imaginavam perceber formas indecisas nos ângulos que a luz da lâmpada, rebatida por um quebra-luz verde, não atingia. As pregas das cortinas ganhavam o aspecto de formas femininas, e pareciam palpitar agitadas pelo movimento de um corpo. Mas tudo era ilusão! O brilho dos pontos iluminados, as manchas dos quadros transmutavam-se; as mariposas em voo errante pelo aposento, os filetes ondeantes e vermiculosos das paredes dançavam, formigavam, agigantavam-se e diminuíaam ante o seu olhar fatigado, sem que pudesse observar nada de concreto.

Tomado de uma agitação indescritível, sentindo – sem ver e sem ouvir coisa alguma – a presença do desconhecido em sua alcova, levantou-se e,

abrigando-se num *mach-lah* de pelo de camelo, trazido do Cairo, atirou duas ou três achas sobre as brasas, assentando-se junto da lareira numa ampla poltrona, mais cômoda, para a insônia, que o leito desfeito numa vigília febril. Perto da poltrona viu, sobre o tapete, um papel amassado que apanhou. Era a carta escrita à Senhora d'Imbercourt sob o impulso misterioso que não fora capaz de explicar. Apanhou-o e, desamarrotando-o, notou que a caligrafia daquelas linhas não se assemelhava muito à sua. Dir-se-ia uma mão impaciente que não pudera limitar-se, num *fac-simile*, a seguir, exatamente, o modelo, rasgos e perfis de sua própria letra. O aspecto era mais elegante, mais fino, mais feminino.

À medida que notava esses detalhes, Guy de Malivert pensava no *Escaravelho de Ouro*, de Edgard Allan Poe, na sagacidade maravilhosa com que William Legrand consegue encontrar o significado da carta cifrada em que o Capitão Kid indicava, de modo enigmático, o lugar certo onde escondera a arca contendo seus tesouros. Quisera bem possuir aquela profunda intuição, capaz de suprir, de uma maneira tão sagaz e tão infalível, todas as lacunas, reunindo os fios espalhados da trama. Neste caso, porém, o próprio Legrand, com o auxílio de Auguste Dupin da *Lettre volée* e do *Assassinat de la Rue Morgue*, não poderia, humanamente, desvendar o segredo da força que dominara a mão de Malivert.

Entretanto Guy acabou por adormecer. Seu sono foi pesado e tormentoso, como todo o que sucede a uma noite de insônia e que chega com a aproximação da aurora. Despertou quando Jack entrou para alimentar o fogo e ajudar o amo na primeira *toilette*. Guy sentia-se friorento e indisposto. Bocejou, estirou-se, agitou-se, aspergiu-se com água fria, e, reanimado por essas abluções tônicas, voltou logo à plena posse de suas faculdades. A manhã de olhos cinzentos – como escreveu Shakespeare – vinha chegando, não das

encostas das verdes colinas, mas dos declives claros dos telhados, penetrando no apartamento, cujas cortinas tinham sido corridas por Jack. Conquistando a sombra pelos postigos abertos, a luz devolvia às coisas o seu aspecto real, pondo em fuga as fantasias noturnas. Nada tranquiliza tanto quanto a luz do Sol – mesmo quando seja apenas um pálido Sol de inverno – como aquele que penetrava através dos debuxos arborescentes que a geada estanhara nas vidraças.

Recambiado às sensações habituais da vida, Malivert espantou-se recordando a noite de agitação que passara e disse de si para si:

– Não sabia que fosse tão nervoso!

Depois rompeu o invólucro dos periódicos que Jack trouxera; repassou, rapidamente, as diferentes seções, leu algumas notícias, retomou o volume do *Evangeline*, que havia deixado na véspera, fumou um cigarro e, envolvido em diversas ocupações, distraiu-se até às 11 horas. Vestiu-se e, para fazer um pouco de exercício, resolveu ir apenas ao Café Bignon, onde almoçaria.

A geada da madrugada endurecera a neve da noite e, ao atravessar as Tulherias, Malivert deteve-se algum tempo apreciando as estátuas mitológicas polvilhadas de branco, os gigantescos castanheiros inteiramente recobertos por uma pelúcia prateada. Almoçou com apetite, como um homem que deseja reparar-se de uma vigília fatigante, conversou alegremente com alguns companheiros joviais, representantes da fina flor do espírito e do cepticismo parisiense, que haviam adotado, por lema, a máxima grega: “Lembre-se de não crer!”.

Nas brincadeiras mais picantes, entretanto, Guy sorria um tanto quanto contrafeito. Não apreciava muito os paradoxos da incredulidade e as fanfarronadas que exigiam cinismo. A frase do Barão de Feroë: “Os espíritos têm os olhos postos sobre você” veio-lhe à cabeça involuntariamente.

Pareceu-lhe que havia, às suas costas, uma natureza misteriosa, testemunhando-lhe os atos. Ergueu-se, saudando com a mão os alegres palradores, e deu uns passos pelo *boulevard* por onde passam, num dia, mais coisas extravagantes do que no mundo inteiro em um ano, achando-o, porém, um pouco deserto devido ao frio e à hora. Maquinalmente dobrou o ângulo da Rua Calçada d'Antim. Logo em seguida, achou-se ante a casa da Senhora d'Imbercourt. Quando ia apertar o botão da campainha acreditou sentir um sopro em seu ouvido e, nesse sopro, ouviu, murmuradas baixinho, mas distintamente, estas palavras: “Não entre!”. Voltou-se rapidamente, não encontrando ninguém.

– Mas, será possível! Decididamente – murmurou Malivert – estarei ficando doido? Tenho alucinações em pleno dia? Obedecerei ou não a esta estranha proibição?

No brusco movimento feito para virar-se, sua mão colocada sobre a campainha apertou-a. A porta abriu-se e o porteiro, de pé no seu compartimento, fitava Malivert que hesitava na soleira. Sem grande prazer, depois do incidente sobrenatural que acabara de verificar-se, Malivert entrou. A Senhora d'Imbercourt recebeu-o no pequeno salão dourado, com adornos azuis, onde atendia às visitas da manhã. Guy não o apreciava; suas cores aborreciam-no particularmente. “O amarelo não é o disfarce dos morenos?”, respondia a Condessa a Malivert que, mais de uma vez, ousara solicitar-lhe a mudança de tão odiosa tonalidade.

A Senhora d'Imbercourt vestia uma saia de tafetá preto e uma blusa brilhante, bordada a sutaches, tão enfeitada, recoberta de vidrilhos e passamanarias como jamais *maja* alguma apresentou-se numa *feria* ou numa corrida de touros com uma *basquine* semelhante. Muito embora sendo uma dama da alta sociedade, a Condessa cometia a tolice de permitir que lhe

vestissem essas *toilettes* impossíveis, que apenas as bonecas melindrosas de boquinhas em formato de coração e faces rosadas – que os figurinos anunciam – costumam usar.

Contra seu costume, a Senhora d’Imbercourt apresentava um ar sério. Uma nuvem de contrariedade obscurecia-lhe o rosto, ordinariamente sereno. Tinha os cantos dos lábios ligeiramente caídos. Uma de suas amigas, que a deixara pouco antes, perguntara-lhe – com a hipócrita bondade das mulheres em semelhantes ocasiões – para que data fora fixado o seu casamento com Guy de Malivert. A Condessa enrubescera, balbuciara qualquer coisa, respondendo vagamente que “para logo”. Guy, que a sociedade lhe dera por esposo, entretanto jamais lhe pedira a mão; nem, ao menos, fizera a declaração formal. Mas isso a Senhora d’Imbercourt atribuía a uma timidez respeitosa e, possivelmente, a essa vaga de incerteza que invade todo moço, no momento de abandonar a vida de solteiro. Mas acreditava firmemente que ele se pronunciaria, mais dias menos dias, e já se via tão sua esposa que tinha na cabeça todas as modificações particulares que a presença do consorte traria ao palácio. “Lá a alcova, o gabinete de estudos; o *fumoir* de Guy acolá”, pensara mais de uma vez, medindo com os olhos certos cômodos de seus apartamentos.

Ainda que contrafeito, Guy não podia deixar de convir que a Senhora d’Imbercourt fosse perfeitamente bela, gozava de uma reputação intacta e possuía uma fortuna considerável. Tinha-se deixado levar, desinteressadamente, como todas as pessoas cujo coração é vazio, habituando-se a frequentar a casa onde era melhor acolhido. Voltava sempre porque, ao fim de alguns dias de ausência, um bilhete cheio de uma amável insistência forçava-o a reaparecer.

E, ademais, por que deixaria de ir? A Senhora d’Imbercourt tinha boas

relações e, em sua casa, era sempre certo encontrar, em determinados dias, a maioria de seus amigos. Isso era mais cômodo que procurá-los na confusão da vida parisiense.

– Você tem um ar fatigado! – disse Malivert à Condessa. – Terá passado uma noite agitada pelos diabretes do chá verde?

– Oh! Não! Adiciono-lhe tanto creme que ele perde a força. E, depois, eu sou o “Mitridates” do chá; não tem nenhuma ação sobre mim. Não é por isso que me sinto contrariada.

– Dar-se-á que a minha visita é importuna e estorva algum de seus projetos? Nesse caso retiro-me e faremos de conta que, não tendo encontrado você, tivesse deixado meu cartão com o porteiro.

– Você não me atrapalha absolutamente e sabe que sempre o recebo com o máximo prazer – respondeu a Condessa. – Suas visitas – eu não deveria talvez dizer-lhe – me parecem mesmo bastante raras, ainda que sejam consideradas muito frequentes aos outros.

– Você é livre, não tem pais enérgicos, irmão importuno, tio exigente ou tia vigilante fazendo tricô num canto da janela! A natureza obsequiosa livrou-a dessa floresta de seres desagradáveis que, quase sempre, se eriçam em torno de uma mulher formosa para deixá-la apenas com suas heranças. Você não depende de ninguém, pode receber em sua casa todas as pessoas que quiser.

– É verdade! – replicou a Senhora d’Imbercourt. – Não dependo de ninguém, mas dependo da sociedade. Uma mulher nunca é emancipada, seja ela viúva e, aparentemente, senhora de seus atos. Toda uma guarda de vigilantes desinteressados circunda-a, ocupando-se com a sua vida. Você deve compreender agora, meu querido Guy, que me compromete.

– Eu, comprometo-a? – exclamou Guy com uma sincera surpresa que provava uma simplicidade bem rara num rapaz de vinte e oito anos, de boa

aparência, vestindo-se na Casa Renard e mandando buscar seus sapatos na Inglaterra. – Por que eu, de preferência a d’Aversac, Beaumont, Yanowski ou Feroë, tão assíduos quanto eu tenho sido?

– Eu não saberia dizer-lhe! – respondeu a Condessa. – Quem sabe se você é perigoso sem o saber? Não sei! A sociedade pode ter visto em sua pessoa uma força que você próprio desconhece. O nome de nenhum desses senhores tem sido pronunciado. Julga-se muito natural que frequentem minhas reuniões às quartas-feiras, que me visitem uma vez ou outra, entre cinco e seis horas, quando volto do passeio pelo lago e me cumprimentem em meu camarote nos Bouffons e na Ópera. Esses mesmos atos, entretanto – muito embora em si mesmos inocentes – quando praticados por você tomam, ao que parece, uma significação terrível.

– Sou, porém, o rapaz mais sem manchas do mundo. Nunca uma pessoa teve o que dizer de mim. Não sou um fraque azul como Werther ou um gibão acolchoado como Don Juan. Nunca fui visto dedilhando à guitarra sob algum balcão, não frequento as corridas de carruagens na companhia de senhoritas com *toilettes* suspeitas. Nas *soirées* não trago à baila questões de sentimento ante as senhoras formosas, objetivando pôr em realce a pureza e a delicadeza do meu coração. Nunca me viram apoiado contra uma coluna, mão no colete, olhando, silenciosamente, com ar sombrio e fatal, uma pálida beleza fazendo lembrar a Kitty Bell de Alfred de Vigny. Levo nos dedos anéis contendo cachos de cabelos? Tenho no peito, escondidas, as violetas de Parma oferecidas por ela? Você reviste as minhas gavetas mais íntimas e não encontrará retratos de loiras ou morenas, nem pacotes de cartas perfumadas, atadas com fitilhos de seda ou cintas elásticas, nem chinelas bordadas, nem máscaras rendadas, nem qualquer uma dessas insignificâncias que compõem o museu secreto dos amorosos. Francamente, eu tenho cara de aventureiro?

– Você é muito simples – replicou a Senhora d’Imbercourt – ou se faz de inocente propositadamente. Porém a sociedade – e por desgraça – não é da sua opinião. Encontraram o que dizer das atenções que você me dispensa, muito embora, de minha parte, não veja nelas qualquer mal.

– Pois muito bem – disse Guy. – Farei minhas visitas a espaços maiores. Virei, digamos, a cada quinze dias durante alguns meses e depois farei uma viagem. Para onde irei? Conheço a Espanha, a Itália, a Alemanha, a Rússia. Posso ir à Grécia. Não ter visto Atenas, a Acrópole e o Partenon é um crime. Pode-se ir via Marselha ou embarcar-se em Trieste, na linha do Loyd Austríaco. Toca em Corfú. Vê-se, de passagem, Ítaca, que *soli occidenti bene objacentem*, inteiramente exposta, hoje como nos tempos de Homero, aos raios do Sol poente. Penetra-se até o fundo do golfo de Lepanto. Atravessa-se o istmo e vê-se o que resta da famosa Corinto, que não era dado ao comum dos mortais ver. Toma-se outro barco e, em poucas horas, atraca-se no Pireu. Beaumont contou-me tudo isso. Ele partiu romanticamente arrebatado. Contemplou ali os frisos dóricos, ao alcance, sobre sua cabeça, e não quis mais ouvir falar em catedrais. Entretanto é um clássico inflexível. Pretende que, depois dos gregos, a Humanidade voltou ao estado de barbárie e que nossas pretensas civilizações nada mais são que variações da decadência.

A Senhora d’Imbercourt sentia-se pouco lisonjeada com tal lirismo geográfico, achando aquela boa vontade em não comprometê-la um tanto exagerada. O zelo pela sua reputação, levado ao limite da fuga, não a satisfazia.

– Quem exige que você parta para a Grécia? – perguntou a Guy. – Afora isso – ajuntou com um ligeiro rubor e um imperceptível tremor na voz – não haverá um meio mais simples de calar os maldizentes que abandonar os

amigos e arriscar-se num país onde não se tem a menor segurança, pelo menos dando-se crédito ao *Rei des Montagnes*, de Edmond About?

Temendo ter sido demasiado explícita, a Condessa sentiu uma nuvem de um rosa muito vivo subir-lhe ao rosto. Sua respiração, um pouco arfante, fazia brilhar e tinir, sobre seu seio, os vidrilhos da blusa. Depois, ganhando coragem, pousou os olhos sobre Guy de Malivert, olhos que, atiçados pela emoção, tornavam-se mais intensamente belos.

A Senhora d'Imbercourt amava Guy, julgando-o um seu adorador silencioso, tanto quanto uma mulher da sua natureza era capaz de amar. A maneira, simultaneamente negligente e correta, como ele usava a gravata, agradava-a. E com essa lógica feminina, cujas deduções os mais sutis filósofos têm árduo trabalho para acompanhar, inferira – por aquele laço – que Malivert possuía todas as qualidades exigidas para o que se considera um excelente marido. Só que aquele futuro marido caminhava para o altar com passos demasiadamente lentos, não parecendo nada apressado em acender os castiçais para o himeneu.

Guy compreendeu muito bem o que a Senhora d'Imbercourt queria dizer. Mais do que nunca, porém, temia comprometer-se com uma frase imprudente.

Respondeu:

– Sem dúvida, sem dúvida por enquanto. Mas a viagem resolve a situação por enquanto. E quando eu voltar, veremos o que se pode fazer.

A essa resposta tão vaga, tão fria, a Condessa teve um movimento de despeito e mordeu os lábios. Guy, terrivelmente embaraçado, guardou silêncio, e a situação permaneceu nesse pé até que o criado veio, providencialmente, salvá-los, anunciando:

– O Senhor Barão de Feroë!

## Capítulo 4

Vendo o Barão sueco entrar, Malivert não pôde reter um rápido suspiro de satisfação. Nunca uma visita chegara tão a propósito. Assim foi que dirigiu ao Senhor de Feroë um olhar cheio de gratidão. Sem essa interrupção oportuna Guy teria ficado singularmente embaraçado: teria de responder, categoricamente, à Senhora d'Imbercourt. E nada o repugnava mais que essas explicações brutalmente formais. Preferia dar, a prometer. E, mesmo no tocante às coisas de pouca importância, cuidava em não se comprometer.

O olhar que a Senhora d'Imbercourt dirigiu ao Barão de Feroë não refletia o mesmo sentimento que o de Malivert, e, se os hábitos sociais não ensinassem a dissimular as emoções, ter-se-ia podido ler, naquele rápido olhar, um misto de censura, impaciência e cólera.

A aparição do personagem importuno levava a perder uma oportunidade que não se lhe apresentaria, possivelmente tão cedo, e que tanto trabalho lhe dera para provocar, pois – disso estava certa – Guy não voltaria mais, pelo contrário, procuraria, cuidadosamente, evitá-la. Isso porque, muito embora demonstrando, nos acontecimentos normais da vida, decisão e coragem de agir, Guy encarava com certa apreensão o problema de ter de decidir em que maneira de vida fixar-se. Sua inteligência lhe abria todas as carreiras, mas não quisera seguir nenhuma. Um caminho escolhido tê-lo-ia, talvez, desviado do seu verdadeiro rumo. Não constava tivesse quaisquer predileções, exceto o hábito, sem grandes encantos, que o levava à casa da Condessa mais frequentemente que a outros lugares. E isso era o que fazia supor-se, entre ambos, os projetos matrimoniais. Toda e qualquer espécie de laço ou obrigação inspiravam-lhe desconfiança. Dir-se-ia inspirado por um instinto

secreto, apegava-se à deliberação de conservar-se livre, aguardando os acontecimentos futuros.

Após a troca das primeiras palavras – acordes indefinidos pelos quais preludia-se a palestra –, como se experimenta o teclado antes da execução, o Barão de Feroë entabulou, por uma dessas transições que nos levam, em duas frases, na decadência de Nínive ao triunfo do *Gladiateur*, uma dissertação estética e transcendental sobre as mais incompreensíveis óperas de Wagner: O navio fantasma, Lohengrin e Tristão e Isolda. A Senhora d’Imbercourt, apesar de ser uma das melhores alunas de Herz<sup>10</sup>, não entendia coisa alguma de música, e sobretudo de uma música tão profunda, tão misteriosa, tão complicada como a do maestro cujo Tannhäuser provocara tão violentas tempestades. Às análises entusiastas do Barão, ela respondia de vez em vez, enquanto distribuía pontos soltos no *gobelin* de um bastidor que tirara de uma cestinha colocada junto da poltrona em que habitualmente se assentava, não muito distante da lareira, com as objeções banais que nunca se deixa de fazer a toda música nova, e que se dirigiu a Rossini ontem, tanto quanto a Wagner hoje, objeções tais como falta de ritmo, ausência de melodia, obscuridade, abuso de metais, complicação inexplicável de orquestra, ruído ensurdecador e, finalmente, impossibilidade material de execução.

– Eis aqui uma dissertação demasiado técnica para mim, que sou em música apenas um pobre ignorante que se emociona com o que lhe parece belo, que ama Beethoven, e até Verdi, ainda que isso não seja de muito bom tom hoje em dia que a gente precisa ser, como no tempo dos Gluckistas e Piccinistas<sup>11</sup>, do partido do rei ou da rainha. Não podendo trazer-lhes nenhuma luz, e sendo capaz, quando muito, de lançar um hum! hum! de quando em quando, como o ignorante tomado por árbitro em uma discussão a favor de Molière ou Chappelle, deixo vocês com a contenda.

Dizendo estas palavras, Malivert levantou-se para se despedir. A Senhora d’Imbercourt, cuja mão apertou à inglesa, fixou sobre ele um olhar que queria dizer: “Fique!”, tão claramente quanto o recato de uma mulher da sociedade o permitia, e esse olhar obliquamente seguiu Malivert até a porta, repassado de um matiz tristonho que, certamente – se observado – tê-lo-ia emocionado. Sua atenção, porém, estava presa à fisionomia imperiosamente tranquila do sueco que parecia dizer-lhe:

“Tirei você do perigo. Não se exponha outra vez!”

Quando encontrou-se na rua, pensou com algum espanto na advertência sobrenatural que recebera antes de entrar na residência da Senhora d’Imbercourt, e na visita do Barão de Feroë que, singularmente, coincidia com sua desobediência ao aviso misterioso. O Barão parecia ter sido enviado em sua ajuda pelas forças ocultas, cuja presença em seu redor pressentia vagamente. Guy de Malivert, sem ser, sistematicamente, incrédulo nem céptico, não era também crédulo. Nunca tinha sido visto em espetáculos de magnetizadores nem nas sessões de mesas girantes e espíritos que produzem ruídos. Sentia mesmo uma certa repulsa por essas experiências, nas quais se coloca o sobrenatural em exposição pública. Recusara-se a ir ver o célebre Home<sup>12</sup>, que certa vez ocupara a atenção de Paris inteira. Até a véspera ainda era um rapaz indiferente, de bom humor, bastante feliz, em suma, de estar no mundo no qual não fazia muito má figura, encerrado no círculo das coisas visíveis, não se inquietando, absolutamente, com o fato de o planeta arrastar consigo, ao redor do Sol, uma atmosfera animada ou não, por uma população de seres invisíveis e impalpáveis.

Não podia deixar de convir, entretanto, que as condições de sua vida estavam transtornadas. Um elemento novo, independente do seu chamamento, introduzira-se em sua existência até então tranquila, da qual banira, com

cuidado, todos os elementos capazes de perturbá-la. E isso não era nada: um suspiro débil como um gemido de harpa cólica, uma substituição de pensamentos numa carta maquinalmente escrita, três palavras assopradas no seu ouvido, o encontro de um Barão *swedenborguista*, de aspecto solene e misterioso, eram elementos e acontecimentos inaugurando, certamente, grandes expectativas. Era evidente, porém, que o espírito girava em seu redor *quorens quem devoret*, como diz a Bíblia na sua sabedoria infinita.

Embebido nessas meditações, Guy de Malivert chegou ao centro dos Campos Elíseos despercebidamente. Seu corpo levava-o naquela direção: ele consentira.

Encontrou poucas pessoas. Alguns desses raros obstinados que, por higiene, praticam exercícios em todas as estações, cavando, no gelo dos rios, buracos para banhar-se e, retornando do bosque com o nariz azul e as faces arroxeadas, montados em cavalos protegidos por joelheiras.

Dois ou três deles fizeram um sinal de mão amigável a Guy, que chegou mesmo a receber, muito embora estando a pé, um gracioso sorriso de uma das celebridades do mundo galante, instalada numa carruagem descoberta e exibindo uma fortuna em peles da Rússia.

“Como estou sozinho, o público disputa minha atenção” – pensou Guy. “Cora não me teria dirigido, no verão, um cumprimento semelhante. Mas, que diabos vim fazer aqui? Não é esta a estação de se fazer refeições sob os pavilhões ou no Moulin-Rouge, na companhia de Marco e da Baronesa d’Ange. Ademais, não me sinto muito disposto. É hora, entretanto, de pensar – como diria Rabelais – *à la réparation de dessous le nez!* Eis o Sol que se esconde por detrás do Arco da Estrela.”

Com efeito, o arco dessa porta imensa, que se abre sob o céu, enquadrava uma tela de nuvens bizarramente acumuladas, ao redor de cujas silhuetas uma

espuma transparente tecia guarnições de luz. O vento da tarde imprimia a essas formas flutuantes um estremecimento ligeiro que lhes emprestava um simulacro de vida e, como nas ilustrações de Gustave Doré, em que os sonhos que habitam o cérebro do personagem se refletem sobre as nuvens, mostrando ao Judeu Errante, Cristo crucificado no Calvário, a Dom Quixote, cavalheiros errantes em luta contra os mágicos, facilmente se distinguiram figuras e grupos de amálgama de vapores sombrios apunhalados de raios de Sol.

Malivert julgou vislumbrar anjos com grandes asas de fogo, em voo sobre uma confusão de seres indistintos que se agitavam sobre um banco de nuvens negras, semelhantes a um promontório banhado em trevas, em meio a um mar fosforescente.

Às vezes, uma das figuras inferiores se destacava da massa e subia em direção à região iluminada, atravessando o disco rubro do Sol. Alcançando-a, volitava um instante ao lado de um dos anjos e se fundia em luz. Era preciso, naturalmente, que a imaginação completasse o esboço esbatido e inconstante, pois, de um quadrado de nuvens, pode-se dizer, como Hamlet a Polonius:

“Isto é um camelo, a menos que seja, entretanto, uma baleia.”

E, nos dois casos, pode-se responder pela afirmativa sem, por isso, passar-se por um adulator imbecil.

A noite que descia destruiu a fantasmagoria vaporosa. O gás, aceso no alto dos lampadários, traçou, logo em seguida, da Praça da Concórdia ao Arco da Estrela, os dois cordões de luz, cujo efeito mágico surpreende os estrangeiros que entram em Paris, à boca da noite, por essa avenida triunfal.

Tomando um coche de aluguel, Guy fez-se transportar à Rua de Choiseul, onde ficava situado o clube. Deixou o sobretudo nas mãos dos empregados em uniforme, perfilados na sala de espera, e folheou o registro de mesas reservadas para o jantar do dia, encontrando, com satisfação, o nome do Barão

de Feroë. Escreveu o seu abaixo e atravessou o salão de bilhar onde um rapaz esperava, melancolicamente, que algum dos senhores sentisse desejo de jogar uma partida. Depois, outras salas, altas, amplas, mobiliadas, com todos os requintes do conforto moderno, mantidas numa temperatura uniforme por um possante aquecedor. Apesar disso, enormes achas transformavam-se em brasas sobre as trempes monumentais das imensas lareiras.

Apenas cinco ou seis membros do círculo acomodavam-se nos divãs ou, de cotovelos apoiados sobre a mesa verde do salão de leituras, percorriam, distraidamente, jornais e revistas dispostos em metódica ordem, misturados, postos em ordem de novo, incessantemente. Alguns davam resposta a missivas amorosas ou a questões de negócios, no papel do clube.

A hora do jantar se aproximava e os comensais palestravam entre si, aguardando que o *maitre d'hôtel* anunciasse que seriam servidos. Guy principiou a recear que o Barão de Feroë não viesse, mas, ao entrar no salão de refeições, viu-o chegar. O Barão veio assentar-se ao lado de Malivert. O jantar, servido com um grande luxo de cristais, pratarias e baixelas, foi bastante requintado. Cada um bebeu à sua maneira – este, vinho de Bordeaux, aquele, champanhe, um outro, *pale ale* –, conforme o capricho ou hábito. Alguns, de gosto bastante inglês, preferiam um copo de *sherry* ou de Vinho do Porto, que lacaios de alta estatura traziam, cerimoniosamente, em bandejas lavradas com as iniciais do clube. Cada qual seguia a sua fantasia, sem se inquietar com seu vizinho, pois, no clube, toda gente está em casa.

Fora do costume, Guy fazia poucas honras ao jantar. A metade das iguarias ficava-lhe no prato, e a garrafa de *château-margaux*, colocada à sua frente, esvaziava-se vagarosamente.

– Não há necessidade – disse o Barão de Feroë – de lhe dirigir a censura que o anjo branco fez um dia a Swedenborg: “Tu comes demasiado!”. Esta

tarde você está de uma sobriedade exemplar. Dir-se-ia que ensaia se espiritualizar pelo jejum.

– Não tenho certeza se uns bocados a mais ou a menos libertariam minha alma da matéria – respondeu-lhe Guy – tornando mais diáfano o véu que separa as coisas visíveis das coisas invisíveis. Estou, porém, sem apetite. Certas circunstâncias, que você parece não ignorar, têm-me, confesso-o, mantido um pouco confuso desde ontem, lançando-me numa preocupação que não é habitual em mim. Em meu estado normal não sou distraído à mesa, mas hoje outros pensamentos, para meu pesar, dominam-me. Você tem projetos para a noite? Se não tem nada de importante ou agradável a fazer, eu ousaria propor-lhe que fumássemos, depois do café, alguns cigarros no sofá do salãozinho de música, onde não seremos perturbados, a menos que dê na ideia de um desses senhores vir atormentar o piano, o que é pouco provável. Nossos músicos estão todos ausentes esta noite, ocupados em ver o ensaio geral de uma nova ópera.

O Barão de Feroë acedeu, polidamente, à proposta de Guy, respondendo, com delicadeza, que não poderia encontrar uma melhor maneira de empregar o tempo. Os dois *gentlemen* se acomodaram, pois, no sofá, ocupando-se, de princípio, em tirar intermitentes baforadas dos excelentes cigarros de *La vuelta de Abajo*. Cada qual, de seu lado, cogitava na palestra, necessariamente incomum, que não tardariam a entreter. Depois de algumas observações sobre a qualidade do tabaco que fumavam e a preferência que se deve dar aos trajes escuros, o Barão sueco abordou, por si, a questão que Malivert ardia em desejos de expor.

– Tenho, antes, que lhe pedir desculpas pelo enigmático aviso que tomei a liberdade de dar-lhe, na noite anterior, em casa da Senhora d’Imbercourt. Você não me fizera confidências, e foi uma indiscrição de minha parte penetrar seu

pensamento sem que me tivesse aberto as portas. Eu não o teria feito, pois não está em minha natureza deixar o meu papel de homem mundano para alçar o de mágico, se você não tivesse despertado em mim um grande interesse ou se, de minha parte, não tivesse percebido, por indícios perceptíveis apenas aos adeptos da doutrina, que você recebera, muito recentemente, a visita de uma entidade espiritual, ou, quando menos, que o mundo invisível procurava pôr-se em comunicação consigo.

Guy alegou que o Barão não o chocara em nada, e que, numa situação tão inesperada, sentia-se, pelo contrário, feliz por ter um guia que dava a impressão de ser versado nas coisas sobrenaturais, e cujo caráter impoluto era tão perfeitamente reconhecido.

– Você sabe muito bem – respondeu o Barão com uma ligeira inclinação de cabeça, em sinal de agradecimento – que não saio facilmente de minha reserva. Mas já vi o bastante para acreditar. Nem tudo termina onde se detêm os sentidos. Não temo, apesar de nossa conversa levar-nos a questões misteriosas, que você me tome por um visionário ou um iluminado. Minha posição coloca-me acima da suposição de charlatanismo e, afora isso, não dou participação ao mundo senão de minha vida exterior. Não lhe pergunto o que lhe sucedeu, mas vejo que, fora da esfera em que se fecha habitualmente a vida de todos os dias, ocupam-se de você.

– Sim – disse Guy de Malivert. – Alguma coisa de indefinível flutua à minha volta, e penso não estar cometendo uma indiscrição para com os espíritos, com os quais você mantém relações melhores do que eu, contando-lhe, detalhadamente, o que pressentiu com sua intuição extraordinária.

E Guy narrou ao Barão os acontecimentos da noite anterior.

Este escutou-o, retorcendo as pontas do bigode cor de ouro-pálido, com extrema atenção, mas sem manifestar a menor surpresa. Guardou silêncio por

um instante, parecendo refletir profundamente. Depois, como se esta frase resumisse todo um encadeamento de pensamentos interiores, virou-se repentinamente para Guy, dizendo:

– Senhor Malivert, uma jovem não terá morrido de amor por sua causa?

– Não, absolutamente! Jovem nenhuma, que eu saiba, pelo menos – respondeu Malivert. – Não tenho a fatuidade de pensar que possa provocar semelhantes desesperos. Meus amores, se se pode chamar assim à reunião de duas fantasias, foram muito plácidos, muito pouco romanescos, tão facilmente destruídos quanto iniciados, e, para evitar cenas patéticas, das quais tenho horror, sempre arranjei as coisas de modo a ser traído e abandonado. Meu amor-próprio faz com gosto esse sacrifício em favor do meu sossego. Assim, não acredito ter deixado, à minha passagem pela vida, muitas Ariadnes inconsoláveis. Nessas historietas da mitologia parisiense, a chegada de Baco precede, regularmente, a partida de Teseu. Ademais, devo confessar, muito embora arriscando-me dar-lhe uma ideia pouco lisonjeira de minhas faculdades afetivas, que jamais experimentei essa paixão intensa, exclusiva, enlouquecedora de que tantos falam, sem tê-la, possivelmente, experimentado. Nenhum ser inspirou-me, até hoje, a ideia de uma união por laços indissolúveis, nem fez-me sonhar com esses projetos de existências duplas, confundidas numa só – em uma única pelo menos – dessas fugas para um paraíso azul, de luz e suavidade, que o amor, dizem, pode construir numa cabana ou num celeiro.

– Isso não quer dizer, meu caro Guy, que você não seja capaz de amar. Há muitas espécies de amor, e, sem dúvida, lá onde se decide a sorte das almas, reservou-se você para mais altas destinações. Mas o tempo não é chegado ainda. O consentimento, por ora, dá apenas acesso aos espíritos até nós. Você está no limiar de um mundo ilimitado, profundo, misterioso, cheio de ilusões e

trevas, onde se combatem influências boas e más, que nós precisamos distinguir. Vê-se ali maravilhas e horrores capazes de turvar a razão humana. Ninguém retorna do fundo do abismo sem trazer na face um palor que não se apaga mais. Os olhos carnis não contemplam impunemente o que é reservado aos olhos da alma. As viagens fora de nossa esfera causam inexprimíveis fadigas e inspiram, ao mesmo tempo, nostalgias desesperadas. Não vá além desse limite temível, não passe de um mundo a outro atendendo ao apelo que procura arrancá-lo à vida física. Os evocadores estão em segurança no círculo vibratório que traçam em torno de si mesmos e que os Espíritos não podem franquear. Possa a realidade ser-lhe esse círculo. Não o ultrapasse, pois o seu poder cessaria então. Você vê que, para um hierofante, não sou muito dado ao proselitismo.

– Devo então – perguntou Malivert – temer as audaciosas aventuras no mundo invisível que nos cerca, cuja presença não se revela senão a um restrito número de privilegiados?

– Não – respondeu o Barão de Feroë. – Nada de apreciável aos olhos humanos se lhe apresentará. Seu espírito, porém, poderia ficar profundamente, e talvez para a vida toda, perturbado.

– O espírito que se ocupa comigo é, então, de uma natureza perigosa?

– É um espírito simpático a você, um espírito de benevolência e amor. Vejo-o numa auréola de luz. Mas o céu tem sua vertigem, como o abismo. Lembre-se da história do pastor enamorado da estrela.

– O que você me disse em casa da Senhora d’Imbercourt – replicou Malivert – pareceu-me uma advertência para eu guardar-me de todos os compromissos terrenos.

– Essa era a minha intenção – respondeu o Barão de Feroë. – Julgava que você já tivesse dado resposta às manifestações do espírito. Nesse caso, era

preciso preveni-lo para que continuasse livre. Como, porém, você não se comunicou com ele, ainda se pertence a si mesmo. Talvez fosse melhor permanecer assim, continuar em sua vida habitual.

– E, por exemplo, desposar a Senhora d’Imbercourt – redarguiu Guy de Malivert com um sorriso irônico.

– Por que não? – atalhou o Barão de Feroë. – Ela é jovem, bela, gosta de você. Percebi em seu rosto uma sincera mágoa com a sua recusa desatenciosa. É impossível que essa expressão não lhe tenha vindo da alma.

– Esse é um risco que eu não quero correr. Não se esforce tanto, meu caro Barão, com essa solicitude que não compreendo, em me encaixar no maquinismo da vida de todos os dias. Estou muito mais desembaraçado dela do que você pode supor à primeira vista. Se regulei minha vida física de maneira agradável e cômoda, isso não prova, de minha parte, nenhuma sensualidade. O bem-estar me é intimamente indiferente. Se achei mais conveniente aparentar indiferença e alegria, a afetar uma romântica melancolia de mau gosto, disso não se segue que o mundo, tal como está, encanta-me e me contenta. Não falo nos salões, é certo, num círculo de damas pretensiosas, sobre coisas do coração, da paixão, do ideal, mas conservo o meu coração altivo e puro, livre de todo culto vulgar, à espera de algo que não sei o que seja.

Enquanto Malivert falava assim, com um calor que muito raramente as pessoas emprestam ao que dizem, os olhos do Barão de Feroë cintilavam e sua fisionomia refletia uma expressão de entusiasmo, que ele ordinariamente ocultava sob uma máscara de glacial indiferença.

Sentia-se satisfeito vendo Guy resistir à tentação prosaica e persistindo em desejos espirituais.

– Desde que você está mesmo decidido, meu prezado Guy, volte para

casa. Sem dúvida receberá novas comunicações. Eu fico. Ontem ganhei cem luíses a d'Aversac. Devo-lhe uma oportunidade.

– O ensaio da ópera deve ter acabado. Ouço os nossos amigos que voltam trauteando em falsete os motivos que puderam reter.

– Salve-se! O tumulto perturbaria o seu espírito.

Guy apertou a mão do Barão e, saindo, tomou a carruagem que o aguardava à porta do clube.

---

10. Nota do tradutor: Herz, Henri – pianista e pedagogo austríaco, nascido a 6.1.1803, desencarnado a 5.1.1888, em Paris. Estudou piano com Hüntten em Coblenza e foi discípulo de Reicha no Conservatório de Paris. Entre os anos de 1825 e 1835 foi o virtuose e compositor de maior fama no mundo. Dedicou-se com muito êxito à manufatura de pianos (1º Prêmio na Exposição Mundial de 1825). Seus produtos competiam com os de Erard e Pleyel. Foi professor no Conservatório de Paris de 1842 a 1874. De suas numerosas composições, de estilo muito brilhante, mas sem real substância, oito concertos para piano, sonatas, variações, fantasias, rondós etc., escaparam do esquecimento o seu “Método Completo para Piano, o p.p. 100” e seus “estudos” para escalas, “Gannes”. Schumann escreveu, em oposição à superficialidade do estilo virtuoso iniciado por Herz, uma coleção de danças com o título de *Die Davidsbündler* (op. 6). Em 1866 Herz publicou um livro, *Mês voyages en Amérique*.

11. Nota do tradutor: O autor se refere a Piccini, ou Piccinni, Niccola, rival de Gluck e que caiu nas boas graças da rainha Maria Antonieta. Mediram forças com duas óperas inspiradas pela “Efigênia em Tauride”. Gluck levou a melhor. Com a Revolução, Piccini fugiu da França para Nápoles.

12. Nota do tradutor: Daniel Dunglas Home, médium inglês. Prestou-se às experiências dos mais eminentes vultos do Espiritismo científico do século XIX: William Crookes, Alfred Russel Wallace, F. Myers e Williams Barrett. Teve o seu nome envolvido em escândalos jornalísticos e que implicaram os nomes de Napoleão III e da Imperatriz Eugênia. Durante sua vida publicou o livro *Incidentes da Minha Vida*, ainda não traduzido para o português. Depois de sua morte a Sra. Home publicou *D. D. Home, Sua Vida e Sua Missão*, e em que, através de uma série de documentos examinados e tidos por incontestáveis pela autoridade de Myers e Barrett, comprova a honestidade mediúnica do marido.

## Capítulo 5

Guy de Malivert voltou à sua casa inteiramente decidido a tentar a aventura. Muito embora não aparentasse ser um espírito romântico, no fundo o era. Um grande e feroz pudor levava-o a ocultar seus sentimentos, apesar de, não obstante, ligar pouca importância ao mundo. Relações agradavelmente indiferentes ligavam-no, sem prendê-lo, à sociedade. Eram laços fáceis de desatar em qualquer ocasião. Entende-se, pois, que sua alma sonhasse com uma felicidade que não encontrara até então.

Depois do que o Barão de Feroë lhe dissera no clube, sobre a projeção de vontade necessária para trazer os espíritos das profundezas do mundo invisível aos limites deste, Malivert reuniu todas as forças do seu ser, formulando, interiormente, o desejo de entrar em comunicação mais direta com o espírito misterioso que sentia em seu derredor e que não devia resistir muito à evocação, pois que ensaiara manifestar-se por si mesmo.

Isso feito, Malivert, que estava no mesmo salão-ateliê em que se encontrava no começo desta história, pôs-se à espera, de olhos muito abertos, ouvidos alertas, tomado de uma atenção extrema. De pronto não ouviu e nem viu nada, mas os objetos que enfeitavam o aposento, estatuetas, quadros, velhos aparadores entalhados, curiosidades exóticas, troféus de armas, pareciam-lhe ter tomado um aspecto estranho, que nada tinham de ordinário. As sombras e as luzes projetadas pelo lampião emprestavam-lhes uma vida fantástica. Uma figura grotesca, talhada em jade, parecia rir, até às orelhas, com seu riso infantil e desdentado, e uma Vênus de Milo, que um raio de luz atingia – pondo em realce, contra o fundo de sombras, os seios firmes –, inflava com cólera as narinas orgulhosas, deixando cair, com desdém, as

comissuras dos lábios arqueados. O deus chinês e a deusa grega desaprovam a atividade de Malivert. Isso fazia crer, pelo menos, a expressão que ostentavam assim tão claramente. Insensivelmente, os olhos de Malivert, como que atendendo a uma voz interior, dirigiram-se a um espelho de Veneza, suspenso às tapeçarias de couro de Córdoba.

Era um desses espelhos antigos, como os que se encontram, algumas vezes, nos *Toilettes* e nos *Départs pour le bal*, de Longhi<sup>13</sup>, o Watteau da decadência veneziana, e que se encontram ainda, um ou outro, nas casas dos vendedores de antiguidades do Gueto. O vidro biselado era enquadrado de ornamentos de cristal talhado e contornado por uma confusão de folhagens e flores do mesmo material, que, sobre a tonalidade uniforme do fundo, ora tomavam a aparência da prata acinzentada, ora expediam, de suas facetas, prismáticas cintilações. Em meio a essas refulgências, o vidro, de pequenas dimensões, como o de todos espelhos de Veneza, parecia de um negro azulado, indefinidamente profundo, dando a impressão de uma abertura praticada numa vida cheia de projetos tenebrosos.

Coisa estranha, nenhum dos objetos opostos se refletia nele. Dir-se-ia um desses espelhos de teatro, que o decorador cobre de tintas neutras para impedir que a sala se reflita.

Um instinto misterioso fazia Malivert sentir que, se qualquer revelação devia ser feita aquela noite, o espelho seria o meio.

De ordinário, nunca lançava os olhos sobre ele, mas, no momento, exercia uma espécie de fascinação, prendendo, invencivelmente, o seu olhar. Por mais fixamente, entretanto, que aplicasse a vista naquele ponto, não distinguia nada afora a superfície negra, cuja misteriosa profundidade os adornos de cristal faziam intensificar.

Finalmente, acreditou distinguir na treva um palor indeciso e leitoso, uma

espécie de clarão longínquo e trêmulo, que parecia aproximar-se. Virou-se para ver que objeto no aposento poderia estar projetando aquele reflexo. Nada viu.

Muito embora Malivert fosse corajoso e tivesse sido posto à prova em mais de uma ocasião, não pôde deixar de sentir os cabelos se eriçando sobre a pele e o arrepiozinho, de que fala Job, percorrendo-lhe a carne. Ia desta vez, voluntariamente, e em conhecimento de causa, invadir o tenebroso nada. Estava dando um passo para fora do âmbito, cujos limites a natureza traçara ao homem. Sua vida podia ser arrancada da órbita e, daí por diante, girar em torno de um ponto desconhecido. Muito embora os incrédulos pudessem rir-se de tudo aquilo, jamais enfrentara momento de maior gravidade. Guy sentia toda a sua importância. Uma atração irresistível dominava-o, e continuava fixando, obstinadamente, o espelho de Veneza. Veria o quê? Que aparência o espírito tomaria para se tornar sensível à percepção humana? Seria uma figura graciosa ou terrível? Representante da alegria ou do terror? Apesar da luz do espelho não ter tomado ainda nenhuma forma distinta, Guy sentia-se persuadido de que seria um espírito feminino. O suspiro que ouvira na véspera soara demasiadamente terno ao seu coração para que não fosse o de uma mulher. Pertencia à crosta, viria de uma região superior, de um planeta remoto? Era o que não podia saber! Depois da conversa com o Barão de Feroë, ficará pensando que esta devia ser uma alma que passara pelas condições da vida terrena e que, uma atração, cujo motivo apreenderia mais tarde, trazia de volta à antiga esfera.

A mancha luminosa do espelho começou a desenhar-se de uma maneira mais distinta, tingindo-se, por assim dizer, de cores imateriais que teriam feito parecer sujas as tonalidades da mais fresca palheta. Era, antes, a ideia de uma cor do que a própria cor, uma névoa filtrada de luz, tão delicadamente

matizada que nenhuma palavra humana poderia descrevê-la. Guy observava sempre, preso de emoção ansiosamente febril. A imagem se condensava mais e mais, sem tomar, entretanto, a precisão grosseira da realidade.

Guy de Malivert pôde, finalmente, ver. Contornada pela moldura do espelho como um retrato em sua moldura, uma cabeça de moça, ou antes, de menina e moça, de uma formosura de que o belo mortal é apenas sombra, apresentou-se-lhe.

Uma palidez ligeiramente rosada cobria o semblante, onde as sombras e as luzes eram apenas perceptíveis. Não sendo submissa à luz que nos ilumina, não precisava, como as figuras da Terra, desse contraste para modelar-se. Seus cabelos, de uma tonalidade de auréola, esfumavam, como nuvens de ouro, o contorno da fronte. Nos seus olhos, meio abaixados, refulgiam pupilas de um azul noturno, de infinita doçura, recordando esses pedaços de céu que, ao crepúsculo, roubam o tom das violetas da tarde. O nariz, fino e bem modelado, era de uma delicadeza ideal. Um sorriso à Leonardo da Vinci, com mais de ternura e menos de ironia, emprestava-lhe aos lábios sinuosidades adoráveis. O colo, flexível, ondulava para frente, perdendo-se em meias tintas prateadas que serviriam de luz para uma outra figura.

Este esboço, sem força de expressão, feito, necessariamente, com palavras criadas para explicar as coisas do nosso mundo, pode dar apenas uma pálida ideia da aparição que Guy de Malivert contemplava no espelho de Veneza.

Via com os olhos carnis ou com os olhos da alma? A imagem existiria em realidade? Uma pessoa que não estivesse sob o mesmo influxo nervoso vê-la-ia? Esta é uma questão difícil de resolver. Mas, em todo o caso, o que ele via, muito embora lembrando o rosto de uma mulher formosa, não se assemelhava a nada que existisse no mundo. Eram bem os mesmos traços, porém tornados

ideais, puríssimos, transfigurados, que não seriam perceptíveis não fosse uma espécie qualquer de substância imaterial que tinha, justamente, a densidade indispensável para ser apercebida na espessa atmosfera terrestre, pelas pupilas cujos véus não caíram ainda. O espírito ou alma que se comunicava com Guy de Malivert havia, sem dúvida, revestido as formas de seu envoltório antigo, perecível, porém, tal como deveria ser num meio ambiente mais sutil, mais etéreo, onde só podem viver os fantasmas das coisas e não as próprias coisas. Aquela visão engolfou Guy num arrebatamento infável. O temor, que de princípio experimentara, dissipara-se e ele se entregava sem reservas à estranheza da situação, sem duvidar de nada, admitindo tudo, decidido a encarar o sobrenatural como natural.

Acreditando poder apreciar, mais distintamente ainda, os traços da imagem, aproximou-se do espelho. Permaneceu como era vista antes, tão perto e, entretanto, tão longe, parecendo a projeção, sobre a face interior do cristal, de uma figura colocada, do ponto de vista humano, incomensuravelmente distante. A realidade do que via, se é possível servir-se de tal palavra em semelhante circunstância, estava, evidentemente, alhures, nas regiões profundas, longínquas, enigmáticas, inacessíveis aos homens, cujas bordas, o pensamento mais atrevido ousa apenas vislumbrar. Guy procurou, inutilmente, relacionar aquela figura a qualquer lembrança terrena. Era inteiramente nova e, no entanto, tinha a impressão de reconhecê-la. Onde, porém, tê-la-ia visto? Não seria neste mundo sublunar, neste mundo terráqueo.

Aquela era, pois, a forma sob a qual Espírita desejava mostrar-se. Espírita, pois que Guy, não sabendo como nomear a aparição entrevista no espelho, batizara-a assim, enquanto esperava saber que designação lhe conviria mais. Em breve a imagem foi descolorindo, esvanecendo-se nas profundezas desconhecidas. Já não via mais que um vapor, tão tênue quanto o

hálito e mesmo esse vapor extinguiu-se. O fim da aparição foi marcado pelo súbito reflexo de uma moldura dourada, suspensa à parede oposta. O espelho readquiria sua propriedade refletiva.

Quando ficou seguro de que a aparição não retornaria nessa noite – e de tal maneira, pelo menos –, Guy afundou-se na poltrona e, muito embora duas horas da madrugada estivesse marcando a pêndula, cujo timbre argentino convidava-o ao sono, não pôde decidir-se a procurar o leito. Sentia-se todavia fatigado. Aquelas emoções, de um gênero tão inédito, aqueles primeiros passos dados fora dos limites do mundo real, trouxeram-lhe uma lassidão nervosa que punha o sono em fuga. Depois, temia adormecer e perder alguma manifestação de Espírita.

Esticando os pés por sobre a barra do guarda-fogo, à frente da lareira, cujas chamas tinham se reanimado sozinhas, Guy refletia no que acabara de acontecer e cuja possibilidade, dois dias atrás apenas, ele, certamente, teria negado.

Pensava naquela encantadora cabeça que recordava, transformando-a em vãs sombras pela comparação, às belezas que as magias dos sonhos, a imaginação dos poetas e o gênio dos pintores fazem entrever. Nela descobrira mil e uma delicadezas indescritíveis, mil e um atrativos que nem a natureza e nem a arte poderiam reunir num tipo, e fez uma grandiosa ideia, depois dessa amostra, da população de extramundo. E indagou a si mesmo que estranha simpatia, que afinidade misteriosa, e até então conservada em segredo, poderia atrair para ele, das profundidades do infinito, aquele anjo, sílfide, alma ou espírito, cuja essência ainda desconhecia e que não sabia também a que ordem imaterial relacionar. Não se atrevia a imaginar que houvesse inspirado amor a um ser de uma natureza tão superior. A fatuidade não era o defeito de Malivert. E, entretanto, não podia deixar de reconhecer que

Espírita, pelo suspiro que deixara escapar, pela carta, cujo sentido mudara, pela proibição murmurada à porta da casa da Senhora d'Imbercourt, pelas palavras insinuadas, sem dúvida, ao Barão sueco, parecia experimentar por ele, Guy de Malivert, simples mortal, um sentimento de natureza particularmente feminino, que neste mundo seria denominado ciúme. Mas o que compreendeu subitamente foi que estava perdidamente, desesperado e irrevogavelmente enamorado, tomado, de uma hora para outra, de uma paixão violenta, que a eternidade não podia abrandar.

Desse momento em diante as lembranças de todas as mulheres que conhecera apagaram-se em sua memória. À aparição de Espírita esquecera o amor terreno, como Romeu olvidou Rosalinda ao encontrar Julieta.

Fosse Don Juan e os três mil nomes encantadores das mulheres conquistadas ter-se-iam igualmente apagado no livro de suas lembranças. Não foi sem certo receio que se sentiu invadido pelo fogo repentino que lhe devorava todos os pensamentos, toda a vontade, a resistência inteira, não deixando vivo em seu espírito senão o amor. Mas já era demasiado tarde para retroceder. O Barão de Feroë tinha razão: “É uma coisa terrível franquear-se vivo às barreiras da vida, aventurando-se, corpo opaco, entre as sombras, sem ter nas mãos a varinha de ouro que domina os fantasmas.”

Uma ideia desesperada atravessou o cérebro de Malivert. Se Espírita tivesse o capricho de não voltar, de que maneira poderia atraí-la? E se não houvesse um meio, como poderia suportar as trevas do Sol, depois de ter contemplado por um instante a verdadeira luz? O sentimento de uma imensa desgraça invadiu-lhe o ser.

Malivert mergulhou num acabrunhamento extremo e teve um momento, longo como a eternidade, de infinito desespero. A essa suposição, que nenhum indício confirmava, as lágrimas subiram-lhe aos olhos acumulando-se entre

seus cílios, e, ainda que fizesse esforços por contê-las, envergonhado da sua própria fraqueza, acabaram por transbordar, deslizando-lhe, lentamente, pelo rosto. Enquanto chorava sentiu, como uma surpresa mesclada de júbilo, que uma gaze mais tênue que os mais delicados tecidos, mais tênue que o ar tecido, que uma trama de brisa corria-lhe pelo rosto como uma carícia, secando-o, absorvendo as lágrimas amaríssimas. O roçar das asas de uma libélula não seria mais delicado. Não era uma ilusão, pois o contato renovou-se três vezes, e as lágrimas secaram-se. Depois Malivert acreditou ver, fundindo-se nas sombras, como uma nuvenzinha no céu, um floco branco e diáfano.

Após a tentativa, cheia de ternura e simpatia, Malivert não mais temeu que Espírita, que parecia estar sempre volitando, invisível ao seu redor, deixasse de responder ao seu chamado ou não encontrasse, com a lucidez dos seres superiores, um meio fácil para comunicar-se com ele. Espírita podia vir ao mundo que ele habitava e misturar-se aos vivos tanto quanto uma alma pode fazê-lo. Ele, porém, pelos pecados e impedimentos da carne, estava impossibilitado de segui-la ao meio em que se movia.

Dizer que Malivert passou do mais sombrio desespero à mais pura alegria, não surpreende a ninguém.

Se um simples mortal, dez vezes num dia, vos precipitasse, leitores, aos infernos, vos fizesse remontar aos céus, inspirando-vos, alternadamente, a ideia de vos abrasardes nas fornalhas e de adquirirdes, às margens do Lago de Como, uma vila onde abrigásseis, eternamente, uma vida de felicidade, poderíeis fazer uma pálida ideia da violência, das emoções produzidas por um espírito.

Se a paixão de Guy por Espírita parecer-vos muito repentina, pensai que o amor nasce, muita vez, de um volver de olhos, e que uma mulher, vista à distância, no palco de um teatro, não difere muito de um reflexo espiritual,

entrevisto num espelho. Muitas paixões não tiveram um princípio muito diferente! Ademais, apesar de Guy ignorá-lo, aquele amor era menos repentino que parecia. Desde há muito tempo Espírita movimentava-se em sua atmosfera, preparando, sem que ele desse conta disso, sua alma para as comunicações com o sobrenatural, sugerindo-lhe, através da frivolidade mundana, pensamentos de um maior alcance, criando, em seu espírito, a nostalgia do ideal pelas confusas lembranças de mundos superiores, desviando-o dos amores inúteis, fazendo com que pressentisse uma felicidade que a Terra não pode dar.

Ela desfizera as teias estendidas em torno de Malivert, destruíra, onde principiavam, tramas que se urdiam, revelara-lhe o ridículo ou a perfídia de tais e tais aventuras passageiras, e, em resultado disso, o seu coração permanecera livre de compromissos indissolúveis. Detivera-o às bordas do irremissível, pois a existência de Guy, muito embora sem ser marcada de quaisquer acontecimentos de uma significação apreciável, do ponto de vista humano, chegava a um limite decisivo.

Balanças misteriosas pesavam o seu destino. E isso levava Espírita a abandonar a sombra em que ocultava sua proteção secreta e fê-la manifestar-se a Guy. Já não bastava dirigi-lo por influências ocultas.

O que motivaria esse interesse?

Espírita atuava movida por uma deliberação espontânea ou obedecia a uma ordem emanada da esfera radiosa onde se pode o que se quer, conforme a expressão de Dante? Isso só ela podia revelar e, possivelmente, o revelaria em breve.

Por fim Malivert deitou-se e não tardou a adormecer. Seu sono foi leve, claro, cheio de maravilhosos deslumbramentos que não pareciam sonhos, mas se assemelhavam a luminosas visões. Imensidades azuladas onde rasgos de luz

se cruzavam sobre vales de prata e ouro, perdendo-se em perspectivas ilimitadas, descortinavam-se ante seus olhos fechados. Depois esse quadro se apagou, deixando ver maiores profundidades, onde riachos de uma fosforescência que cegava os olhos, como uma cascata de sóis liquidificados tombava da eternidade para o infinito. Também a cascata apagou-se e em seu lugar estendeu-se um céu de uma intensa e luminosa alvura, como o que era visto durante as transfigurações no Monte Tabor. Nesse fundo, que se acreditaria o extremo paroxismo do esplendor, despontavam, aqui, lá, acolá, esparsas cintilações estelares, jatos mais vivamente brilhantes, cintilações mais intensas. Era, aquela luz, ao lado da qual as estrelas mais brilhantes pareceriam baças, como que o alvorecer de um futuro perpétuo.

De quando em vez cruzavam-se, ante a irradiação imensa – como pássaros em voo ante o disco do Sol –, espíritos que se destacavam do fundo, não pela sombra de suas silhuetas, mas pela luminosidade diferente das suas figuras. Nessa multidão, Guy de Malivert acreditou reconhecer Espírita e não se enganou, muito embora ela fosse apenas um ponto brilhante no espaço, uma partícula na claridade incandescente.

Por esse sonho que provocara, Espírita quisera mostrar ao seu adorador o meio ambiente em que vivia. A alma, desligada durante o sono dos liames do corpo, prestara-se àquela visão. Com os olhos do espírito, Guy contemplara, por alguns momentos, não o extramundo em si mesmo, cuja contemplação é permitida apenas às almas inteiramente libertas do invólucro carnal, mas um raio que se filtrara pela porta mal fechada do desconhecido, como, numa rua sombria, vê-se, escapando por sob a porta de um palácio iluminado, um raio intenso de luz, que faz presumir-se o esplendor da festa.

Não querendo fatigar a organização ainda humana de Malivert, Espírita dissipou as visões, transformando o êxtase em sono ordinário.

Retornando ao sono comum, Guy teve a impressão de estar sendo levado numa concha por um pátio de mármore negro, rumo a trevas impenetravelmente densas. Depois essa sensação, e tudo o mais, apagou-se. Durante duas horas Guy retemperou-se nesse não-ser de onde a vida renasce, cada manhã, mais jovem e mais fresca.

Dormiu até dez horas. Jack, que aguardava o despertar do patrão, vendo-o de olhos abertos, escancarou as folhas da porta, que se mantinha apenas entreaberta. Entrando no aposento, correu as cortinas e, aproximando-se do leito de Malivert, apresentou-lhe, sobre uma bandeja de prata, duas cartas que acabavam de ser entregues.

Uma era da Senhora d'Imbercourt e a outra do Barão de Feroë: foi a do Barão que Guy abriu primeiro.

---

13. Nota do tradutor: Longhi, Piem. Pintor e gravador veneziano (1702-1785). Foi discípulo de Crespi e Balestra. Membro da Academia de Veneza. Adotou o estilo satírico e se especializou em pequenos quadros, onde retratou a vida veneziana. Sua agudez de observação e a originalidade preenchem, frequentemente, a falta de talento artístico.

## Capítulo 6

O bilhete do Barão de Feroë trazia apenas estas palavras: “César atravessou o Rubicão?”. O da Senhora d’Imbercourt, menos breve, insinuava, através de algumas frases veladas, que não era preciso levar tão a sério os murmúrios da sociedade e que interromper subitamente as visitas habituais era, talvez, comprometê-los mais do que se ele as multiplicasse. Terminava com um comentário sobre Adelina Patti<sup>14</sup>, parecendo indicar a Malivert que um lugar lhe estava reservado nos Italianos, camarote número 22. Guy, certamente, admirava muito a jovem diva. Mas, no estado de espírito em que se encontrava, preferiu deixar para ouvi-la uma outra noite. Esqueceu o bilhete, cuidando que encontraria uma boa desculpa para não comparecer ao encontro.

Há no espírito humano uma tendência a duvidar das coisas extraordinárias quando o meio, pelo qual elas se produziram, readquire seu aspecto habitual. Assim, olhando o espelho de Veneza, que reluzia no centro da sua moldura de cristal bisotado, à luz do dia, Malivert indagava de si mesmo, não vendo nele senão o reflexo de sua própria face, se era, efetivamente, verdade que o pedaço de vidro polido lhe apresentara, não havia muitas horas, o mais delicioso rosto que jamais olhos mortais contemplaram.

Sua razão preferia atribuir a visão celestial a um sonho, a um delírio enganoso. Mas o coração desmentia a razão. Muito embora fosse tão difícil estabelecer a realidade do sobrenatural, sentia muito bem que tudo era verdade e que por detrás da calma aparência das coisas agitava-se um mundo de mistérios. Entretanto nada mudara no apartamento, dantes tão tranquilo. Quem o visitasse nada observaria de particular ali, mas para Guy, diante,

detrás de cada peça, de cada armário, podia abrir-se uma porta sobre o infinito. Os menores ruídos – que ele tomava por advertências – faziam-no estremecer.

Para subtrair-se àquela excitação nervosa resolveu dar um grande passeio. Pressentia que as aparições de Espírita seriam noturnas e, ademais, se ela tivesse comunicações a fazer-lhe, sua ubiquidade fantástica fornecer-lhe-ia os meios de encontrá-lo, manifestando-se-lhe onde quer que estivesse. Naquele enredo – se se pode dar tal nome a acontecimentos tão vagos, tão aéreos, impalpáveis – o papel de Malivert era, necessariamente, passivo. Sua ideal namorada podia, a cada instante, irromper no seu mundo e ele não podia segui-la através dos espaços em que habitava.

Nevara na antevéspera, coisa rara em Paris. Apesar de um vento morno, a branca camada não se fundira, transformando-se na papa gelada mais horrível que a lama preta das velhas ruas, ou a vasa amarela dos macadames novos.

O frio intenso da noite cristalizara-a e ela chiava, como vidro esmigalhado, sob as rodas das viaturas e as solas dos sapatos dos pedestres. Grimalkin era um ótimo trotão e Malivert trouxera de S. Petersburgo um trenó com arreiaamentos completos. As ocasiões para passeios em trenó, nos climas temperados, não se apresentam muito frequentemente, e os *sportsmen* aproveitam-nas com entusiasmo. Guy tinha certo orgulho de seu trenó, o mais completo que, seguramente, havia em Paris. Poderia mesmo tomar parte, com superioridade, nas corridas da Praça da Neva. A corrida através do ar, salubrememente gelado, era-lhe convidativo. Durante um inverno rigoroso, passado na Rússia, aprendera a saborear as volúpias setentrionais da neve e do frio. Adorava deslizar pelo tapete imaculado, apenas raiado pelo aço dos patins, conduzindo com as duas mãos, à maneira dos *ivoschtchiks*<sup>15</sup>, um cavalo de boa andadura. Fez atrelar o trenó e, em pouco tempo, ganhava a Praça da

Concórdia e os Campos Elíseos. A pista não estava aplainada e marcada, como a Perspectiva Nevski, mas a neve era suficientemente espessa para que o trenó pudesse correr sem grandes arrancos. Não se pode exigir, é óbvio, de um inverno parisiense a mesma perfeição de um inverno moscovita. O Bosque de Bolonha se assemelhava a ilhas, de tal maneira a cobertura gelada se unira do chão ao tope dos arbustos, principalmente nos caminhos transversais menos frequentados pelas viaturas e cavaleiros. Guy de Malivert rumou por um caminho que atravessava o bosque de pinheiros, cujas ramas enegrecidas, pesadas de neve que o vento não sacudira, recordaram-lhe os passeios na Rússia. Não lhe faltavam abrigos, e o nordeste, cortante a fazer gelar o mercúrio, que conhecera lá, parecia-lhe agora um tépido zéfiro.

Uma multidão imensa se apinhava às bordas do lago. A afluência dos coches aí era tão grande quanto nos dias ensolarados do outono ou da primavera, quando as corridas apostadas entre cavalos famosos atraem ao hipódromo de Longchamps curiosos de todas as classes e posses.

Via-se, semideitadas nos assentos das caleches, sob o abrigo de enormes peles de urso branco debruadas de escarlata, damas da alta sociedade, que apertavam contra os *manteaux* de cetim, forrados de peles, os quentes regalos de marta. Sobre os altos assentos, guarnecidos de grossas passamanarias, numa atitude majestosa, costas protegidas por uma palatina de pele de raposa, os cocheiros das casas ricas, apreciavam, não com menos desdém que suas patroas, a passagem das burguesas, conduzindo, elas próprias, os *poneys* atrelados aos veículos extravagantes e pretensiosos. Havia também inúmeras viaturas fechadas, pois, em Paris, a ideia de sair-se de casa a cinco ou seis graus abaixo de zero, numa carruagem descoberta, parece demasiado ártica.

Um certo número de trenós fazia-se notar entre os carros de rodas, que pareciam não ter previsto a neve. Mas o de Malivert levava vantagem entre os

demais. Senhores russos que passeavam por lá, contentes como renas na neve, dignaram-se a dar mostras de aprovação ao ver as elegantes linhas da douga e a maneira correta como as finas correias dos arreios tinham sido dispostas.

Eram mais ou menos três horas da tarde. Uma ligeira bruma empanava a tonalidade do céu. Sobre o fundo cinzento destacavam-se as delicadas ramagens das árvores, que se assemelhavam, com sua galharia miúda, a essas folhas das quais se tira a polpa para guardarem-se apenas as fibras. Um Sol sem raios, lembrando um grande sinete de cera rubra, ia descendo na névoa. Um enxame de patinadores deslizava no lago. Três ou quatro dias de frio tinham bastado para dar ao gelo a espessura necessária a suportar o peso da multidão. A neve, varrida e amontoada nas margens, punha à mostra a superfície enegrecida e lisa, riscada em todas as direções pelo aço dos patins, como os espelhos de restaurantes onde os pares enamorados gravam nomes com pontas de diamantes.

Junto à ribeira postavam-se os alugadores de patins destinados ao uso dos amadores burgueses, cujos tombos serviam de intervalo cômico na festa de inverno, no ballet de *O Profeta* executado em grandes proporções. No meio do lago, em graciosos costumes, celebridades do patim executavam proezas. Enfileiravam-se, deslizando rápidas como o relâmpago, bruscamente desviavam-se nas corridas, evitando os choques, detinham-se descrevendo curvas, aspirais, números, desenhavam letras como os cavaleiros árabes que, com a ponta da espora, escrevem, cavalgando de costas, o nome de Allah nos flancos das montarias. Alguns conduziam, em leves trenós portentosamente enfeitados, lindas mulheres, abrigadas em peles, que se transtornavam e sorriam, ébrias de velocidade e frio. Outros levavam, pelas pontas dos dedos, jovens elegantes, exibindo pequenos gorros russos ou húngaros, túnicas de corte militar enfeitadas de raposa azul, saiotes de cores vistosas com

apanhados de alamares, e pequeninas botas reluzentes, onde entrelaçavam, como os cordões de um coturno, as correias dos patins. Aqueles, disputando velocidade, deslizavam com um pé só e, aproveitando a força do impulso, inclinavam-se para a frente como o Hipomene e Atalanta que se vê sob os castanheiros de um canteiro nas Tulherias.

O meio de ganhar-se a corrida, hoje como outrora, seria, talvez, deixar-se cair as maçãs de ouro aos pés de Atalanta, vestida por Worth. Mas havia-as, é certo, de tão ricas famílias, que um chuveiro de brilhantes não as deteria um instante sequer. O formigamento de trajes de uma elegância bizarra, de uma rica originalidade, aquela espécie de baile de máscaras sobre o gelo, formava um espetáculo gracioso, animado, cheio de encanto, digno do pincel de um Watteau, de um Lancret ou de um Baron. Certos grupos traziam à lembrança as cornijas das portas dos castelos antigos, em que as quatro estações são representadas e o inverno é figurado por galantes cavalheiros conduzindo, em trenós puxados por cisnes, marquesas fantasiadas de lobos de veludo, cujos regalos serviam de repositório aos bilhetes amorosos. A dizer verdade, àqueles encantadores rostos coloridos pelas rosas do frio faltavam as máscaras, mas, os meios-véus em que se envolviam, estrelados de lantejoulas, franjados de vidrilhos – à necessidade –, substituí-las-iam.

Malivert estacionara o trenó junto do lago e observava a cena jocosa e pitoresca, cujos principais atores não lhe eram desconhecidos. Conhecia de sobra a sociedade para estar a par dos amores, intrigas, *flirtations* que agitavam aquela multidão seleta que se podia distinguir da massa anônima, daquela multidão de comparsas que sempre se amontoam, sem compreendê-lo, ao redor dos espetáculos, e cuja utilidade é impedir que a ação se desenrole com demasiada clareza, mais a nu que seria de tolerar-se. Mas ele contemplava aquilo tudo com olhos terrivelmente desinteressados. Viu mesmo

passar, sem experimentar sombra de ciúmes, uma dama encantadora que, em outros tempos, fizera-lhe concessões. Gentil e com intimidade, deixava-se levar nos braços de um hábil patinador.

Deu rédeas a Grimalkin, que escarvava a neve com impaciência, guiando-o em direção a Paris pela aleia em declive, do outro lado do lago. Longchamps, eternamente atravancado de carruagens, onde os pedestres têm o prazer de ver reaparecendo, dez, doze vezes numa hora, a mesma berlinda estofada de amarelo, trazendo uma solene e encarquilhada dama, ou o mesmo pequeno *coupé* olho-de-corvo mostrando, pela portinhola, um cachorrinho de Havana e uma cabeça de cortesã penteada à *la chien*, não o atraía.

Guy mudou de direção, moderando a marcha de Grimalkin, que poderia atropelar alguém naquela alameda demasiado frequentada para que pudesse abandonar o nobre animal a toda sua velocidade. Ademais, não era de bom tom correr naquela pista privilegiada. Viu, dirigindo-se em sua direção, uma caleche muito conhecida e que não desejaria encontrar. A Senhora d'Imbercourt era assaz friorenta, e Guy não supunha que ela saísse com cinco ou seis graus abaixo de zero. Isso lhe evidenciava que não conhecia mesmo as mulheres.

Afinal de contas, nenhuma temperatura as impede de comparecer às reuniões elegantes, onde a crônica social exige sejam vistas. Ora, nada era considerado tão *chic* naquele inverno quanto comparecer ao Bosque de Bolonha e fazer um passeio sobre o lago gelado, lugar de encontro, entre três e cinco horas, em que *tout Paris* – para nos servirmos da linguagem dos cronistas mundanos – podia reunir, em um ponto qualquer, as mais célebres personalidades, os mais altos títulos.

Era um aborrecimento, para uma mulher de boa posição, não ser vista entre as beldades do dia ou não ter suas iniciais na resenha social de qualquer

jornal que comentasse a reunião.

A Senhora d'Imbercourt era bastante bela, bastante rica, bastante social para não se acreditar obrigada a seguir o ritual do bom tom. E ela obedecia, embora algo trêmula, sob as peles caras que ostentava ao mundo, como toda francesa de posses, na peregrinação do lago. Malivert desejou permitir que Grimalkin – que não almejava outra coisa – retomasse o trote rápido. A Senhora d'Imbercourt, porém, viu-o, e ele foi obrigado a estacionar o trenó ao lado da viatura da Condessa.

Conversava com ela sobre generalidades, distraído, alegando um jantar importante que terminaria tarde – para evitar comparecer aos Italianos –, quando um outro trenó roçou levemente o seu. Levava, atrelado, um magnífico cavalo da raça Orloff, de crina branca, pelo cinza-ferro e um rabo cujas crinas brilhavam como fios de prata.

Contido por um cocheiro russo de longas barbas, *caftan* de lã verde e túnica de veludo bordado de astracã, ele se indignava arrogantemente sob os freios e se agitava, balançando a cabeça, de maneira a tocar os joelhos com as ventas. A elegância do veículo, a firmeza do cocheiro, a beleza do cavalo, atraíram a atenção de Guy. Mas o que lhe sucedeu quando na mulher assentada num ângulo do trenó – e que ele tomara à primeira vista por uma dessas princesas russas que vêm durante uma ou duas estações deslumbrar Paris com seu luxo excêntrico – se Paris pode ser deslumbrado por qualquer coisa – reconheceu, ou pensou reconhecer, traços idênticos aos de uma certa figura apenas entrevista, mas inalteravelmente gravada no fundo de sua alma, e que, certamente, não podia esperar reencontrar no Bosque de Bolonha depois de tê-la visto surgir, como Helena a Fausto, numa espécie de espelho mágico!

A essa visão, estremeceu tão bruscamente que Grimalkin, percebendo sua comoção nervosa, inquietou-se. Então, apresentando à Senhora d'Imbercourt

algumas palavras de desculpa pela impaciência de seu cavalo, que não podia conter, partiu ao encalço do trenó que, por sua vez, acelerara a marcha.

Como se espantada, sentindo-se seguida, a dama volveu a cabeça por sobre o ombro para ver quem ousava tal atrevimento, e muito embora apresentando-se apenas nessa posição, que os artistas chamam perfil perdido, Guy adivinhou, através da mantilha de renda preta, uns bandós cor de ouro, ondulados, olhos de um azul noturno e, sobre as faces veladas, o rosado ideal de que a neve dos altos cimos, colorida pelo Sol no ocaso, pode apenas dar uma remota ideia. No lóbulo de sua orelha brilhava uma turquesa e no pedaço de nuca descoberta, entre a peliça e a mantilha, retorcia-se um cachinho teimoso, leve como um sopro, fino como os cabelos das crianças.

Era bem a aparição da noite, mas com toda a expressão de realidade de que se deve revestir um fantasma à luz do dia, junto ao lago do Bosque de Bolonha.

Como Espírita poderia encontrar-se ali, revestida de uma forma tão humana e encantadora, e, sem dúvida, tão visível aos outros quanto a si próprio? Era difícil explicar, mesmo admitindo a impalpabilidade da aparição, que o cocheiro, o cavalo, o trenó fossem sombras errantes. Era, também, uma questão que Guy não perdeu tempo em resolver, e, para assegurar-se de que não estava iludido por uma dessas semelhanças que se dissipam ao ser examinadas bem de perto, quis adiantar o trenó a fim de ver, face a face, o rosto misterioso. Deu rédeas a Grimalkin, que partiu como uma flecha. Durante alguns minutos sua respiração, em jatos de vapor branco, atingiu as partes traseiras do trenó perseguido. Muito embora, porém, sendo um bravo animal, Grimalkin não tinha força para lutar contra um trotador russo da melhor mostra de raça que Malivert jamais vira. O cocheiro emitiu um ligeiro estalido de língua e o cavalo de pelo cinza-ferro, com algumas

impetuosas arrancadas, prontamente ganhou distância a Grimalkin, abrindo, entre os dois trenós, um espaço suficiente a tranquilizar a proprietária dado fosse que estivesse alarmada.

Mas a intenção da dama, que se assemelhava tão intensamente a Espírita, não era, sem dúvida, desesperar a perseguição de Malivert. Seu trenó retomou uma marcha mais moderada. A corrida levava-os à alameda de pinheiros, que no momento nenhuma viatura obstruía, e a perseguição prosseguiu. Entretanto, Grimalkin não pôde alcançar o Orloff das estepes. Por mais esforços que fizesse, conseguia apenas manter a distância entre um trenó e outro. As ferraduras dos animais, no galope, faziam voar brancos flocos de neve que se desfaziam de encontro aos apara-neve de couro envernizado.

O vapor esbranquiçado, produzido pela respiração das briosas alimárias, envolvia-nos como verdadeiras nuvens. Na extremidade da avenida, que barrava as viaturas vindas pela estrada principal, os dois trenós se encontraram, por um instante, lado a lado, e durante alguns segundos Guy pôde ver o rosto da falsa princesa russa, cuja mantilha o vento acabara de lançar para trás. Um sorriso, espelhando celestial malícia, errava-lhe nos lábios, cuja sinuosidade formava o arco traçado para a boca de Mona Lisa. Seus olhos cintilavam, azuis como safiras, e uma tinta diáfana, um pouco mais intensa que da outra vez, coloria-lhe as faces veludasas. Espírita, era ela, desceu a renda sobre o rosto e o cocheiro, excitando o animal, lançou a carruagem para frente num ímpeto terrível. Guy emitiu um grito de terror. Naquele momento uma berlinda atravessava o caminho.

Esquecendo que Espírita era um ser imaterial, ao abrigo de todos os acidentes terrestres, ele acreditou fosse dar-se um choque catastrófico. Mas o cavalo, o trenó e o cocheiro passaram através do outro carro como através de uma nuvem, e logo Malivert os perdeu de vista. Grimalkin parecia assustado.

Estremecimentos nervosos faziam-lhe tremer as pernas de ordinários tão firmes, como se, também ele, não achasse explicação para o desaparecimento do trenó.

Os animais têm instintos de uma misteriosa profundidade! Veem coisas que muitas vezes escapam ao olhar distraído do homem. Dir-se-ia que, muitos dentre eles, possuem a percepção do sobrenatural.

Algun tempo depois tranquilizou-se e, voltando à borda do lago, reingressou na fila das viaturas reais.

Ao descer a Avenida da Imperatriz, Guy encontrou o Barão de Feroë que também voltava do bosque numa ligeira *droschki*. Depois de ter pedido fogo para seu cigarro a Malivert, o Barão lhe disse com uma entonação de voz entre jocosa e velada:

– A Senhora d’Imbercourt não deve estar satisfeita! Que cena ela não fará com você esta noite, se fizer a imprudência de ir aos Italianos! Olhe, penso que essa *steeple-chase*<sup>16</sup> de trenó não a agradou absolutamente. Mas é melhor você ir dizer a Jack que agasalhe Grimalkin. Ele poderá apanhar uma pneumonia.

---

14. Nota do tradutor: Patti, Adelina. Cantora italiana nascida a 19.2.1843 em Madri, e desencarnada a 27.9.1919 em Graig-y-Nos Castle, País de Gales. Filha dos cantores Salvatore Patti e Caterini Barilli, foi residir ainda criança em Nova York. Estudou com seu pai, Com Elisa Valentini, com seu cunhado Ettore Straskosh, Ettore Barilli e Muzio, discípulo de Verdi. Cantou pela primeira vez em um concerto em Nova York. Depois de anos de estudo, apresentou-se em *Lúcia*, em Nova York, obtendo grandes elogios da crítica. Em 1861 atuou no Covente Garden, em Londres, com *A Sonâmbula*, iniciando sua carreira de grande sucesso, apresentando-se nos principais teatros operísticos da Europa. Possuía bela voz de soprano e rapidamente era tida como uma das primeiras divas do mundo. Visitou a Escandinávia e a América do Sul. Casou-se três vezes: com o Marquês de Caus, o tenor Nicolini, e finalmente com o Barão sueco Cederström. Despediu-se do público no Albert Hall, de Londres, no dia 1º de dezembro de 1906, depois de uma carreira triunfal que durou 56 anos, retirando-se para sua residência em Gales, onde desencarnou, sendo, todavia, sepultada em Paris.

15. Nota do tradutor: Condutores de *troikas* na Rússia.

16. Nota do tradutor: *Steeple-chase*, em inglês no original: corrida de cavalos quase sempre com obstáculos.

## Capítulo 7

Guy já não se espantava mais com as coisas supranormais e por isso não achou absolutamente extraordinário que o trenó passasse através da berlinda. Aquela facilidade em transpor obstáculos, contra os quais se despedaçariam os veículos terrenos, evidenciava, em circunstâncias, o caráter fantástico do trenó procedente das cavaliças do Além, e que não podia transportar senão Espírita.

Decididamente Espírita estava ciumenta, ou, pelo menos, como todas as suas ações o provavam, desejosa de afastar Malivert da Senhora d'Imbercourt. E o meio empregado era esplêndido, pois, ao dobrar o ângulo do Arco da Estrela, Guy viu a Condessa na sua caleche, parecendo ouvir, muito benevolmente, as palavras, sem dúvida amáveis, que lhe dirigia d'Aversac, galantemente inclinado sobre a testeira do cavalo que levava a passo.

“Esta é a desforra do trenó” – pensou Malivert. “Mas eu não sou homem que se irrite no jogo. D'Aversac é um pretenso rapaz de espírito; a Senhora d'Imbercourt é uma pretensa beleza. Eles se convêm perfeitamente. Julgo-os sem paixão. As coisas do mundo não me interessam mais. Eles hão de ser ‘esposos adequados aos laços matrimoniais’ como diz, já não sei mais, que canção.”

Este foi o resultado da estratégia da Senhora d'Imbercourt que, apercebendo-se da passagem de Guy, inclinou-se talvez um pouco mais do que conviria, sobre a portinhola da caleche para responder às delicadezas de d'Aversac. A pobre Condessa julgava atrair o túbio adorador excitando-lhe o amor-próprio. Entrevira de relance a figura de Espírita, mas adivinhara nela

uma rival temível. O apressuramento de Guy, de ordinário tão calmo, em perseguir aquele trenó misterioso, a dama que nunca tinha sido vista dantes no Bosque, ferira-a ao vivo. Não se satisfizera com a desculpa dada com tanta precipitação e não acreditara que Grimalkin estivesse colérico. D'Aversac, que se satisfazia com pouco, não tendo o hábito de ser bem tratado atribuía, modestamente, ao seu próprio mérito, o que não tinha sabedoria de reconhecer como um despeito feminino. Na sua magnanimidade, lamentava aquele pobre Malivert, demasiado seguro da afeição que a Senhora d'Imbercourt lhe dedicava. Pode-se facilmente imaginar todos os projetos que a fatuidade do cavalheiro, auxiliada pelas aparências, pôs-se logo a urdir, partindo desse pequeno incidente.

Aquela noite Guy jantou na cidade. Convidado com muita antecedência, não pôde deixar de comparecer à residência dos amigos com os quais se comprometera. Felizmente os convidados eram numerosos e a preocupação, que se lhe transparecia nas rugas da testa, não foi notada. A refeição terminada, trocou algumas palavras com a dona da casa, fazendo, assim, a sua presença suficientemente constatada, e executou uma retirada astuciosa para um segundo salão, onde trocou apertos de mão com alguns homens eminentes de seu conhecimento, ali reunidos para conversar mais à vontade sobre assuntos importantes ou secretos. Depois disso, desapareceu, procurando o grupo em que esperava encontrar o Barão de Feroë.

Encontrou-o, de fato, assentado ante uma pequena mesa recoberta de verde, jogando, em separado, com o radiante d'Aversac, a quem devemos a justiça de dizer que ensaiava ocultar sua exultação íntima para não humilhar Malivert.

Contrariamente ao provérbio “Feliz no jogo, infeliz no amor”, d'Aversac ganhava. Isso deveria – por muito pouco supersticioso que fosse – inspirar-lhe

algumas dúvidas quanto à legitimidade de suas esperanças. Terminada a partida, como o Barão perdia, pôde levantar-se, pretextando fadiga e recusar, delicadamente, a desforra que lhe oferecia o adversário. O Barão de Feroë e Guy de Malivert saíram juntos, dando algumas voltas pelo *boulevard*, do qual o clube não distanciava muito.

– Que pensarão os *habitués* desse salão, que chamam o Bosque, daquela dama com um trenó, cavalo e cocheiro tão maravilhosamente notáveis e que ninguém conhece? – perguntou Guy ao Barão.

– A visão não se manifestou senão a você, à Condessa, que o espírito queria impressionar, e a mim que, na qualidade de iniciado, vejo o que é invisível para o resto dos homens. Fique certo de que se a Senhora d’Imbercourt mencionar a bela Princesa russa e o magnífico cavalo das estepes, ninguém saberá do que fala.

– Você acredita – perguntou Malivert ao Barão – que eu tornarei a ver Espírita em breve?

– Espere uma visita próxima – respondeu o Senhor de Feroë. – Meus amigos do outro mundo me advertem que muito se ocupam de você, no outro lado.

– Será esta noite ou amanhã? Em minha casa ou num meio imprevisível como aconteceu hoje? – indagou Malivert com a impaciência de um amoroso ávido de paixão e de um neófito curioso do mistério.

– Isso eu não lhe posso dizer com precisão – replicou o Barão sueco. – Os espíritos, para os quais o tempo não existe, ou, pelo menos, não existe mais, não têm hora para agir, pois atuam na eternidade. Para Espírita ver você esta noite ou daqui a mil anos é a mesma coisa. Mas os espíritos que se dignam entrar em comunicação conosco – pobres mortais que somos – levam em conta a brevidade de nossa vida, a imperfeição e a fragilidade dos nossos órgãos.

Sabem que entre uma aparição e outra medeia um quadrante eterno e o revestimento perecível do homem teria tempo de cem vezes tornar ao pó. Espírita, provavelmente, não deixará você esperando. Desceu à nossa esfera e não parece decidida a voltar à sua sem levar a termo os seus desígnios.

– Mas que desígnios serão esses? – perguntou Malivert. – Você, a quem nada é vedado no mundo sobrenatural, você deve conhecer o motivo que atrai esse puro espírito para um ser ainda submetido às condições da vida material.

– Meu querido Guy, no que diz respeito às coisas do além, meus lábios estão selados – respondeu o Barão de Feroë. – E preciso não trair o segredo dos espíritos. Confiaram-me deixar você em guarda contra toda sedução terrestre e impedi-lo de comprometer-se por laços que, possivelmente, arrastariam sua alma a uma situação que lhe proporcionaria um eterno arrependimento. Minha missão não vai além disso.

Assim falando, Malivert e o Barão, seguidos de suas carruagens levadas a passo pelo calçamento, chegaram à Magdalena, cuja colunata grega, prateada pelos pálidos raios de uma lua de inverno, tomava, no fim da larga Rua Real, umas aparências de Partenon que a luz do dia rouba. Lá chegados, os amigos se separaram, tomando as respectivas carruagens.

Chegando em casa, Malivert deixou-se cair na poltrona e, de cotovelo apoiado na mesa, mão no rosto, pôs-se a sonhar. A aparição de Espírita, no espelho, inspirara-lhe um desejo imaterial, o anelo que desperta a visão de um anjo. Mas a sua presença, às bordas do lago, sob uma forma mais verdadeiramente feminina, acendera-lhe no coração o fogo do amor humano. Sentia-se tomado de eflúvios ardentes, possuído pelo amor absoluto que não amortece a eterna posse do ser amado. Cogitando nessas coisas, com uma das mãos estendida sobre a mesa coberta de papéis, viu, sobre o fundo escuro do tapete turco, desenhar-se uma mão, estreita, de forma alongada, de uma

perfeição que a arte não podia igualar e que a natureza ensaiaria em vão atingir: uma mão afilada, de dedos longos e unhas luzidias como o ônix, cujo dorso deixava transparecer algumas veias azuladas, semelhantes a esses reflexos anilados que irisam o corpo leitoso da opala. Esplendia uma luz que não era a da lâmpada. Pela rosada frescura do tom e a ideal delicadeza da forma, só podia ser a mão de Espírita. O punho fino, pequenino, flutuante, cheio de graça, se perdia numa vaporosidade de indecisos contornos.

Como para melhor indicar que a mão era apenas um sinal, o braço e o corpo não estavam presentes. Enquanto Guy admirava-a, com seus olhos que já não mais se espantavam com o extraordinário, os dedos da mão se alongaram por sobre uma das folhas de papel de cartas que cobriam, em confusão, a mesa, e simularam os movimentos necessários à escrita. Pareciam traçar linhas, e quando percorreram toda a página – com a rapidez com que os atores escrevem uma carta numa cena de comédia – Guy apanhou a folha, acreditando nela encontrar frases escritas, sinais conhecidos ou desconhecidos. O papel estava limpo. Examinou a folha com uma expressão cheia de descontentamento, aproximando-a da claridade, observando-a em todos os sentidos e sob todos os reflexos de luz, sem nela descobrir o menor traço de caracteres. Entretanto, sobre outra folha, a mão continuava o trabalho imaginário, que não dava, aparentemente, o menor resultado.

– Que significa isso, afinal de contas? – pensou Malivert. – Escreverá Espírita com tinta simpática que é preciso aproximar do fogo para que apareça? Mas os dedos misteriosos não seguram a pena! O que desejará expressar? Deverei, eu próprio, servir de secretário ao espírito, ser *médium* para mim mesmo, se me permito empregar o termo consagrado? Os espíritos, dizem, podem produzir ilusões e aparências, criar, no cérebro dos que obsidiam, espetáculos terríficos ou maravilhosos. Mas têm dificuldade para

agir sobre a matéria. São incapazes, faltando-lhes certos recursos, até mesmo de transportar uma palha.

Lembrou-se do impulso que o levava a escrever o bilhete à Senhora d'Imbercourt e pensou que, por um influxo nervoso, Espírita talvez pudesse ditar-lhe, intimamente, o que desejava dizer. Era só abandonar-lhe a mão e fazer abstração, o quanto possível, de suas próprias ideias, para que não fossem confundir-se com as do espírito. Recolhendo-se, isolando-se do mundo exterior, Guy impôs silêncio ao tumulto de seu cérebro superexcitado, levantou um pouco a mecha da lâmpada, que se consumia, pegou uma pena molhada na tinta, colocou a mão sobre uma folha de papel e, com o coração cheio de uma receosa esperança, aguardou.

Ao fim de alguns minutos experimentou uma impressão singular. Pareceu-lhe que a noção de sua personalidade abandonava-o, que suas lembranças pessoais apagavam-se como as de um sonho confuso e que suas ideias perdiam-se de vista, como pássaros que se perdem no azul do céu. Muito embora seu corpo permanecesse sempre apoiado à mesa, guardando a mesma atitude, interiormente Guy sentia-se ausente, esvanecido, perdido. Uma outra alma, ou quando menos um outro pensamento, substituíra o seu, imperando sobre os centros motrizes que, como escravos, para obedecerem, apenas aguardavam a ordem do amo desconhecido. Os nervos dos seus dedos se contraíram. Começou a executar movimentos de que não tinha consciência, e a ponta da pena pôs-se a correr sobre o papel, traçando caracteres rápidos com a letra de Guy ligeiramente modificada. Aqui está o que Espírita escreveu. Encontrou-se entre os papéis de Malivert esta confissão de extramundo, que nós tomamos a liberdade de copiar.

\*\*\*

### **Confissões de Espírita**

É preciso, antes de mais nada, que você fique conhecendo o ser que considera indefinível e que veio ter participação em sua existência.

Por mais aguda que fosse a sua perspicácia, não chegaria a analisar minha verdadeira natureza; e, como numa tragédia mal feita, em que os heróis recitam seus nomes, qualidades e referências, sou forçada a falar de mim mesma. Mas tenho uma desculpa: é que ninguém poderia fazê-lo em meu lugar.

O seu coração intrépido, que não hesitou, ao meu apelo, em lançar-se aos misteriosos terrores do desconhecido, não tem necessidade de ser tranquilizado. O perigo, ademais – se ele existe –, não o impediria de prosseguir a aventura.

Este mundo invisível, no qual o real está velado, tem suas armadilhas e seus abismos, mas você não se precipitará neles. Espíritos de mentira e perversidade o percorrem. Há potências rebeldes e potências submissas, forças benfazejas e forças malfazejas.

O extremo inferior da escala mística, cujo ápice se perde na eterna luz, é a região das trevas.

Espero que, com minha ajuda, você grimpe os degraus luminosos. Não sou um anjo nem um demônio, nem um desses espíritos intermediários que levam, através das imensidades, a vontade divina, como o fluido nervoso comunica aos membros do corpo a vontade do homem. Sou, simplesmente, uma alma que ainda aguarda o seu pronunciamento, mas que a bondade divina permitiu pressentisse uma sentença favorável.

Já vivi na Terra e poderia dizer, como o epítáfio melancólico do pastor, no quadro de Poussin: Et in Acradia ego. Por essa citação latina, não me tome por uma mulher de letras. No meio em que me encontro tem-se a intuição de tudo, e as diferentes línguas faladas pelo gênero humano, antes

*e depois da lendária dispersão de Babel, são-nos igualmente familiares. As palavras são apenas a sombra da ideia. Nós temos a própria ideia em estado essencial.*

*Se houvesse idades no além, onde o tempo não existe, eu seria bem jovem na minha nova pátria: poucos dias se passaram desde que, desligada pela morte, abandonei a atmosfera que você respira e à qual me traz de volta um sentimento que **não se apagou na transição de um mundo a outro.***

*Minha vida terrestre, ou por melhor dizer, minha última passagem por este planeta foi muito curta, mas suficiente a dar-me tempo de experimentar o que uma alma sensível pode sentir de mais doloroso. Quando o Barão de Feroë procurava descobrir a natureza do espírito, cujas manifestações ainda indecisas perturbavam-no, e perguntou-lhe se uma vez uma moça, muito jovem ainda, não morrera de amor por você, estava muito mais perto da verdade que podia imaginar. E ainda que suas recordações nada lhe dissessem, pois o fato lhe era desconhecido, aquela asseveração comoveu-lhe profundamente a alma. Sua perturbação não se escondeu muito bem, sob a negativa cepticamente proferida.*

*Sem que você percebesse, minha existência deslizou muito junto à sua. Seus olhos não me encontraram; eu permaneci todo o tempo na sombra.*

*A primeira vez que eu vi você foi no parlatório do Couvent des Oiseaux, onde você ia visitar sua irmã que estava no pensionato, assim como eu, mas numa classe mais adiantada, pois eu tinha treze ou quatorze anos, ainda que não demonstrasse essa idade. Era débil, franzina e loira. Você não prestava nenhuma atenção à juvenzinha, àquela criança que, enquanto mordiscava o chocolate praliné da Casa Marquis, mandado pela mamãe, dirigia-lhe um olhar furtivo.*

*Você podia ter, então, vinte ou vinte e dois anos. Na minha singeleza*

*infantil, eu o achava lindo. A expressão de bondade e afeto que deixava transparecer quando falava à sua irmã, tocava-me, seduzia-me, e eu sonhava ter um irmão que se parecesse consigo. Minha imaginação de menina não ia mais longe. Como os estudos da Senhorinha de Malivert estivessem concluídos, retiraram-na do colégio, e você nunca mais voltou. Sua imagem, porém, não se apagou de minha lembrança. Conservou-se sobre o velino de minha alma como esses perfis ligeiros, traçados por uma hábil mão, a lápis, e que se encontram muito tempo depois, quase invisíveis, mas resistindo ainda os últimos vestígios, às vezes, de um ser desaparecido.*

*A ideia de que um tão grande personagem pudesse ter notado a minha pessoa, pudesse ter notado a mim, que estava ainda na classe das pequenas, e que as pensionistas mais adiantadas tratavam com certo desdém, seria ter ambição em demasia e, de fato, não me ocorreu, pelo menos nessa época. Mas pensava muitas vezes em você e, nesses castos romances com que sonham as imaginações inocentes, sempre lhe emprestava o papel de príncipe encantado.*

*Era você quem me livrava de perigos fantásticos, quem me arrebatava através dos subterrâneos, quem punha em fuga piratas e bandidos e me levava de volta ao rei, meu pai, pois para um tal herói era preciso, quando menos, uma infanta, uma princesa. E essa condição eu, modestamente, emprestava-me. De outras vezes, o romance transmutava-se em pastoral: você era um pastor, eu era uma pastora, e nossos rebanhos se misturavam num prado do mais tenro verde.*

*Sem que disso suspeitasse, você tinha tomado um lugar muito grande em minha vida; dominava nela como um soberano. Apresentava-lhe meus pequenos prêmios de escolar e trabalhava com todas as minhas forças para merecer sua aprovação. Dizia para mim mesma: “Ele não sabe que eu*

*ganhei um prêmio, se soubesse ficaria contente” e, preguiçosa por natureza, dedicava-me aos estudos com uma energia nova.*

*Não acha singular que uma alma de criança, que se entregava em segredo e que se reconhecia vassala do senhor de sua escolha, não se tivesse, nem por sombras, apercebido da sua submissão? Não é mais estranho ainda que essa impressão primeira não se tenha jamais apagado? Pois ela durou toda uma vida, bem curta, é certo, mas prosseguiu do outro lado. Ao vê-lo, alguma coisa de indefinível, de misteriosa agitou-se em mim, alguma coisa cujo sentido não conseguia apreender, até que meus olhos, ao serem fechados pela morte, abriram-se para sempre. Meu estado de ser impalpável, de espírito em essência, permite-me, agora, contar-lhe estas coisas, que uma jovem terrena talvez ocultasse. Mas a imaculada alvura de uma alma não cora nunca: o pudor celeste confessa o amor.*

*Dois anos passaram-se assim. De menina, tornei-me mocinha, e os meus sonhos começaram a se tornar um pouco menos pueris, sem deixar de conservar sua inocência.*

*Já não eram tantas vezes azuis e cor-de-rosa, já não terminavam sempre com as luzes de uma apoteose. Ia muitas vezes assentar-me num banco, ao fundo do jardim, afastando-me das companheiras ocupadas em jogos e conversas cochichadas. Então, como uma espécie de litania, eu murmurava as sílabas do seu nome. Algumas vezes, porém, tinha o atrevimento de julgar que esse nome um dia, talvez, pudesse tornar-se o meu, à custa de acasos e aventuras complicadas como nos romances de capa e espada, cuja intriga arranjava ao meu gosto.*

*Nasci de uma família que se podia colocar ao lado da sua. Meus pais eram de uma categoria social e de fortuna de modo a subtrair, dos remotos*

*projetos de união que arquitetava, muito timidamente – no canto mais secreto do coração –, todas as aparências de sonho ou impossibilidade.*

*Nada era mais natural que nos encontrarmos um dia, numa sociedade a que ambos tínhamos acesso. Mas, eu lhe agradaria? Você me acharia bonita? Esta é uma pergunta que o meu estreito espelhinho, no pensionato, não respondia. Hoje já pode julgar, pelo reflexo que lhe fiz aparecer no seu cristal de Veneza, e por minha aparição no Bosque de Bolonha.*

*E se, por acaso, você não prestasse àquela mocinha mais atenção que à menina do Couvent des Oiseaux? Esse pensamento mergulhava-me num desencorajamento profundo, mas a juventude não se desespera muito tempo, e logo eu voltava às ideias mais sorridentes. Parecia-me impossível que, encontrando-me, você não reconhecesse em mim a sua bem-amada, a alma marcada com o seu sinete, aquela que o adorava desde a infância; numa palavra, a mulher expressamente criada para você. Tudo isso eu não me dizia assim, de uma maneira tão clara! Não tinha, sobre os impulsos do meu coração, as luzes que tenho agora, que posso ver os dois lados da vida. Era um sentimento irresistível, uma fé cega, um instinto profundo. Apesar de minha virginal ignorância, da candura que ninguém, talvez, teve-a tanto quanto eu, levava na alma uma paixão cujo fogo deveria destruir-me, e que só hoje, pela primeira vez, é revelada. No convento eu não fizera amigas. Vivia sozinha, com meus pensamentos. Ciumenta do meu segredo, temia as expansões, as confidências. E todos os laços que me pudessem distrair de minha ideia única não me podiam convir. Apelidaram-me “A Séria”, e as mestras me citavam como exemplo para as outras.*

*Aguardava a época fixada para minha saída do convento com menos impaciência que se podia esperar. Era uma trégua entre o pensamento e a ação.*

*Enquanto estive fechada entre as altas paredes, tinha o direito de embalar-me, indolentemente, nos meus sonhos, sem que ninguém me censurasse. Mas uma vez aberta a gaiola era preciso orientar o meu voo, ter uma direção, voltar à casa, ao mundo, com seus usos, costumes, conveniências, infinitos pudores, às múltiplas aparências que a civilização prescreve, à interdição de todas as iniciativas do coração de uma jovem. Nenhum procedimento capaz de revelar seus ideais lhe é permitido. Um orgulho imposto opõe-se a que ela ofereça o que é sem preço – o amor. E preciso que seus olhos permaneçam baixos, os lábios emudecidos, o colo imóvel. Que nenhum rubor, nenhuma palidez traiam-na quando se encontre em face do objeto secretamente amado e que (tantas vezes) se afasta, supondo-se indiferente, crendo-se desdenhado.*

*Quantas almas feitas uma para a outra, à falta de uma palavra, de um olhar, de um sorriso, enveredam por caminhos divergentes que as separam, mais e mais, tornando sua união para sempre impossível! Quantas existências, deploravelmente frustradas, devem sua desgraça a uma causa semelhante, despercebida de todos e muitas vezes ignorada pelas próprias vítimas!*

*Eu fazia, muitas vezes, essas considerações, e elas se me apresentaram mais intensamente quando ia deixar o convento para voltar ao mundo. Entretanto, eu mantinha uma resolução. Chegou o dia de minha partida. Mamãe foi me buscar e eu me despedi das companheiras com uma parca efusão de sensibilidade. Não deixava entre aquelas paredes, onde tinham decorridos tantos anos de minha vida, nenhuma amizade, nenhuma lembrança. Seu pensamento, apenas, constituía todo o meu tesouro.*

## Capítulo 8

*Foi com um vivo sentimento de alegria que entrei no aposento, ou antes, no pequeno apartamento que mamãe havia preparado para quando eu deixasse o Couvent des Ciseaux.*

*Consistia num dormitório, toucador e um salãozinho, cujas janelas se abriam para o jardim, que se tornava maior com a perspectiva dos jardins vizinhos. Um muro baixo, tapizado de uma espessa cortina de hera, servia de linha demarcatória. Mas a pedra não se mostrava em nenhuma parte, de sorte que se via apenas uma sucessão de árvores antigas, de castanheiros gigantescos, simulando um parque ilimitado. No último plano, entretanto, o olhar vislumbrava, entre os tufos mais longínquos, o ângulo de um telhado, o cotovelo bizarro do cano de uma chaminé, sinal infalível nos horizontes de Paris.*

*É um prazer muito raro, reservado às pessoas de fortuna, ter diante de si, no meio da cidade, um grande espaço aberto e livre, ar, céu, Sol e verdura. Não se sente a proximidade de outras existências, paixões, vícios, desgraças. O delicado pudor da alma não será, talvez, melindrado por essa vizinhança imediata?*

*Eu experimentava uma verdadeira alegria, olhando, através de minhas janelas, aquele oásis de frescura, de silêncio e de solidão.*

*Estava-se no mês de agosto, pois eu terminara o período colegial no convento. A folhagem conservava-se ainda verde, porém com aquela coloração mais intensa que a passagem do estio marca na vegetação. Ao centro de um canteiro, desenhado embaixo de minha janela, um maciço de gerânios, em plena floração, deslumbrava os olhos com seu fogo artificial,*

*cor de sangue. O musgo que circundava aquela corbeille de flores, tapete de veludo verde em raygrass<sup>17</sup> da Inglaterra, fazia ressaltar, com sua coloração de esmeralda, o tom vermelho, ardente como a chama. Nas alamedas, cobertas de areia fina, que os dentes do ancinho ondeavam qual fitas de gorgurão, os passarinhos saltitavam confiantes como se fossem donos da propriedade. Decidi associar-me aos seus passeios, conquistando-lhes a amizade.*

*Meu quarto era guarnecido de cachemira branca, listrada de seda azul. Esta era também a cor dos móveis e das cortinas. No meu pequeno salão, decorado de igual maneira, um magnífico piano d'Erad oferecia seu teclado às minhas mãos que experimentaram, imediatamente, a sua melodiosa sonoridade. Uma estante de pau-rosa, colocada à frente do piano, guardava livros puros, que os castos poetas escrevem para uma virgem ler. As prateleiras inferiores abrigavam partituras de grandes compositores: Bach apoiado em Haydn, Mozart ao lado de Beethoven, como Rafael junto de Miguel Ângelo, Meyerbert encostado a Weber. Minha mãe reunira ali os meus prediletos, os meus mestres favoritos. Uma primorosa jardineira, cheia de flores de suaves perfumes, desabrochava ao centro do aposento como um enorme ramallete. Tratavam-me como uma menina mimada. Eu era filha única e todo o afeto de meus pais, naturalmente, se concentrava em mim.*

*Devia-se fazer minha apresentação à sociedade no princípio da estação seguinte, isto é, daí a dois ou três meses, na época em que terminavam os veraneios, as viagens, as temporadas em estações de águas e jogos, a hospitalidade nos castelos, as caças, as corridas, tudo isso que a alta sociedade inventa para entreter a temporada que os grã-finos não julgam decente passar em Paris, onde alguns afazeres, aquele ano, tinham retido meus pais.*

*Eu sempre preferia permanecer na cidade a ir para o velho castelo, muito triste, nos confins da Bretanha, que nos via chegar, infalivelmente, no princípio das férias. Pensava ademais que, em Paris, teria oportunidade de encontrá-lo, de ouvir falar de você, de me conhecer com pessoas de suas relações.*

*De uma maneira indireta, entretanto, compreendi que você havia partido, já havia algum tempo, para a Espanha, onde permaneceria durante os próximos meses. Seus amigos, aos quais você muito raramente escrevia, não o esperavam antes do inverno. Pretendiam-no preso nas redes de alguma mantilha. Isso não me inquietava absolutamente. Eu tinha, apesar de minha modéstia, a presunção de acreditar que meus bandós doirados poderiam fazer frente às tranças de azeviche da Andaluzia inteira.*

*Soube também que você escrevia para algumas revistas sob o pseudônimo latinizado de um de seus nomes de batismo, conhecido somente de seus íntimos, e que, sob a sua aparência de um perfeito gentleman, escondia-se um escritor distinto. Com uma curiosidade fácil de compreender, eu procurava na coleção de revistas todos os artigos marcados com aquela característica.*

*Ler-se um escritor é entrar em comunicação espiritual com ele. Um livro outra coisa não é que uma confidência endereçada a um amigo ideal, uma palestra na qual o interlocutor está ausente. Não se pode sempre tomar ao pé da letra o que diz um autor: é preciso levar em conta as posições filosóficas ou literárias, as afetações em moda no momento, as reticências exigidas, o estilo imposto ou desejado, as imitações admirativas, tudo enfim quanto possa alterar as aparências exteriores do escritor. Porém, sob todos esses disfarces, a atitude da alma acaba por se revelar àquele que sabe ler. O verdadeiro pensamento está, muitas vezes, nas entrelinhas, e o segredo do*

*poeta, que ele não quer, ocasionalmente, entregar às massas, se adivinha à distância. Um após outro caem os véus, e as palavras enigmáticas se explicam.*

*Para formar uma ideia de você, estudei com uma atenção extrema as narrativas, os fragmentos de filosofia e crítica, as notícias e versos esparsos aqui, lá, a longos intervalos, e que assinalavam facetas diversas de seu espírito. É menos difícil conhecer-se um autor subjetivo que um autor objetivo: o primeiro exprime seus sentimentos, expõe suas ideias e julga a sociedade e os homens do ponto de vista de um ideal; o segundo apresenta as coisas tais como são oferecidas pela natureza, procede por imagens, por descrições; ele põe as coisas ante os olhos do leitor, desenha, veste e dá cores exatas aos seus personagens, põe-lhe as palavras nos lábios e faz abstração de sua opinião própria. Este sistema era o seu. À primeira vista, poder-se-ia acusá-lo de certa imparcialidade desdenhosa que não fazia grande distinção entre um lagarto e um homem, entre o vermelho de um pôr do Sol e o incêndio de uma cidade. Mas, olhando de perto, vi rápidos coriscos, bruscas investidas, pausas inesperadas. Podia-se adivinhar uma profunda sensibilidade contida por um pudor orgulhoso que não apreciava deixar suas emoções a descoberto.*

*O juízo literário estava de acordo com o juízo instintivo de meu coração. E agora que as coisas já não ficam ocultas para mim, sei como fui justa. Todas as ênfases sentimentais, lacrimosas e hipocritamente virtuosas, horrorizavam-no, e, para você, enganar a alma era o pior dos crimes.*

*Essa ideia tornava-o de uma sobriedade extrema na expressão de pensamentos ternos ou passionais. Preferia o silêncio à mentira ou à exageração do que é sagrado. Aos olhos de alguns tolos, você era um insensível, um coração duro e talvez cruel. Mas eu me apercebi de tudo e*

*não pude duvidar da sua bondade. A nobreza do seu espírito não era passível de dúvidas. Seu altivo desdém à vulgaridade, ao servilismo, à inveja e a todas as deformidades demonstravam isso suficientemente. À força de ler suas produções, adquiri, com respeito a você – que eu vira apenas uma vez –, um conhecimento que a convivência de todos os dias não me teria dado. Penetrava nos recônditos mais secretos do seu pensamento. Conhecia seus pontos de partida, seus objetivos, seus motivos, suas simpatias e antipatias, suas predileções e aversões, toda a sua personalidade intelectual, deduzindo dela o seu caráter.*

*Algumas vezes, ao meio de uma leitura, emocionada por uma passagem que era para mim uma revelação, fechava o livro e me sentava ao piano, executando como que um comentário do que você escrevera, um motivo de cor e sentimentos análogos aos seus, mas transformados em vibrações belas e melancólicas. Comprazia-me ouvindo – transportado para outra arte – o eco de seus pensamentos. Talvez aquelas relações fossem imaginárias, pode ser que, além de mim, ninguém mais as entendesse. Mas, seguramente, muitas se correspondiam. Sei disso agora, que vivo na fonte eterna da inspiração, agora que a vejo caindo em estrelas luminosas sobre a fronte dos gênios.*

*Enquanto lia tudo quanto caía em minhas mãos, escrito por você – pois o círculo de atividade de uma moça é tão limitado que a iniciativa mais simples torna-se-lhe quase irrealizável –, a estação se adiantava, a copa do arvoredado tornava-se acobreada, tomava tonalidades de açafrão. Era o fim do outono. As folhas, uma após outra, se destacavam dos galhos e o jardineiro, apesar de todos os seus cuidados, não podia impedir que a areia e o musgo se cobrissem com elas.*

*Algumas vezes, quando eu passeava sob os castanheiros do jardim, a*

*queda de uma castanha, despencando sobre minha cabeça, ou rolando a meus pés, de sua cápsula aberta, interrompia meus sonhos, fazendo-me, involuntariamente, estremecer.*

*As plantas delicadas, os arbustos friorentos estavam sendo levados para a estufa. Os passarinhos tomavam esse aspecto de inquietação que têm à aproximação do inverno, e, de tarde, nós os ouvíamos querelando nos ramos despojados de folhas.*

*Finalmente ia começar a saison. Os grã-finos, a alta sociedade, os milionários voltavam a Paris de todos os pontos do horizonte. Já se tornavam a ver, nos Campos Elíseos, as carruagens elegantes, com brasões desenhados nas portinholas, subindo, lentamente, em direção do Arco da Estrela, onde se podia aproveitar os últimos raios do Sol poente.*

*O Teatro Italiano publicava nos jornais a lista de seus cantores, o programa de seu repertório, e anunciava sua próxima abertura. Eu me rejubilava, imaginando que aquele movimento geral de retorno trouxesse você da Espanha e que, cansado de escalar as montanhas, tivesse desejo de aparecer nos bailes, nos saraus, nas reuniões em que eu esperava encontrá-la.*

*Uma vez, indo ao bosque com mamãe, vi você passar a cavalo junto de nossa carruagem, mas tão rapidamente que tive apenas tempo de reconhecê-lo. Era a primeira vez que o via, depois de sua visita ao Couvent des Oiseux. Todo o meu sangue afluiu-me ao coração. Tive a impressão de um choque elétrico. Pretextando sentir frio, desci o véu sobre o rosto para ocultar a alteração de minha expressão e me aconcheguei, silenciosamente, ao canto do cupê. Minha mãe levantou o vidro, dizendo:*

*– Está ficando frio. O nevoeiro se aproxima. Voltemos a casa, se você não quer continuar o passeio.*

*Fiz um sinal assentindo: já vira o que desejava ver, já sabia que você estava em Paris.*

*Estivemos uma noite num camarote dos Italianos. Para mim, ouvir os cantores, sobre os quais lera tantos elogios e que não conhecia ainda, era uma festa. Uma esperança me embalava docemente o coração; não é preciso contá-la a você. Chegava o momento. Levavam A Sonâmbula e a Patti devia cantar. Mamãe mandara fazer um vestido para mim. Simples, mas encantador, estava muito de acordo com a minha idade. Era de tafetá branco, recoberto de musselina, com enfeites de pérolas e veludo azul claro. Apanhara os cabelos com um laço de veludo da mesma cor, cujas pontas caíam-me na nuca, e levava ao pescoço uma fieira de pérolas. Enquanto me olhava no espelho de meu toucador, dizia para mim mesma:*

*– Apreciará ele o azul? No Capricho de Alfred de Musset, a Senhora de Léry pretende que esta é uma tonalidade estúpida.*

*Entretanto não podia deixar de convir que o laço azul ia muito bem com meus cabelos loiros. Se você me tivesse visto, creio que me teria amado. Clotilde, a criada de quarto, pondo em ordem as pregas de minha saia e ajustando os enfeites de minha blusa, fez-me esta observação:*

*– A Senhorinha está muito linda esta noite.*

*A carruagem deixou-nos, a minha mãe e a mim, defronte ao peristilo. Papai ficara de vir mais tarde, e nós começamos a subir, lentamente, a monumental escada, cujos degraus tinham sido cobertos por um tapete vermelho. Envolvidas numa morna atmosfera, cheirando a violetas e patchuli<sup>18</sup>, mulheres com suntuosos vestidos, ainda encobertos pelos agasalhos, peliças, albornozes, xales, saídas de baile que deixavam nas mãos dos lacaios, subiam as escadas arrastando ondeantes caudas de cetim e veludo, e apoiavam as pontas dos dedos nos braços de cavalheiros sisudos,*

*de gravata branca, cujos fraques negros traziam, à lapela, placas de condecorações anunciando suas intenções de ir, depois do espetáculo dos Italianos, a um sarau oficial ou diplomático. Jovens altos e esbeltos, elegantes e corretamente vestidos seguiam-nas a poucos passos, atraídos por um sorriso.*

*Tudo isso não tem nada de novo, e essa descrição você a faria muito melhor do que eu. Mas aquele espetáculo era inédito para uma pequena pensionista que fazia sua entrada na sociedade.*

*A vida é sempre a mesma. É uma peça de teatro da qual só os espectadores mudam. Aqueles, porém, que não viram a peça, prendem nela toda a sua atenção, como se tivesse sido escrita especialmente para eles, e pensam ser aquela a sua primeira representação.*

*Eu estava alegre, sentia-me bela. Alguns lorgnons que me fixavam confirmavam isso. Certas damas tinham-se virado depois de me examinarem agudamente. Isso provava que nada havia de censurável, tanto em minha pessoa quanto no vestido.*

*Um secreto pressentimento me advertia de que eu o veria aquela noite. Essa esperança emprestava brilho aos meus olhos e espalhava em minhas faces um colorido mais vivo que habitualmente. Instalamo-nos em nosso camarote e logo as lorgnettes foram assestadas sobre mim. Eu era uma figura nova, e isso se nota no Teatro Italiano, que é assim como um salão de festas em largas proporções, onde toda a gente se conhece.*

*A presença de minha mãe enunciava meu nome, e eu compreendi, pelas cabeças reunidas, umas junto às outras, que falavam de minha pessoa em inúmeros camarotes, favoravelmente sem dúvida, pois sorrisos benévolos seguiam-se às frases cochichadas.*

*Ser objeto de todos os olhares me aborrecia um pouco. Usando decote*

*pela primeira vez, sentia meus ombros estremecendo sob a gaze semitransparente que os recobria.*

*Escutou-se, negligentemente, a ouverture. Quando a cortina levantou-se, as cabeças se viraram para o palco, pondo fim ao meu embaraço.*

*O aspecto da linda sala, com suas pedrarias e flores, com seus dourados, suas luzes e suas brancas cariátides, não poderia deixar de produzir em mim uma surpresa cheia de admiração. A música de Bellini, cantada por artistas de primeira ordem, transportou-me a um mundo maravilhoso. Entretanto, o verdadeiro interesse do espetáculo não estava ali, para mim. Enquanto meus ouvidos escutavam as suaves melodias do mestre siciliano, furtivamente os meus olhos examinavam os camarotes, os balcões e os lugares junto da orquestra, procurando descobri-lo.*

*Você só chegou ao fim do primeiro ato, e, quando a cortina desceu, vi-o passeando pela sala, com um ar de indiferença, olhando os camarotes vagamente, sem demorar os olhos em nenhum. Os seis meses passados na Espanha bronzearam-lhe a pele. Havia uma expressão nostálgica em sua fisionomia, como se sentisse saudade do país que acabara de deixar.*

*Enquanto você fazia aquela rápida inspeção, eu pensava que o coração fosse saltar-me do peito. Por um instante julguei que seus olhos tinham se detido em mim. Mas enganei-me. Vi que deixava o seu lugar, reaparecendo alguns minutos depois num camarote fronteiro ao nosso, que estava ocupado por uma jovem senhora maravilhosamente vestida, cujos negros cabelos luziam como cetim. O rosa pálido do seu vestido quase se confundia com a carne nua do colo. Diamantes luziam nos cabelos, orelhas, em seu pescoço e braços. Sobre o anteparo coberto de veludo, ao lado de seus binóculos, via-se um enorme ramalhete de violetas de Parma e camélias. Ao fundo, na penumbra, distinguia-se um personagem idoso, calvo, obeso, cuja lapela*

*ocultava, em parte, a condecoração de uma ordem que eu não conhecia. A dama lhe falava com visível prazer e você lhe respondia natural e tranquilamente, sem parecer grandemente lisonjeado com essas demonstrações mais que amigáveis. Minha mágoa de não ter sido notada era compensada pela alegria de sentir que você não amava a mulher de olhar atrevido e sorriso provocante, cuja toilette despedia faíscas.*

*Ao fim de alguns minutos, como os instrumentos começassem a ser afinados para o segundo ato, você se despediu da senhora dos diamantes e do senhor idoso, condecorado, voltando ao seu lugar. O espetáculo chegou ao fim sem que você virasse a cabeça.*

*No meu íntimo experimentava como que um movimento de impaciência contra a sua pessoa. Estava admirada com o fato de você não adivinhar que uma mocinha de vestido branco, enfeitado de azul, desejava, infinitamente, ser apercebida pelo cavalheiro que ela, secretamente, elegera.*

*Desde longo tempo eu sonhava me encontrar no mesmo ambiente que você. O desejo estava realizado. Não era possível que você duvidasse de que eu estivesse ali! Deveria ter sentido – assim me parecia – um arrepio agradável percorrendo-lhe a epiderme, ter-se virado e procurado, cheio de ânsias, na sala, a causa daquela secreta emoção, deter o olhar no meu camarote, levar a mão ao coração e imobilizar-se em êxtase. Um herói de romance não teria deixado de fazer isso. Mas você não era um herói de romance.*

*Meu pai, retido por um jantar importante, só chegou na metade do segundo ato. Notando sua presença, ele disse:*

*– Guy de Malivert está aqui. Não sabia que já tivesse regressado da Espanha. Essa viagem nos trará as cores das touradas através da Revue. Guy é um tanto quanto bárbaro.*

*Deu-me prazer ouvir-lhe o nome pronunciado pelos lábios paternos. Você não era desconhecido da família. Uma aproximação era coisa possível, fácil mesmo. Essa ideia consolou-me um pouco do insucesso da noite.*

*O espetáculo terminou sem outros incidentes, afora a chuva de ramalhetes, as chamadas à cena, as ovações a Patti. Enquanto esperávamos no vestíbulo que o lacai anunciasse nossa carruagem, vi-o passar na companhia de um amigo e tirar um cigarro de um fino estojo de espartaria de Manilha. O desejo de fumar fazia-o insensível ao desfile de beldades e deformidades – é preciso dizer – que se exibiam nos degraus da escada. Você passou através daqueles amontoados de fazendas sem cuidar muito se os pisava ou não, e, com o seu amigo que o seguia pelo espaço aberto à sua passagem, logo alcançou a porta.*

*Voltando para casa, feliz e descontente ao mesmo tempo, depois de ter ensaiado, distraidamente, alguns trechos de A Sonâmbula, como para prolongar as emoções da noite, deitei-me e adormeci pensando... em você...*

---

17. Nota do tradutor: *Raygrass*, em inglês, no original, trata-se da planta denominada em português “falso centeio”.

18. Nota do tradutor: Patchuli – perfume extraído de uma planta da espécie da labiada aromática.

## Capítulo 9

*Acontece muitas vezes que, ao fim de certo tempo, a gente faz um confronto entre a lembrança e a figura que a imaginação – trabalhando como um pintor que continua o retrato na ausência do modelo, suavizando os planos, estabelecendo as cores, esfumando os contornos – transforma, sem que apercebamos, no tipo do nosso ideal particular.*

*Eu o havia visto depois de três anos. Meu coração, porém, guardara, nitidamente, a lembrança dos seus traços. Só que se parecia menos com a minha imagem mental de então. Sua fisionomia ganhara em firmeza e caráter. Tostada nas viagens, sua pele adquirira uma cor mais quente e saudável. Era mais um homem que um rapaz, e ostentava uma aparência de tranquila autoridade, de força e segurança de si mesmo, que agrada mais às mulheres que a própria beleza. Eu não guardava menos zelosamente, no fundo do coração, aquele primeiro esboço, aquele rápido croqui, porém inapagável, do ser que devia exercer tanta influência em minha vida. Era como se guardasse uma miniatura da infância ao lado de um retrato atual. Meus sonhos não o haviam diminuído e fui obrigada, revendo-o, a despojá-lo do manto de fantasiosas perfeições.*

*Eu pensava nisso tudo, encolhida no leito, olhando os reflexos trêmulos do lampião amortecido sobre as rosas azuis do tapete, esperando o sono que não vinha, mas que, pela madrugada, desceu sobre meus olhos, entremeado de sonhos sem continuidade e melodias indistintas.*

*Algumas semanas depois recebemos convite para um grande baile que a Duquesa de C... oferecia. Era um acontecimento importantíssimo para uma jovem que ia ao seu primeiro baile. A coisa tinha para mim um interesse*

*todo especial, pois era muito provável que você se apresentasse à festa, considerando-se a amizade que o ligava à Duquesa.*

*Os bailes são nossas batalhas, perdidas ou ganhas. Neles uma mocinha, saída de entre as sombras do gineceu, tem oportunidade de brilhar com todas as suas luzes. Os costumes sociais, durante esse curto espaço de tempo, dá-lhe, sob o pretexto da dança, uma espécie de liberdade relativa, e o baile é, para ela, um vestíbulo da ópera, em que os dominós levam o rosto descoberto. Um convite a uma quadrilha, a uma mazurca facilita uma aproximação; permite, enquanto se executam as figuras da contradança, que se troquem palavras e confissões. Muitas vezes, porém, no pequeno carnet em que a jovem registra as danças concedidas, consta uma lista de nomes... menos o único que ela desejaria marcar.*

*Urgia que se tratasse da minha apresentação à sociedade. Um vestido de baile é todo um poema. O de uma mocinha apresenta grandes dificuldades. Deve ser simples, mas de uma rica simplicidade. Estas qualidades não podem ser excluídas. Um vestido leve, de uma imaculada alvura, como dizem os romances, não me agradava.*

*Decidi-me, depois de muita hesitação, por uma toilette de saias imensas em gaze de pailletes prateados, presa por pequenos ramalhetes de miosótis, cujo azul se harmonizava, às maravilhas, com o adereço de turquesas que papai comprara para mim na Casa Janisset. Botões de turquesas, imitando a flor que enfeitava o vestido, adornavam-me os cabelos. Armada dessas maravilhas, acreditei-me capaz de fazer frente às toilettes esplêndidas das belezas famosas que, por certo, compareceriam. Verdadeiramente, para uma simples filha do planeta Terra, eu fazia muito boa figura.*

*A Duquesa de C... habitava um desses imensos palácios do Faubourg de Saint-Germain, construídos para as existências grandiosas do passado e*

*que a vida moderna tem trabalhado para conservar. É preciso multidões e luxo para restituir-lhes a animação antiga. Do exterior, fica-se longe de supor a extensão do palácio, quase principesco. Um alto muro, unindo dois corpos do edifício, enquadrava um portão monumental, ostentando no seu ático, em letras de ouro sobre um escudo de mármore verde: Palácio de C... Era tudo o que se via da rua.*

*Uma larga alameda de tílias centenárias, formando abóbada, conforme o gosto francês, e que o inverno havia desfolhado, conduzia ao imenso pátio, ao fundo do qual erguia-se o palácio em puro estilo Luís XIV, com suas altas janelas, suas pilastras em parte embutidas na parede, e seus remates à Mansart, recordando a arquitetura de Versalhes.*

*Uma marquise de cetim rosa e branco, sustida por suportes de madeira entalhada, estendia-se sobre a escada exterior, recoberta por um rico tapete. Tive tempo de ver todos esses detalhes à luz dos lampiões suspensos, pois a afluência, ainda que selecionada, era tão numerosa que se formavam filas na escadaria, como nas recepções da corte.*

*A carruagem deixou-nos no saguão. Confiámos nossas peijas às mãos do lacaios. Por detrás da porta envidraçada, que ele abria e fechava, postava-se, com a mais autêntica aparência, um suíço gigantesco. No vestíbulo passava-se entre uma dupla fila de lacaios em librés de gala, empoados, todos de elevada estatura, imóveis e perfeitamente sérios. Dir-se-iam as cariátides da domesticidade. Pareciam orgulhosos de ser lacaios de uma tal residência. Os gradis das escadas estavam inteiramente recobertos de imensas camélias. Em cada patamar um grande espelho permitia às mulheres reparar, enquanto subiam, as pequenas desordens que um abrigo, por mais leve que seja, causa aos vestidos de baile, perfeitamente iluminadas pela viva luz de um lustre suspenso, por correntes*

*douradas, ao teto em cúpula, onde, entre azuis macios e nuvenzinhas, o pincel de algum aluno de Lebrun ou Mignard fizera voitar, em miniatura, uma alegoria mitológica ao gosto do tempo.*

*Entre as janelas viam-se paisagens de formas oblongas, de um estilo severo e cores esfumaçadas, que se poderiam atribuir a Poussin ou, quando menos, a Gaspard Dughet. Esta era a opinião de um pintor famoso, que subia as escadas ao nosso lado, e que encaixara o monóculo no olho para apreciá-las melhor. Nos ângulos da escada, sobre pedestais em que se apoiavam os balaústres, maravilha de serralheria, estátuas de mármore de Lepautre e Théodon seguravam candelabros esparzindo tanta luz que pareciam dar começo à festa, nas escadas.*

*À porta da antecâmara, atapetada de tentures de Gobelins, segundo desenhos de Oudry sobre um soalho de carvalho antigo, permanecia um porteiro vestido de preto, corrente de prata no pescoço, que, em voz mais ou menos retumbante, conforme a importância do título, anunciava ao salão principal o nome do recém-chegado.*

*O Duque, alto, magro, apresentando as linhas alongadas de um galgo de raça, tinha um ar perfeitamente nobre e, apesar de sua idade, revelava vestígios da antiga elegância. Na rua ninguém duvidaria da sua posição. A poucos passos da porta, ia recebendo os convidados com palavras amáveis, com apertos de mão, cumprimentos, sinais de cabeça e sorrisos, com expressões finas que dirigia aos convidados, com uma graça tão perfeita que todos sentiam-se satisfeitos, acreditando-se objeto de uma atenção especial. Cumprimentou mamãe de uma maneira respeitosamente amigável, e como era a primeira vez que me via, recitou-me um madrigal, semigalante, semipaternal, que expressava sua antiga galantaria.*

*Junto da lareira postava-se a Duquesa, vestida de um modo que*

denotava a perda de todas as ilusões. Era, evidentemente, uma pessoa aferrada aos antigos hábitos. Ostentava sobre o colo magro, intrepidamente decotado, diamantes históricos. Dava uma impressão de atividade e, sob suas pálpebras pesadas e bistradas, os olhos brilhavam com uma intensidade extraordinária. A Duquesa trazia um vestido de veludo vermelho escuro com aplicações de bordados da Inglaterra e uma placa de diamantes na blusa. Enquanto se dirigia aos grupos que vinham cumprimentá-la, com mão distraída abanava-se com um leque largo, cuja folha tinha sido pintada por Watteau. Executando esses movimentos, deixava transparecer um ar senhoril. Trocou algumas palavras com mamãe, e, como eu me inclinasse ao ser apresentada, roçou minha testa com seus lábios frios, dizendo:

– Divirta-se, minha pequena, e, principalmente, não perca nenhuma contradança!

Depois desse cumprimento cerimonioso, passamos ao salão vizinho que conduzia ao salão de baile. Sobre o damasco vermelho que recobria as paredes, em molduras magníficas da época áurea da pintura, saltavam aos olhos retratos de família que ali, evidentemente, não tinham sido colocados por orgulho nobiliário, mas apenas como obra prima de arte. Havia-os pintados por Clouet, Porbus, Van Dyck, Philippe de Champagne, Largilière, todos dignos de figurar na galeria de um museu.

No luxo daquela residência nada parecia novo e isso era o que mais me agradava. As pinturas, os dourados, os damascos, os brocados, sem estar arruinados, tinham tonalidades que não fatigavam meus olhos. Via-se que aquelas riquezas datavam de tempos imemoriais e que tudo sempre fora daquela maneira. O salão de baile era de uma dimensão que só se encontra nos palácios. Numerosos castiçais e tocheiros, colocados nos vãos entre as janelas, causavam, com suas centenas de velas, um deslumbramento

*luminoso, através do qual as pinturas cerúleas do forro, onde se entrelaçavam guirlandas sustentadas por ninfas e cupidos, eram vistas como que sob uma transparente nuvem cor-de-rosa.*

*Apesar desse borbotão de luzes, o salão era tão grande que não ficava abafado. A orquestra estava colocada sobre uma espécie de tribuna, ao fundo do salão, rodeada por um maciço de plantas raras. Em banquetas forradas de veludo, dispostas em forma de anfiteatro, alinhavam-se mulheres esfuziantes de adornos, quando não de beleza, pois havia-as formosíssimas. O espetáculo era magnífico.*

*Nós entramos justamente num intervalo de danças. Assentada ao lado de mamãe, numa ponta de banquetas que encontramos livre, eu fixava aquela cena, inédita para mim, com os olhos cheios de curiosidade. Depois de terem acomodado seus acompanhantes, os cavalheiros passeavam pelo centro da sala, fazendo uma espécie de revista nas damas, que escolhiam para as próximas contradanças. Aquele era o elemento jovem do baile. As pessoas mais idosas não dançavam. Viam-se jovens adidos de embaixada, secretários de legações, futuros auditores do Conselho do Estado, futuros juizes, relatores de processos de petição, ainda imberbes, oficiais aspirantes, membros do Moutard-Club, de uma circunspeção diplomática, sportsmen do gramado, jovens de famílias ricas, com o precoce aprumo de um grande nome e de uma fabulosa fortuna. Nessa jovem multidão misturava-se um ou outro personagem de aspecto grave, carregado de condecorações, cujo crânio polido brilhava como marfim à luz dos candelabros. Ao passar, dirigiam algumas palavras delicadas às senhoras maduras, suas contemporâneas nos tempos da mocidade. Logo, prosseguindo, examinavam com olho clínico e desinteressado, munido de monóculos, o serralho feminino instalado no salão de festas. Os primeiros*

*acordes da orquestra punham-nos em fuga, com a máxima velocidade que lhes permitiam os pés gotosos, para os salões mais tranquilos, onde, sobre mesas iluminadas por candeeiros munidos de quebra luzes verdes, jogava-se o bouillotte ou o écarté.*

*Como você pode imaginar, não me faltaram convites. Um jovem húngaro, em trajas de potentado, bordado de sutaches, constelado de botões brilhantes, inclinou-se delicadamente à minha frente, requisitando-me para uma mazurca. Tinha um rosto de linhas regulares, palidamente romântico, com grandes olhos negros, um pouco selvagens, e bigodes afilados como agulhas. Um inglês de vinte e dois ou vinte e três anos que, sem ser coxo, lembrava Lord Byron, um adido de uma das cortes do Norte, e muitos outros, vieram inscrever seus nomes no meu carnet. Muito embora o velho professor de dança no convento me considerasse uma de suas melhores alunas, louvasse minha graça, minha agilidade e percepção de ritmo, eu não me achava, é preciso confessar, muito à vontade. Sentia, como dizem os jornais, a emoção inseparável do princípio. Parecia-me, como às pessoas tímidas, que todos os olhos estavam postos em minha pessoa. Felizmente o meu húngaro era um excelente dançarino. Dados os primeiros passos, fui empolgada pela música, embriagada pelo movimento, recobrei o controle e deixei-me levar no turbilhão de saias flutuantes, tomada por um nervoso prazer. Entretanto, não esquecia aquela obsessão de sempre, o motivo principal de minha vinda ao baile. Ao passar pelas portas, com rápidos olhares, eu procurava descobri-lo nos salões vizinhos. Encontrei-o, finalmente, numa sacada, conversando com um personagem de rosto bronzeado, nariz largo, barbas negras e compridas, a cabeça coberta por um fez vermelho, vestindo o uniforme de Nizam e trazendo a condecoração de Medjidieh. Devia ser um bei ou um paxá. Quando o torvelinho da dança*

*aproximou-me de novo, a conversa com o turco, de uma placidez oriental, prosseguia animadamente. Você não se interessava pelas lindas figuras que rodopiavam à sua frente, coradas pela dança, numa ofuscação de luz.*

*Eu não perdi, entretanto, de todo a esperança, e, no momento, contentei-me sabendo que você estava ali. Ademais, o fim da festa não tinha chegado ainda, e algum feliz acaso podia nos aproximar. Meu par conduziu-me para perto de mamãe e, de novo, os rapazes se puseram a circular no espaço circunscrito pelas poltronas.*

*Na companhia do cavalheiro turco, você deu alguns passos por entre a multidão agitada, observando mulheres e toilettes, mas com olhos de quem avaliasse quadros ou estátuas. De quando em vez comunicava suas impressões ao seu amigo paxá, que sorria gravemente.*

*Tudo isso eu via através das varetas do meu leque que fechei, confesso-lhe, quando você se aproximou do local em que estávamos assentadas. O coração batia-me violentamente, eu me sentia enrubescida até os cabelos. Era impossível, daquela vez, que eu escapasse ao seu exame, pois você caminhava tão junto das poltronas quanto o permitiam as saias franjadas de gazes, bordados, recortes, que limitavam a passagem. Mas, para desespero meu, dois amigos de mamãe se detiveram à nossa frente para cumprimentar-nos. Aquele obstáculo de trajes negros escondeu-me por completo. Foi preciso que você contornasse o grupo, e eu passei despercebida, muito embora tivesse inclinado a cabeça, na esperança de ser vista. Você não podia adivinhar que os fraques, respeitosa e inclinados, escondiam aos seus olhos uma mocinha algum tanto bonita, da qual você era o único pensamento, e que não viera ao baile senão para encontrá-lo. Vi-o abandonando o salão de danças pela outra extremidade. O fez vermelho do cavalheiro turco servia-me de sinal para não perdê-lo de vista, no*

*formigamento de trajés escuros, que tanto servem para uma festa como para um duelo.*

*Toda a minha alegria acabou. Senti-me profundamente desanimada. O destino parecia divertir-se com a intenção irônica de separá-lo de mim. Desobriguei-me das danças prometidas e, pretextando fadiga, não aceitei mais convites. O baile perdera todo o seu encanto. As luzes me pareciam bruxuleantes, os vestidos amassados. Meu pai, que jogava num salão vizinho e que havia perdido uma centena de luíses para um velho general, convidou-nos a passear pelas dependências da rica residência. Queria mostrar-nos a estufa que se abria para uma das últimas salas e a respeito da qual se diziam maravilhas.*

*Nada, com efeito, era mais deslumbrante. Dir-se-ia uma floresta virgem em miniatura, tantas eram as bananeiras, as tangerineiras, as palmeiras e plantas tropicais que se desenvolviam vigorosamente na morna atmosfera saturada de perfumes exóticos. Ao fundo da estufa, uma náíade de mármore branco derramava a água de sua ânfora numa concha gigantesca dos mares do sul, rodeada de musgo e plantas aquáticas. Ali, vi-o mais uma vez. Ia de braços dados com sua irmã, mas à nossa frente, de maneira que não poderíamos encontrá-los, pois seguíamos no mesmo sentido, pelo estreito caminho coberto de areia amarela e bordejado da vegetação que contornava os maciços de arbustos, de flores e vegetais diversos.*

*Fizemos ainda alguns passeios pelos salões onde se andava mais livremente, pois dançarinos e dançarinas, para readquirir forças, tinham-se dirigido ao buffet, servido com uma elegante prodigalidade, numa galeria revestida de ébano, com frisos doirados e ornamentada com telas de Desportes representando flores, frutos, caças, com uma riqueza de cores que o tempo apenas enriquecera.*

*Todos esses detalhes, observados com um olhar indiferente, ficaram fielmente retidos em minha memória. Deles ainda me lembro neste mundo em que a vida já não me parece mais que o sonho de uma sombra. Ligam-se para mim a emoções tão vivas, que me fizeram retornar à Terra. Voltei para casa tão entristecida quanto alegre partira, mas expliquei o meu abatimento como uma súbita enxaqueca. Trocando por uma camisola aquele vestido que não me servira de nada, pois não desejava ser bela senão para você, eu me dizia com suspiro:*

*– Por que, em vez do húngaro, do inglês, dos outros cavalheiros que não me importavam, ele não me convidou a dançar? Era tão fácil! O que poderia ser mais natural num baile? Toda gente notou-me, exceto o único ser com cuja atenção eu sonhava. Decididamente, o meu pobre amor não tem oportunidades.*

*Deitei-me e as lágrimas iam rolando de meus cílios, pelo rosto, para os lábios...*

\*\*\*

Aqui terminaram as primeiras confissões de Espírita.

Já fazia muito tempo que, por falta de combustível, a luz se extinguiu, e Malivert, como os sonâmbulos que não têm necessidade da luz exterior, prosseguia escrevendo. Páginas seguiam-se a páginas, sem que Guy tivesse consciência. De repente, o impulso que movimentava-lhe a mão cessou e o seu verdadeiro pensamento, substituído pelo de Espírita, voltou-lhe.

As primeiras luzes do dia filtravam-se pelas cortinas do quarto. Ele as abriu e a claridade baça de uma manhã de inverno mostrou-lhe, sobre a mesa, aquela infinidade de folhas cobertas de uma escrita febril e rápida: o trabalho da noite.

Muito embora escritas pela sua mão, ignorava-lhes o conteúdo.

Com que ardente curiosidade, com que profunda emoção leu as singelas e castas confidências daquela alma encantadora, daquele ser adorável do qual havia sido, inocentemente, o verdugo, não é preciso dizer.

Aquela tardia confissão de amor, vinda do outro lado da vida, feita por uma sombra, lançou-o num arrependimento desesperado, provocou-lhe um ódio impotente contra si mesmo. Como poderia ter sido tão cego, tão estúpido para poder passar assim, ao lado da sua felicidade, sem percebê-la? Terminou, porém, por se acalmar e, levantando por acaso os olhos na direção do espelho de Veneza, viu o reflexo de Espírita que lhe sorria.

## Capítulo 10

É uma sensação estranha a que produz a revelação da felicidade retrospectiva, que passou por nós sem percebermos, e que se perdeu por nossa culpa. Nunca é mais amarga a dor do irreparável. Deseja-se voltar aos dias antigos, tece-se admiráveis planos de conduta, tem-se, depois, perspicácias estonteantes, mas a vida não recomeça como as estações, não pode recomeçar a correr como os relógios de areia. O grão que cai nunca mais torna a subir.

Guy de Malivert se exprobase vãmente por não ter descoberto aquela criatura deliciosa que não estava fechada num harém de Constantinopla, nem encerrada entre as grades de um convento da Itália ou da Espanha, ou guardada, como Rosina, por um tutor ciumento, mas que estava na sociedade que ele frequentava, que poderia ver todos os dias e da qual nenhum obstáculo sério o separava. Ela o amava. Se a tivesse pedido, tê-la-ia obtido, e gozaria então a felicidade suprema e rara de se unir, neste mundo, à alma feita para a sua.

A maneira por que amava a sombra fazia-o entender que paixão a mulher lhe inspiraria. Bem cedo, porém, essas ideias tomaram outro curso: deixou de recriminar-se pelas lamentações tardias. Pois se Espírita conservava o seu amor do outro lado do túmulo, e abandonava as profundezas do infinito para descer à esfera habitada por ele, o que perdera, afinal de contas? A paixão que o empolgava não era mais nobre, mais poética, etérea, mais próxima do amor eterno, desprendida de todas as contingências terrenas, assim tendo por objeto uma beldade feita ideal pela morte? A união humana não tem sempre seus arrefecimentos, suas ansiedades, seus aborrecimentos? O olhar mais apaixonado vê, ao fim de alguns anos, o empalidecer dos encantos amados? A

alma se torna menos visível através da carne envelhecida, e o amor, posto em fuga, sai à procura do seu ídolo desaparecido.

Estas reflexões e a marcha ordinária da vida, com suas exigências às quais não podem subtrair-se os sonhadores mais entusiastas, ocuparam Malivert até a noite, que ele aguardava ansiosamente. Quando se fechou no gabinete e assentou-se à mesa, como na véspera, em atitude de escrever, a pequena mão fluídica, com veiazinhas azuladas, reapareceu, fazendo-lhe sinais para que retomasse a pena. Ele obedeceu e seus dedos começaram a se movimentar, por si mesmos, sem que seu cérebro lhe ditasse coisa alguma. O pensamento de Espírita substituíra o seu.

\*\*\*

### **Prosseguimento das confissões**

*Não quero entristecer você com esta narrativa póstuma de todas as minhas desventuras. Um dia, pois, tive uma grande alegria, e acreditei que a sorte maliciosa que parecia divertir-se, subtraindo-me aos seus olhares, ia terminar.*

*Nós deveríamos jantar, no sábado seguinte, na residência do Senhor de L. O fato ser-me-ia indiferente se eu não tivesse sido informada, durante a semana, pelo Barão de Feroë – que nos visitava frequentemente – que você faria parte daquele ágape social e literário, pois o Senhor de L., que era um homem de gosto apurado, um perito em livros e pinturas, possuindo uma biblioteca e uma galeria de quadros irrepreensíveis, recebia artistas e escritores. Você, como inúmeros autores famosos ou em vias de sê-lo, fazia parte daquelas reuniões. O senhor de L. dizia-se descobridor de talentos. Ele não era desses que acreditam em todas as reputações feitas. Eu me dizia, infantilmente exaltada:*

*“Finalmente terei o fugitivo, o que não pode ser sequestrado. Desta vez*

*não me escapará. Quando estivermos assentados à mesma mesa, talvez ao lado um do outro, iluminados por cinquenta velas, por mais distraído que seja não poderá deixar de notar-me... a menos que haja entre nós um apanhado de flores ou uma peça do serviço que me esconda.”*

*Os dias que me separavam ainda do bendito sábado parecia de uma incomensurável duração, tão longos quanto as horas de aula no convento. Transcorreram por fim, e nos dirigimos, os três, meu pai, minha mãe e eu, à residência do Senhor de L., uma meia hora antes do jantar.*

*Os convidados, disseminados pelo salão, formavam grupos em palestra, passeavam de um lado para o outro, observavam quadros, abriam brochuras dispostas sobre a mesa ou contavam as novidades teatrais a algumas damas assentadas perto da dona da casa. Entre eles havia dois ou três escritores que papai nomeou-me, e cujas fisionomias não me pareceram em correspondência com o caráter de suas obras. Todos os convidados tinham chegado, exceto você, e o Senhor de L. começava a queixar-se da sua impontualidade quando um lacaios entrou, trazendo numa bandeja de prata, com o lápis para assinar e fazer constar a hora, um seu telegrama vindo de Chantilly, contendo estas palavras: “Perdido trem; não me esperem; desesperado”.*

*O desapontamento foi cruel. Durante toda a semana eu acariciara aquela esperança que se esvanecia no momento de ser realizada. Uma tristeza, que eu tive grande dificuldade para dissimular, apossou-se de mim e o corado, que a animação fizera subir-me às faces, descoloriu-se. Felizmente as portas da sala de jantar abriram-se e o mordomo anunciou a refeição servida. A movimentação que se produziu entre os convivas impediu que notassem minha perturbação.*

*Depois que toda a gente assentou-se, ficou um lugar vazio à minha*

*direita: era o seu. E para que não tivesse dúvidas disso, lá estava o seu nome, escrito em bela caligrafia, sobre um cartão enfeitado de finos arabescos, em cores, postado junto à sua ordem de copos.*

*Assim, a ironia do destino era completa. Sem aquele corriqueiro contratempo da estrada de ferro, eu o teria, durante toda a duração do jantar, roçando ao meu vestido, a sua mão aflorando à minha, nessa infinidade de pequenos obséquios que, à mesa, a galantaria menos solícita acredita dever prestar a uma dama. Algumas palavras banais de princípio, como todo prelúdio de conversação, seriam trocadas entre nós. Depois do gelo partido, o colóquio tornar-se-ia mais íntimo, e o seu espírito não tardaria a compreender o que se passava em meu coração. Possivelmente eu não o teria desagradado e, muito embora recém-chegado da Espanha, teria perdoado a brancura rosada da minha pele e o ouro pálido dos meus cabelos.*

*Se você tivesse comparecido àquele jantar, seguramente, a sua e a minha vida teriam tomado uma direção bem diversa. Hoje você não estaria solteiro, eu estaria viva e não me veria constrangida a lhe fazer, de um outro mundo, estas confissões. O amor que você sente pela minha sombra leva-me a crer, sem que isso envolva orgulho, que não teria ficado insensível aos meus encantos terrenos. Mas as coisas não deviam ser assim. A cadeira desocupada, que me separava dos outros convivas, parecia-me um símbolo do meu destino. Anunciava-me a espera inútil, a solidão em meio à turba. O sinistro presságio cumpria-se. O meu vizinho da esquerda era, segundo soube depois, além de muito culto, um acadêmico amável. Tentou muitas vezes conversar comigo, mas eu lhe respondia por monossílabos que não correspondiam às perguntas. De certo tomou-me por uma tola, pois deixou-me de lado e pôs-se a palestrar com a vizinha do outro lado.*

*Apenas provei alguns pratos. Sentia o coração tão pesado que não podia comer. Por fim o jantar terminou. Passamos ao salão e dispersos em grupos, segundo as simpatias, os convivas entabularam conversação. Num grupo, bastante próximo da poltrona em que eu estava assentada, permitindo que eu ouvisse tudo o que se dizia, pronunciaram o seu nome. Minha curiosidade excitou-se. O Senhor d'Aversac falava:*

*– Aquele diabo de Malivert está inseparável do Paxá. Do seu lado o Paxá não larga Malivert. Eles não se deixam, pois, Mohamed, Mustafá, não sei lá como se chama ele, quer carregar Guy para o Egito. Promete pôr à sua disposição um barco a vapor que chegue até às primeiras cataratas do Nilo. Mas Guy, que é tão selvagem quanto o turco é civilizado, prefere uma barcaça, que é mais pitoresca. Esse projeto agrada a Malivert, que acha Paris excessivamente fria. Ele gostaria de passar o inverno no Cairo e dar prosseguimento aos seus estudos sobre a arquitetura árabe, começados no Alhambra. Mas, se for para o Egito, temo que nunca mais volte e abrace o Islamismo como Hassan, o herói de Namouna.*

*– É bem capaz de fazê-lo – disse um rapaz que aderira ao grupo. – Sempre demonstrou apreciar pouco a civilização ocidental.*

*– Bah! – replicou outro. – Depois de ter adquirido alguns trajés autênticos, tomado uma dezena de banhos de vapor, comprado aos Djellabs uma ou duas escravas revendidas depois, com prejuízo, escalado as pirâmides, delineado o perfil achatado da Esfinge, voltará a pisar, tranquilamente, o asfalto do boulevard dos Italianos que, afinal de contas, é o único lugar habitável no Universo.*

*Aquela conversa lançou-me numa grande perturbação. Você ia partir. Por quanto tempo, quem poderia dizê-lo? Teria eu uma oportunidade de encontrá-lo antes da sua partida e deixar consigo, ao menos, a lembrança*

*da minha imagem? Era uma aventura que eu não esperava, depois de tantas tentativas frustradas.*

*Regressando à casa, depois de ter tranquilizado minha mãe, que, pela minha palidez, me julgava doente – sem poder supor o que me ia na alma –, pus-me a refletir profundamente sobre a minha situação. Imaginava se aquele empenho das circunstâncias em nos separar não seria uma advertência secreta do destino, à qual se tornaria perigoso desobedecer. Talvez eu lhe fosse nociva e, então, eu estaria errada obstinando-me assim em me colocar no seu caminho. Só minha razão falava, pois o coração não aceitava essa ideia; queria sofrer, até o fim, os riscos do seu amor. Sentia-me invencivelmente atraída a você, e aquelas cadeias, aparentemente tão frágeis, eram mais sólidas que uma aliança de aço. Para tristeza minha, porém, só meu coração ela sujeitava.*

*“O destino das mulheres é doloroso!” – eu pensava. Condenadas à espera, à inação, ao silêncio, não podem, sem macular o pudor, manifestar suas simpatias. Devem abafar o amor que sentem e que não têm o direito de declarar. Pois se minha alma, despertando, foi apossada por um sentimento único, puro, absoluto, pois se o ser que dele é objeto o ignora, por que não confessá-lo? Como poderia saber que uma mocinha – que sem dúvida amaria também, se lhe conhecesse o segredo – não respira, não vive senão por ele!?*

*Houve um instante em que tive a ideia de lhe escrever uma dessas cartas como muitas, dizem, que os autores recebem, nas quais, sob uma aparência de admiração, adivinha-se sentimentos de um outro gênero, e que solicitam encontros não comprometedores, num teatro ou num passeio, por exemplo. Meu recato feminino, porém, revoltou-se contra o emprego de semelhante subterfúgio, e eu temia que você me tomasse por uma estreante em letras,*

desejosa de, com a sua proteção, colocar uma novela na Revue des Deux Mondes.

*D'Aversac dissera a verdade. Na semana seguinte você partiu para o Cairo na companhia do Paxá. Aquela partida, que adiava minhas esperanças para uma época incerta, ocasionou-me uma melancolia que me era difícilimo ocultar. Os interesses de minha vida estavam em suspenso. Não tinha mais exigências e, quando saía, deixava à escolha da criada o vestido a ser usado. Para que me enfeitar se você não me veria? Com aparência, não obstante, ainda suficientemente bela para, como Penélope, ser rodeada por um sem-número de pretendentes. Pouco a pouco o nosso salão, frequentado por amigos de papai, homens circunspectos e algo maduros, foi se povoando de figuras mais jovens, mais assíduas. Nas sacadas via jovens corretamente vestidos, cujos nós de gravata tinham custado profundas meditações, dirigindo-me, furtivamente, olhares passionais, fascinadores. Outros, durante as contradanças, quando só o piano se fazia ouvir, lançavam suspiros que eu levava, sem ser absolutamente impressionada, à conta dos golpes de ar. Os mais atrevidos arriscavam frases morais e poéticas sobre a felicidade de uma união bem sucedida, e pretendiam-se feitos para proporcionar as mais legítimas venturas. Como eram todos perfeitos, irrepreensíveis, de uma delicadeza ideal! Os perfumes dos seus cabelos vinham da Casa Houbigant, seus trajas eram talhados por Renard. Que mais desejaria uma imaginação exigente e romanesca? Assim, aqueles encantadores jovens pareciam ingenuamente surpreendidos com a pouca impressão que produziam em mim. Os mais despeitados, penso, chegaram a supor-me poética.*

*Alguns partidos sérios apareceram. Mais de uma vez foi minha mão pedida a papai. Consultada, porém, eu respondia sempre pela negativa,*

*encontrando, a propósito, objeções excelentes. Eles não insistiam, eu era demasiado jovem, não havia necessidade de pressa. Uma escolha precipitada poderia ser causa de arrependimentos mais tarde.*

*Acreditando em alguma preferência não revelada, mamãe me fazia perguntas e eu estive a ponto de me abrir com ela, mas um invencível pudor reteve-me! Aquele amor que só eu sentia, e que você ignorava, parecia-me um segredo que não devia ser revelado sem o seu consentimento. Não me pertencia por inteiro, uma parte de mim era sua. Guardava, pois, silêncio, e, ademais, como confessar, mesmo à mais indulgente das mães, aquela paixão incompreensível – poderia ser julgada assim –, nascida de uma impressão da infância, no parlatório de um convento, tenazmente alimentada do fundo de minha alma e que nada justificava, do ponto de vista humano?*

*Se eu tivesse falado, minha mãe, pois minha escolha não tinha nada de censurável ou impossível, teria, sem dúvida, procurado nos reunir. Acharia o meio de levá-lo a pronunciar-se, por um desses subterfúgios que sabem inventar, em semelhantes circunstâncias, mesmo as mais honestas e virtuosas mulheres. Mas aquela ideia comprometia a minha probidade de virgem. Não queria, entre nós, nenhum intermediário. Você devia encontrar-me e tudo adivinhar por si mesmo. Só a esse preço eu poderia ser feliz e me perdoar por ter amado primeiro. Meu pudor exigia essa consolação e essa desculpa. Não se tratava de orgulho, nem de artifício, mas de um puro sentimento de dignidade feminina.*

*O tempo foi passando e você regressou do Egito. Começaram a murmurar coisas a respeito de suas visitas assíduas à Senhora d'Imbercourt, da qual, constava, você estava terrivelmente enamorado. Meu coração alarmou-se. Desejei ver minha rival. Mostraram-na no seu camarote, nos Italianos. Procurando julgá-la, imparcialmente, achei-a bela,*

*mas sem doçura e requinte, como uma cópia de uma estátua clássica feita por um escultor medíocre. Reunia tudo o que faz o encanto dos incautos, e espantei-me com o fato de você apreciar aquele ídolo.*

*Faltava ao rosto da Senhora d'Imbercourt, tão regular à primeira vista, o traço particular, a graça original, o encanto inopinado. Tal ela me pareceu naquela noite, tal deveria ser todos os dias. Apesar do que diziam, tive o amor próprio de não sentir ciúmes daquela mulher. Entretanto as notícias espalhadas sobre o seu casamento tomavam consistência. Como as más novas sempre chegam depressa aos que por elas se interessam, eu era informada de tudo quanto se passava entre você e a Senhora d'Imbercourt. Um dizia que as proclamas já tinham corrido, outro adiantava que a data do casamento já fora marcada. Eu não tinha meios de verificar a exatidão ou a falsidade daqueles rumores. Aquilo parecia a toda gente um negócio arranjado e muito conveniente, sob todos os pontos de vista. Tive que admiti-lo também. A voz secreta do meu coração, entretanto, me dizia que você não amava a Senhora d'Imbercourt. Mas muitas vezes os matrimônios se realizam sem amor, para ter-se um lar, para regularizar-se uma posição no mundo, pela necessidade de repouso que se experimenta depois dos desvios e aventuras da mocidade.*

*Senti-me desesperada. Via minha vida destruída, o meu casto sonho, desde há tanto tempo acariciado, desvanecer-se para sempre. Não podia mais – nem isso – trazer você naquele cantinho misterioso do coração, pois, do momento em que pertencesse a outra, ante os olhos de Deus e dos homens, aquela intenção, até então inocente, se tornaria culpada. Na minha paixão de mocinha nada havia que pudesse enrubescer o meu anjo da guarda. Um dia encontrei-o no Bosque de Bolonha, cavalgando ao lado do coche da Senhora d'Imbercourt. Escondi-me no fundo da carruagem,*

*tomando tanto cuidado em ocultar-me quanto antes tomaria em ser vista. Aquela rápida visão foi a última.*

*Tinha dezessete anos. Que poderia fazer? Como esperar o fim de uma existência secretamente aniquilada desde seus albores? Deveria aceitar um dos partidos, cuidadosamente selecionados por meus pais? Isso fazem quase todas as jovens, em circunstâncias idênticas, separadas como eu de um ideal por obscuras fatalidades. Minha lealdade, porém, revoltava-se contra uma atitude semelhante. Pensava que meu último pensamento de amor, como o primeiro, seria dirigido a você. Eu não poderia, neste mundo, pertencer senão a você, só a você e toda outra qualquer união me parecia um adultério. Em meu coração apenas uma página havia. Sem que você soubesse o seu nome fora escrito nela. Nenhum outro poderia substituí-lo. Seu casamento não me apartaria da minha fidelidade. Inconsciente do meu amor, você era livre; eu não, eu estava comprometida. A ideia de tornar-me a esposa de outro enchia-me de um invencível horror. E depois de ter recusado inúmeros pretendentes, sabendo quanto é dura no mundo a vida de uma solteirona, decidi trocar a vida social pela religiosa. Só Deus poderia abreviar minha dor. Consolá-la... talvez!*

## Capítulo 11

*Entrei como noviça no convento das Irmãs da Misericórdia, apesar das oposições e súplicas de meus pais que esperavam, mas não conseguiram, aquebrantar minha coragem.*

*Por mais firme que seja a resolução com a qual se está armado, é sempre um momento terrível o da separação suprema. No fim de um longo corredor uma grade marca o limite entre o mundo e o claustro. A família pode acompanhar – até os umbrais proibidos aos profanos – a virgem que se devota a Deus. Depois dos últimos abraços, que umas figuras indiferentes e veladas esperam impassivelmente terminar, a porta se abre apenas o suficiente para que a noviça – que braços de sombras parecem arrebatam – transponha o limiar. E fecha-se de novo com um ruído de ferro que se prolonga no silêncio dos corredores como um trovão longínquo. O som que produz a pedra caindo sobre o sepulcro não é mais lúgubre nem ecoa mais dolorosamente ao coração.*

*Um frio glacial envolveu-me, senti-me empalidecer. Acabara de dar o meu primeiro passo fora da vida terrena, agora proibida para mim. Penetrava na região gelada em que as paixões se extinguem, em que as lembranças se apagam, os ruídos do mundo não chegam. Nada mais existe ali que o pensamento de Deus. Só Ele basta para encher o ambiente gelado, silencioso, tão profundo quanto o dos túmulos. Posso falar assim porque sou uma morta.*

*Minha piedade, ainda que pura e fervente, não chegava à exaltação mística. Era antes um motivo humano que uma vocação imperiosa o que me levara a procurar a paz e a sombra do claustro. Era um naufrágio da alma*

*espedaçada contra um escolho desconhecido, e meu drama, invisível para todos, também tivera o seu desenlace trágico.*

*No princípio eu experimentei, pois, o que na vida religiosa chamam aridezes, fadigas, recordações do mundo, desesperanças indefinidas, últimas tentações do espírito mundano buscando recobrar sua presa. Mas logo esse tumulto se acalma. O hábito das práticas religiosas, das preces, a regularidade dos ofícios e a monotonia do regulamento, calculado a domar as rebeliões da alma e do corpo, voltaram para o céu pensamentos que muito ainda me embeveciam nas coisas da Terra. Sua imagem estava constantemente no meu coração, mas eu terminei por não amá-lo mais que a Deus.*

*O Convento das Irmãs da Misericórdia não é um desses claustros românticos como os que se imaginam para abrigar um desespero de amor. Não tem arcadas ogivais, colunas envolvidas de hera, raios de luz penetrando pelo trevo de um florão quebrado e revelando a inscrição de um túmulo. Não possui capela com vitrais coloridos, pilastras afuziladas e todos esses excelentes motivos de decoração ou diorama. A religiosidade que procura sustentar o cristianismo pelo seu lado pitoresco e poético não encontraria nele qualquer tema para descrições do gênero das de Chateaubriand. A edificação é moderna e não oferece o menor desvão obscuro onde pudesse alojar-se uma lenda. Nada encanta os olhos. Nenhum ornamento, nenhuma fantasia, nenhuma pintura ou escultura. Apenas linhas secas e rígidas. Uma claridade baça ilumina, como um dia de inverno, a brancura dos longos corredores para os quais se abrem as portas simétricas das celas e reluz, com uma claridade triste, sobre o assoalho polido e frio. Por toda a parte reina uma severidade absoluta, incompatível com o belo, nada que dê a ideia de uma forma. Essa arquitetura pesada tem*

*a vantagem de não distrair as almas que devem permanecer abismadas em Deus. As janelas são abertas no alto das paredes, com barrotes de ferro, e pelas escuras aberturas apenas se entrevê o céu azul em alguns dias, cinzento em outros. Ali se está no interior de uma fortaleza levantada contra as acometidas do mundo. A solidão da clausura supre a tudo. A beleza seria supérflua.*

*A própria capela não é entregue senão em parte à devoção dos fiéis exteriores. Um gradil, subindo do solo à abóboda, guarnecido de espessas cortinas verdes, como os cavalos de frisas de um campo de combate, interpõe-se entre a igreja e o coro destinado às religiosas. Cadeiras de madeira com encostos escuros, lustrosos pelo uso, alinham-se de cada lado. Ao fundo, na parte central, estão colocadas três cadeiras, destinadas à superiora e suas duas assistentes. Ali as irmãs ouvem os ofícios, o véu descido, arrastando os longos hábitos negros. Sobre eles se desenham tiras de fazenda branca, semelhantes à cruz dos estofamentos fúnebres, dos quais se teria suprimido os braços. Da tribuna com gelosias, onde ficavam as noviças, eu as via saudar a superiora e, no altar, ajoelharem-se na prostração, engolfando-se nas preces dirigidas a Deus.*

*Na elevação a cortina do centro se entreabria permitindo entrever-se o sacerdote consumando o sacrifício no altar colocado em face do coro. O fervor daquelas adorações fortificava-me e confirmava a minha resolução de romper com o mundo para o qual podia ainda voltar. Naquela atmosfera de êxtase e incensos, as trêmulas luzes dos círios lançando um pálido raio sobre as cabeças prosternadas, minha alma sentia crescerem-lhe asas e tendia mais e mais a elevar-se às regiões etéreas.*

*O teto da capela era invadido de azul e dourado, e, por uma brecha no céu, eu tinha a impressão de ver, sobre uma nuvem luminosa, espíritos que*

*se inclinavam para mim, sorriam e faziam sinais para que eu fosse ter com eles. Não me apercebia mais da tinta indefinível do estuque, do gosto medíocre do lustre, da pobreza das pinturas emolduradas de madeira negra.*

*O tempo de pronunciar os votos se aproximava. Cercavam-me desses encorajamentos lisonjeiros, dessas atenções delicadas, desses afagos místicos e promessas de felicidade perfeita que se prodigalizam nos conventos às jovens noviças prestes de consumir o sacrifício e a se votarem para sempre ao Senhor. Eu não tinha necessidade desses estímulos; era capaz de me dirigir ao altar com passo firme. À exceção da ternura de meus pais – forçada, eu me acreditava forçada, pelo menos, a renunciar a você –, eu não deixava nada no mundo. Minha resolução de não voltar atrás era inabalável.*

*Terminadas minhas provas, o dia solene chegou. O convento, de ordinário tão tranquilo, estava animado por uma agitação contida pela disciplina monástica. As religiosas iam e vinham pelos corredores, esquecendo, muitas vezes, aquele passo de fantasma que o regulamento recomenda. É um grande acontecimento uma noviça tomar o hábito. Uma nova ovelha vai juntar-se ao rebanho, e todo o aprisco se regozija. O vestido mundano que a noviça usa pela última vez é um motivo de curiosidade, de alegrias e admiração. Com uma espécie de temor, admiram-se os cetins, as rendas, as pérolas, as joias destinadas a representar as pompas de Satã. Assim ataviada fui conduzida ao coro. A superiora e as assistentes estavam nos seus lugares; as religiosas, prosternadas, oravam. Pronunciei as palavras sacramentais que me separam para sempre dos vivos e, como o ritual da cerimônia exige, afastei o rico almofadão de veludo sobre o qual, em certos momentos, ajoelhara. Desfiz-me do cordão e dos braceletes e de todos os enfeites, em sinal de renúncia à vaidade e ao luxo. Abjurei os*

*requintes de mulher, e isso não foi difícil, pois eu já não tinha o direito de desejá-los. Só me importava ser bela para você.*

*Depois veio a cena mais temível e mais lúgubre daquele drama religioso: o momento em que os cabelos da nova irmã são cortados. Aquilo recorda os preparativos do condenado à morte na guilhotina, com a diferença de que a vítima, aqui, é inocente, ou, quando menos, purificada pelo arrependimento. Muito embora eu tivesse, sincera e convictamente, feito o sacrifício de toda a vaidade humana, uma palidez mortal empanou-me o rosto quando o gume da tesoura cortou-me a longa cabeleira loira e ondeada, que uma religiosa segurava. Os anéis de ouro caíram em flocos, esparzidos pelos ladrilhos da sacristia, para onde me haviam levado. Sentia-me aterrada, presa de um secreto sobressalto. O frio da tesoura roçando-me a nuca fazia-me estremecer nervosamente, como ao contato do fio de um machado. Meus dentes entrechocavam-se e a prece que eu ensaiava dizer não me subia aos lábios. Um suor gelado como o da agonia banhava-me as têmporas. Minha vista turvou-se e a lâmpada, suspensa ao altar da Virgem, pareceu-me apagar-se num nevoeiro. Meus joelhos dobraram-se ao peso do corpo e apenas tive tempo de dizer, estendendo os braços como se querendo agarrar-me à vida:*

*– Morro!...*

*Fizeram-me respirar saís e, quando voltei a mim, perturbada com as luzes do dia como uma sombra saída do túmulo, encontrava-me entre os braços das irmãs que me mantinham com uma solicitude tranquila, como se acostumadas com semelhantes desfalecimentos.*

*– Isso não é nada – disse-me com ar compassivo a mais jovem das irmãs. – O mais difícil está feito. A mesma coisa aconteceu quando eu pronunciei os votos. É uma última tentativa do mal.*

*Duas irmãs me vestiram o hábito negro da ordem e me passaram a estola branca. Levaram-me ao coro e puseram, sobre minha cabeça raspada, o véu, mortalha simbólica que me fazia morta para o mundo, tornando-me visível apenas para os olhos de Deus. Uma lenda piedosa, que eu ouvira contar, assegurava que a graça pedida aos céus, sob o véu fúnebre, é concedida. Quando a mortalha envolveu-me, implorei à Bondade Divina o favor de, se um tal desejo não tivesse nada de culpado, revelar a você o meu nome, depois de minha morte. Pareceu-me sentir não sei que alegria interior e repentina. Minha súplica fora ouvida. Eu experimentava uma grande consolação. Aquele, todavia, era o meu desgosto secreto, o espinho que me espetava o coração e me fazia, noite e dia, sofrer. Eu renunciara a você neste mundo, mas minha alma não podia resignar-se a guardar pela eternidade o seu segredo.*

*Valerá a pena contar-lhe a minha vida no convento? Ali os dias se seguem, uns atrás dos outros, inflexivelmente semelhantes. Cada hora tem sua prece, sua devoção, sua tarefa a ser cumprida. A vida marcha num passo cadenciado para a eternidade, feliz, por ver a aproximação do fim. Entretanto aquela calma aparente encobre, quase sempre, langores, tristezas e agitações. O pensamento, muito embora amortecido pela prece e pela meditação, abandona-se ao sonho. A saudade do mundo arrebatá-nos. Recordamos a liberdade, a família, a natureza, fica-se imaginando vastos horizontes inundados de luz, com pradarias estreladas de flores, colinas maciamente onduladas, o nevoeiro azulado que sobe, à tarde, das campinas, caminhos por onde rodam carruagens, rios em que se embalam barcos, a vida, o movimento, os ruídos alegres, a variedade de coisas que renascem incessantemente. Tem-se ímpetos de correr, sem rumo, de voar. Invejam-se as asas dos pássaros. A alma agita-se no sepulcro, franqueia os altos muros do*

*convento e volta aos lugares amados, aos acontecimentos da infância e da juventude, que revivem numa mágica vivacidade de detalhes. Traçam-se inúteis planos de felicidade, esquecendo-nos que o ferrolho do irrevogável está corrido, desde há muito, atrás de nós. As almas mais religiosas estão expostas a essas tentações, a essas lembranças, a essas miragens que a vontade repele, que a prece ensaia dissipar, mas que não deixam renascer no silêncio, na solidão da célula, entre as quatro paredes brancas sem qualquer outra decoração que não seja o crucifixo de madeira negra.*

*O pensamento, de princípio distraído no fervor dos primeiros momentos, retorna cada vez mais frequentemente, mas inesperadamente. A saudade de uma felicidade perdida apertava-me, dolorosamente, o coração e, muitas vezes, as lágrimas corriam ao longo de minhas faces empalidecidas sem que eu tivesse consciência disso. À noite, quase sempre eu chorava em sonhos e, pela manhã, encontrava meu rude travesseiro umedecido pelo orvalho amaríssimo. Naqueles sonhos felizes, via-me no patamar de uma vila, subindo consigo, de volta de um passeio, as escadarias brancas manchadas de recortes azulados produzidos pela sombra das grandes árvores vizinhas. Era sua esposa e você me envolvia em olhares carinhosos e protetores. Todos os obstáculos que se interpunham entre nós tinham sido transpostos. Minha alma, porém, não acolhia essas ridentes mentiras, das quais se defendia como de um pecado. Eu me confessava e fazia penitências. Fazia vigílias orando e lutava contra o sono para me subtrair a essas ilusões condenáveis, mas elas retornavam sempre.*

*Aquele combate minava-me as forças, que não tardaram a perturbar-me. Sem ser doentia, eu era delicada. A rude vida claustral, com seus jejuns, abstinências, macerações, a fadiga dos ofícios noturnos, o frio sepulcral da igreja, os rigores de um longo inverno do qual um fino hábito de estamenha*

*muito mal preservava, e, mais do que tudo isso, os conflitos espirituais, os períodos de exaltação e abatimento alternados, de dúvida e fervor, a crença de não poder entregar ao Divino Esposo senão um coração subjugado por um afeto humano e de incorrer à divina vingança – pois Deus era, talvez, ciumento e não podia tolerar compartilhamentos –, os receios que me inspirava a Senhora d’Imbercourt; todas essas causas agiam sobre minha constituição de uma maneira desastrosa.*

*Minha pele adquiriu a tonalidade das velas dos círios. Meus olhos se tornaram imensos pela magreza e brilhavam febris nas órbitas amortecidas. As veias, no colo, desenhavam uma rede de um azul intenso e meus lábios perderam as frescas cores rosadas de outros tempos.*

*As violetas da morte próxima principiavam a florescer em meu rosto. Minhas mãos se tornaram secas, transparentes e pálidas como as mãos de um cadáver. No convento não se vê a morte com os mesmos olhos que no mundo. Percebe-se a sua chegada com alegria. É a libertação da alma, a porta aberta para o céu, o fim das provações e o começo da beatitude. Deus leva para si, de preferência aos outros, os seus eleitos, os que ama, e ele abrevia a passagem destes pelo vale de misérias e lágrimas. Preces cheias de esperança, na sua salmodia fúnebre, cercam a tarimba da moribunda, purificada, pelos sacramentos, de todas as manchas terrenas, e sobre a qual já se reflete a luz da outra vida. Ela é, para as outras irmãs, um objeto de inveja e assombro.*

*Eu via a aproximação do término fatal sem terror. Esperava que Deus me perdoasse o meu único amor – tão casto, tão puro, tão involuntário, que eu me esforçara por esquecer desde que parecera condenável aos meus olhos – e quisesse receber-me em Sua graça.*

*Logo me encontrei tão fraca que desfaleci durante uma prostração e*

*fiquei estendida como morta, sob o véu, a face apoiada contra o solo. Respeitaram minha imobilidade, que tomaram por êxtase. Depois, vendo que eu não me erguia, duas religiosas se aproximaram de mim e me levantaram como um corpo inerte. Reconduziram-me, ou antes, carregaram-me pelas axilas para minha cela, que não mais pude deixar. Permanecia longas horas estendida sobre o leito, acariciando o rosário com as pontas dos dedos emagrecidos, perdida em profundas meditações. Perguntava-me se meus votos se realizariam depois de minha morte. Minhas forças diminuía visivelmente. Os remédios que me ministravam podiam minorar-me os sofrimentos, mas curar-me, nunca! Eu, tampouco, não esperava isso, pois tinha, no outro lado da vida, uma esperança desde há longo tempo acariciada, e cuja possível realização despertava em mim uma sobrenatural curiosidade.*

*Minha passagem deste mundo para o outro realizou-se de uma doce maneira. Todos os liames que prendiam o espírito à matéria estavam partidos, exceto um fio prateado, muito tênue, mil vezes mais tênue que os chamados fios da Virgem, que flutuam no ar nos belos dias de outono. Só ele retinha minha alma prestes a abrir voo ao sopro do infinito. Luzes e sombras alternadas, como os clarões intermitentes que lança uma candeia antes de se apagar, palpitavam ante meus olhos já turvados.*

*As preces que as irmãs, ajoelhadas, murmuravam à minha volta, e que eu me esforçava por acompanhar, chegavam-me como sussurros confusos, rumores indefinidos e longínquos. Meus sentidos amortecidos não percebiam mais nada da Terra, e o pensamento, abandonando meu cérebro, volitava incerto, num sonho bizarro, entre o mundo material e o mundo imaterial, não pertencendo a um nem ao outro. Enquanto isso, maquinalmente, os meus dedos, pálidos como o marfim, amarrotavam e*

*compunham de novo as pregas do hábito. Finalmente minha agonia principiou. Fui estendida no solo com um saco de cinzas sob a cabeça, para morrer na humildade, postura que convém a uma pobre serva de Deus, que volta ao pó de onde veio. O ar faltava-me mais e mais. Sufocava-me! Uma sensação de indefinível angústia oprimiu-me o peito. O instinto natural lutava ainda contra a destruição. Mas logo a luta inútil cessou e, num débil suspiro, a alma escapou-se-me pelos lábios.*

## Capítulo 12

*As palavras humanas não podem descrever a sensação de uma alma que, livre de sua prisão corporal, passa desta vida à outra, do tempo à eternidade, do finito ao infinito. Meu corpo imóvel, já revestido da palidez esverdeada da morte, jazia sobre o leito funerário, cercado das religiosas em prece, e eu me sentia na situação da mariposa ao sair do casulo, invólucro vazio, despojo informe que abandona para abrir suas asas recentes à luz desconhecida e subitamente revelada.*

*A uma intermitência de sombra profunda, seguira-se uma ofuscação de luzes, um desdobramento de horizontes, o desaparecimento de todos os limites, de todos os obstáculos que me embriagavam, de uma alegria indizível. Erupções de sentidos novos faziam-me compreender os mistérios impenetráveis ao pensamento e aos órgãos terrenos. Desembaraçada dessa argila submissa às leis da gravidade, que faziam de mim, há tão pouco, um peso morto, eu me lançava numa alacridade indizível, no insondável éter. As distâncias não existiam para mim e o meu simples desejo tornava-me presente onde eu desejava estar. Traçava grandes círculos num voo mais rápido que a luz, através do azul vazio dos espaços, como para tomar posse da imensidade, cruzando com pequenas multidões de espíritos.*

*Uma luz formigante, esplendente como uma poeira diamantina, formava a atmosfera. Cada grão daquela areia faiscante, alma. Desenhava correntes, remoinhos, ondulações, frisos – como nessa poeira impalpável que se espalha sobre as mesas de harmonia para fazerem-se estudos das vibrações sonoras –, nos quais todos os movimentos causavam recrudescência de esplendor.*

*Os números que os matemáticos fornecem ao cálculo, e que se perdem nas profundezas do infinito, não poderiam, com seus milhões de zeros, ajuntando sua colossal potência à cifra inicial, dar uma ideia, ao menos aproximativa, da espantosa multidão de almas que compõe aquela luz que difere tanto da luz material quanto o dia difere da noite.*

*As almas que passaram pelas provas da vida, depois da criação do nosso mundo e dos demais orbes do Universo, juntavam-se às almas em expectativa, às almas virgens que aguardam sua vez de reencarnar num corpo, sobre um planeta de qualquer sistema. Havia-as suficientes para habitar, durante milhares de anos, todos esses universos. Aquelas almas, ainda que dessemelhantes em essências e aspecto, segundo o mundo que deveriam habitar, apesar da infinita variedade de seus tipos, lembravam a imagem divina, feitas todas à semelhança do Criador. Tinham por mônada constitutiva a centelha celeste. Eram brancas como o diamante, outras coloridas como o rubi, a esmeralda, a safira, o topázio e a ametista. À falta de outros termos, que você não poderia compreender, emprego esses nomes de pedras, vis cascalhos, cristais opacos, negros como o piche, dos quais, os mais brilhantes, seriam simples borrões, em contraste com os esplendores viventes.*

*A Via Láctea rolava pelo céu como um arroio de sóis em fusão. As estrelas que eu via, em sua forma e tamanho real, na sua enormidade, da qual a imaginação do homem não poderia fazer quaisquer ideias, cintilavam com intensidades inenarráveis. Por detrás destas e entre seus interstícios, a profundidades mais e mais vertiginosas, eu percebia outras e outras ainda, de maneira que o fundo do firmamento não aparecia em nenhuma parte e eu poderia acreditar-me encerrada numa prodigiosa esfera, toda constelada de astros em seu interior. Suas luzes, brancas, amarelas, azuis, verdes,*

*vermelhas, atingiam intensas luminosidades que faziam parecer escuras as claridades do nosso Sol, e que os olhos de minha alma suportavam sem dificuldade.*

*Ia e vinha, subia e descia, percorrendo, numa fração de segundo, milhões de léguas através das luzes de auroras, de reflexos irisados, irradiações de ouro e prata, fosforescências diamantinas, arremessos estelares, em todas as magnificências, todas as bem-aventuranças, todas as maravilhas da luz divina.*

*Ouvia a música das esferas, cujo eco chegou aos ouvidos de Pitágoras. Com uma harmonia ressonante, forte como o trovão e doce como o som da flauta, o nosso mundo, arrastado pelo astro central, circulava lentamente nos espaços. Com um único olhar vislumbrei todos os planetas, de Mercúrio a Netuno, descrevendo suas elipses, acompanhados de seus satélites. Uma rápida intuição revelou-me os nomes por que são denominados no céu. Conhecia-lhes a estrutura, a finalidade. Nenhum segredo de suas vidas prodigiosas me estava oculto. Lia no livro aberto o poema de Deus, que tem por letras Sóis, e que não me é possível explicar-lhe em algumas páginas. Você ainda vive entre as trevas inferiores e seus olhos se cegariam às luzes fulgurantes.*

*Apesar da inefável beleza do maravilhoso espetáculo, eu não esquecera a Terra, o pobre mundo que acabara de deixar. Meu amor, vencendo a morte, seguia-me no Além, e eu via, com uma volúpia divina, uma felicidade radiosa, que você não amava a ninguém, que sua alma era livre, e que poderia ser minha para sempre. Certifiquei-me, então, do que pressentira. Nós estávamos predestinados um ao outro. Nossas almas formavam um casal celeste. Mas essas duas metades, para se reunirem na imortalidade, devem se procurar mutuamente na vida, adivinharem-se sob os véus da carne,*

*através das provas, dos obstáculos, dos desvios. Só eu sentira a presença da alma irmã e me lançara ao seu encontro, levada por esse instinto que não se engana nunca. Em você, a percepção, mais confusa, apenas pusera-o em guarda contra os laços dos amores vulgares. Compreendeu que nenhuma daquelas almas tinha sido feita para a sua, e, ardente sob uma aparência fria, reservava-se para um mais alto ideal. Graças à súplica atendida, pude levá-lo a conhecer esse amor que você ignorara durante minha vida, e eu espero poder inspirar-lhe o desejo de seguir-me à esfera que habito. Não se arrependerá disso! Que pode ser a mais feliz união humana em comparação com a ventura de duas almas reunidas para sempre sob o amor divino? Até o momento supremo, minha tarefa limitou-se a impedir que o mundo o arrebatasse no seu torvelinho, separando-o de mim para sempre. O casamento prende neste mundo e no outro, mas você não amava a Senhora d'Imbercourt. Como espírito, podia ler no seu coração, e, por esse lado, nada tinha a temer. Entretanto, você poderia deixar-se levar, sem ver o ideal sonhado aparecer, por fadiga, indolência, desencorajamento, necessidade de resolver a situação, à união desaconselhável.*

*Abandonando as zonas luminosas, desci à Terra que vi passar por mim, rolando com sua pesada atmosfera e seus rebanhos de nuvens. Encontrei-o sem dificuldade e assisti, testemunha invisível, à sua vida, lendo o seu pensamento e influenciando-o sem que sentisse. Por minha presença, da qual você não suspeitava, eu afastava as ideias, os caprichos, os desejos que pudessem desviá-lo da sua destinação. Pouco a pouco, desobriguei sua alma de todos os entraves terrestres. Para melhor guardá-lo, dotei seus apartamentos de um indefinível encanto, que o prendia em casa. Sentia ao seu redor como que uma impalpável carícia, experimentava nos seus aposentos um inexplicável bem-estar. Parecia-lhe, sem que desse conta, que*

*a sua felicidade estava encerrada entre estas quatro paredes, em que eu habitava. Um apaixonado que, por uma noite de tempestade, lê junto de um bom fogo o poeta preferido, enquanto a bem-amada adormecida repousa com um braço sobre a cabeça, na alcova profunda, entregue aos doces sonhos, a esse sentimento de íntima felicidade, de claustrura amorosa; nada é mais intenso, afora a dor de abandonar o teto adorado. O mundo inteiro está, para ele, fechado naquela alcova. Era preciso, pouco a pouco, prepará-lo para a minha aparição, para pôr-me, misteriosamente, em relação consigo. Entre um espírito e um vivo não iniciado, as comunicações são difícilimas. Um profundo abismo separa este mundo do outro. Eu o franqueara, mas isso só não bastava. Devia tornar-me sensível aos seus olhos ainda vendados, que só podiam ver o sobrenatural através do opaco das coisas.*

*A Senhora d'Imbercourt alimentava ainda os seus projetos de casamento. Você ia muitas vezes à sua casa e ela se inquietava com o seu desinteresse. Substituindo a sua vontade adormecida, pela minha, fi-lo escrever, acusando o bilhete daquela dama, a resposta em que se traíam seus secretos sentimentos e que tanta surpresa causou-lhe. A ideia do sobrenatural despertou em você, e, mais atento, compreendeu que uma força misteriosa imiscuíra-se em sua vida. O suspiro que deixei escapar quando, apesar de minhas advertências, você resolveu sair, ainda que débil e vago como uma vibração de harpa eólia perturbou-o profundamente, e fez nascer, em sua alma, indescritível simpatia. Nele adivinhou um acento de sofrimento feminino. Eu não podia ainda manifestar-me de uma maneira mais precisa, pois você não estava preparado. Então apareci ao Barão de Feroë, um discípulo de Swedenborg, um vidente, recomendando-lhe que dissesse a você aquela frase misteriosa que o pôs em guarda contra os*

*perigos que corria e despertou-lhe o desejo de aventurar-se no mundo dos espíritos, para onde o chamava o meu amor. O resto você sabe. Devo voltar às alturas ou ficar aqui? E a sombra... será ela mais feliz do que a mulher?*

\*\*\*

Aqui, o impulso que fazia correr sobre o papel a pena que Malivert segurava, terminou, e o pensamento do moço, anulado pela influência de Espírita, retomou-lhe posse do cérebro. Leu o que acabara de escrever, inconscientemente, e aferrou-se à resolução de amar, unicamente e até a morte, aquela alma encantadora que tanto sofrera por ele em sua rápida passagem pela Terra.

– Mas de que maneira nos comunicaremos? – indagou de si. – Espírita me levará consigo às regiões em que vive ou volitará ao meu redor, visível apenas para mim? Responderá se eu lhe falar? E como poderei entendê-la?

Eram questões difíceis de resolver. Assim, depois de tê-las meditado, Malivert deixou-as, caindo num sono do qual foi tirado por Jack que anunciava o Barão de Feroë.

Os amigos trocaram um aperto de mão, e o sueco, de bigodes cor de ouro pálido, afundou-se numa poltrona.

– Guy, venho sem cerimônias pedir-lhe um almoço – disse alongando os pés por sobre o guarda-fogo. Saí muito cedo e, passando por sua casa, ocorreu-me a fantasia de fazer-lhe uma visita quase tão matinal quanto a de um agente comercial.

– Fez bem, Barão, foi um feliz capricho – respondeu Malivert, fazendo soar a campainha com que chamava Jack. Deu-lhe ordens para que servisse o almoço com dois talheres.

– Parece, meu caro Guy, que você não se deitou – disse o Barão, observando as velas gastas até o fim e as folhas escritas, esparramadas sobre

a mesa. – Trabalhou esta noite? É um romance ou um poema?

– Talvez um poema – respondeu Malivert. – Mas não é da minha lavra. Apenas sustive a pena, dirigida por uma inspiração superior à minha.

– Compreendo – respondeu o Barão. – Apolo ditava, Homero escrevia. Esses versos são os melhores.

– Este poema, se assim pode ser chamado, não está em verso e não foi um deus mitológico quem o ditou.

– Perdão! Esquecia-me de que você é um romântico e que, em sua presença, é preciso deixar-se Apolo e as Musas no dicionário de Chompré ou nas cartas a Émilie.

– Você, afinal de contas, meu caro Barão, foi o meu mistagogo, meu iniciador nos mistérios do sobrenatural. Não tenho motivos para lhe ocultar que estas folhas, ao pé da letra, como dizem os impressores, foram escritas, a noite passada, por um espírito interessado em mim e que parece ter conhecido você na Terra, pois mencionou-o na sua narrativa.

– Você serviu de médium, pois as relações entre sua pessoa e os espíritos não estão ainda bem estabelecidas – redarguiu o Barão de Feroë. – Mas logo não mais terá necessidade desses meios lentos e grosseiros de comunicação. Suas almas se penetrarão pelo pensamento e o desejo, sem nenhuma ajuda exterior.

Jack veio anunciar que o almoço estava servido. Malivert, perturbado com a estranha aventura, com a sorte no amor de além-túmulo, que o próprio Don Juan invejaria, apenas tocou os pratos apresentados. O Barão de Feroë serviu-se, mas com uma sobriedade *swedenborgiana*, pois aquele que deseja viver em comunicação com os espíritos deve desligar-se, o mais possível, da matéria.

– Você tem um excelente chá – disse o Barão. – Verde, com pontos

brancos, colhido depois das primeiras chuvas da primavera, e que os mandarins bebem sem açúcar, a pequenos goles, nas taças envolvidas em filigranas, com medo de quebrar as unhas. É a bebida, por excelência, dos sonhadores. A excitação que produz é toda intelectual. Nada age mais rapidamente sobre o pensamento humano. Nada predispõe melhor à visão das coisas que o vulgo não percebe. Se vai mesmo viver, daqui por diante, nas esferas imateriais, recomendo-lhe essa beberagem. Mas você não me está escutando, caro Guy, e eu não condeno a sua distração. Uma situação tão nova deve preocupá-lo fortemente.

– Sim, confesso-o – respondeu Malivert. – Sinto-me numa espécie de embriaguez e me pergunto, a mim mesmo, a cada instante, se não estarei sendo vítima de uma alucinação.

– Abstenha-se dessas ideias, que poriam o espírito em fuga para sempre. Não procure explicar o inexplicável. Abandone-se com uma fé, uma submissão absoluta, à influência que o guia. A menor dúvida ocasionaria uma ruptura e você se lamentaria em eterno arrependimento. Uma permissão, raramente concedida, reuniu no Além almas que não se encontraram na vida. Aproveite-a, e mostre-se digno de semelhante aventura.

– Eu serei digno, você verá! E não farei Espírita sofrer outra vez as dores que lhe afligi, ainda que inocentemente, quando vivia neste mundo. Penso, neste momento, em suas confissões. Aquela alma adorável não me quis dizer o nome que tinha na Terra.

– Você quer sabê-lo? Vá ao Cemitério Père Lachaise, suba a colina, e, junto da capela, verá um túmulo de mármore branco, sobre o qual está esculpida uma cruz deitada, com os braços coroados de rosas e folhas, obra-prima de um cinzel famoso. No medalhão formado pela coroa, uma breve inscrição lhe dirá o que não estou autorizado formalmente a dizer-lhe. A

tumba, na sua linguagem muda, falará em meu lugar, muito embora esta seja, ao meu parecer, uma curiosidade inútil. Que importa um nome terrestre quando se trata de um amor imaterial? Mas você ainda não está de todo desembaraçado das ideias humanas. Concebe-se sua curiosidade. Não faz muito tempo que deu o primeiro passo para fora do círculo que encerra a vida ordinária.

O Barão de Feroë foi-se embora. Guy se vestiu, fez atrelar a carruagem e correu às casas de flores mais renomadas em busca de um punhado de lilases brancos. Estava-se em pleno inverno. Teve muito trabalho para encontrá-los. Mas, em Paris, o impossível, quando se pode pagá-lo, existe. Conseguiu-o, pois, e subiu a colina, o coração palpitando, os olhos úmidos.

Alguns flocos de neve, ainda não fundidos, brilhavam como lágrimas de prata sobre as folhas sombrias dos seixos, ciprestes, pinheiros e heras, e se depositavam sobre os muros brancos, as molduras dos túmulos, os braços das cruzes fúnebres. O céu estava baixo, de um cinzento amarelado, pesado como chumbo, um céu feito para se estender sobre um cemitério. O noroeste áspero gemia sibilando pelas ruas de monumentos feitos à estatura dos mortos e medidos no nada humano. Em pouco tempo alcançou a capela e, não muito distante dela, num quadrado de hera irlandesa, viu a branca sepultura que uma leve camada de neve tornava mais alva ainda. Inclinou-se sobre a grade e leu esta inscrição, gravada no centro da coroa de rosas:

*“Lavínia d’Aufideni, em religião Irmã Philomène. Morta aos dezoito anos.”*

Estendeu os braços por sobre o gradil e deixou o ramo de lilases cair sobre a inscrição. E, muito embora certo de ter sido perdoado, permaneceu alguns minutos junto ao túmulo, numa contemplação cheia de sonhos, o coração pesado de remorsos. Não fora o carrasco daquela pompa pura, que tão depressa voltara ao céu?

Enquanto permanecia assim, apoiado sobre a grade do monumento, deixando correr as lágrimas que caíam mornas sobre o frio da neve, segunda mortalha da tumba virginal, uma mancha delineou-se sob a cortina de nuvens acinzentadas. Como uma luz filtrada através de gazes superpostas, diminuindo-lhes a escuridão, o disco do Sol surgiu menos indistinto, pálido como uma Lua, um Sol feito para os mortos.

Pouco a pouco a abertura dilatou-se e, por ela, um longo raio de luz escapou-se, visível sobre o fundo sombrio do nevoeiro, e veio iluminar, arrancar centelhas, na mica da neve, na coroa de rosas de mármore, no ramo de lilases brancos.

Na palpação luminosa do raio, no qual dançava uma poeira gelada, Malivert distinguiu uma forma esbelta e branca – que se levantava da tumba como a fumaça ligeira de uma pira de prata –, envolvida nas pregas flutuantes de um sudário de gazes, semelhante ao manto com que os pintores vestem seus anjos. Dirigiu-lhe um sinal carinhoso com a mão delicada.

Uma nuvem empanou o brilho do Sol e a visão apagou-se. Murmurando o nome de Lavínia d’Aufideni, Guy de Malivert retirou-se. Retomando a carruagem, voltou a Paris, povoado por todos os lados de vivos, que não sabem serem mortos, pois a vida interior lhes falta.

## Capítulo 13

A partir daquele dia a existência de Malivert dividiu-se em duas partes distintas: uma real, outra fantástica. Nada, aparentemente, mudara nele: ia ao clube, frequentava a sociedade, era visto no *Bois de Boulogne* e no *boulevard*. Se havia alguma representação interessante, assistia-a, e, vendo-o corretamente vestido, passeando por toda a parte, ninguém diria que o rapaz estava em comunicação com os espíritos e que, ao sair da ópera, entraria em contato com as misteriosas profundezas do universo invisível. Entretanto, quem o examinasse com mais atenção notaria que estava mais sério, mais pálido, mais magro e espiritualizado. A expressão do seu olhar não era a mesma. Quando estava distraído pela conversação, podia-se notar nele uma espécie de desdenhosa complacência. Felizmente, a sociedade só observa o que o seu interesse exige, e o segredo de Malivert nunca foi suposto.

Na noite que se seguiu à visita ao cemitério – que lhe havia revelado o nome terreno de Espírita –, esperando uma manifestação que desejava com todas as forças de sua vontade, ouviu, como gotas de chuva caindo numa bacia de prata, uma escala de piano. Olhou e não viu ninguém, mas esses prodígios já não o espantavam. De maneira a despertar a curiosidade e prender a atenção de Malivert, alguns acordes soaram. Guy observava o piano. Aos poucos esboçou-se, num vapor luminoso, a sombra encantadora de uma menina-moça. A imagem era, de princípio, tão transparente que os objetos, detrás dela, se desenhavam através dos contornos, como se vê o fundo de um lago através da água límpida. Sem tomar nenhuma forma material, ela se condensou em seguida, o suficiente para ter a aparência de uma figura viva,

mas de uma vida tão ligeira, tão impalpável, tão etérea que parecia antes o reflexo de um corpo no espelho do que o próprio corpo.

Certos desenhos de Prud'hon apenas esboçados, com contornos esfumados e perdidos, banhados de claro-escuro, como que contornados de uma bruma crepuscular e cujas vestes brancas parecem feitas com raios de luar, podem dar uma ideia remota da graciosa aparição sentada ante o piano de Malivert.

Seus dedos, de um palor debilmente rosado, erravam sobre o teclado de marfim como borboletas brancas, apenas aflorando às teclas, mas produzindo o som com o leve contato que não dobraria a penugem de uma pluma. As notas, sem ser feridas, se escapavam sozinhas, cada vez que as luminosas mãos flutuavam sobre as teclas.

Um vestido longo, branco, de uma musselina maravilhosa, mil vezes mais fina que os tecidos da Índia e do qual uma peça caberia no aro de um anel, caía em pregas abundantes à sua volta e se encrespavam aos seus pés como festões de espuma e neve. Sua cabeça, um pouco inclinada para frente, como se uma partitura estivesse aberta sobre a estante, descobria a nuca, onde se retorciam, com ondeados de ouro, pequeninos anéis de cabelos rebeldes e o início das espáduas nacaradas, opalinas, cuja alvura confundia-se com a do vestido. Entre os bandós palpitantes, agitados como por um sopro contínuo, luziam estrelas pequeninas. Do lugar em que estava, Malivert vislumbrava uma orelha e parte de um rosto fresco, rosado, veludoso, de uma tonalidade que faria parecer suja a cor dos pêssegos.

Era Lavínia – ou Espírita –, para conservar o nome que teve até aqui, nesta história. Rapidamente, ela virou a cabeça na direção de Guy, para assegurar-se de que estava atento e iniciar a execução. Seus olhos azuis brilhavam ternamente, tinham uma doçura celeste que penetrou em seu coração. Havia ainda alguma coisa de mulher no olhar do anjo.

O trecho que ela executava era obra de um grande mestre, uma dessas inspirações em que o gênio humano parece pressentir o infinito e que formulam, com energia, ora os segredos dos postulados da alma, ora lhe despertam recordações do céu e dos paraísos de onde ela foi arrojada. Inefáveis melancolias suspiravam nele, ardentes preces borbulhavam, surdos murmúrios, as derradeiras revoltas do orgulho precipitado da luz à sombra. Espírita interpretava todos esses sentimentos com uma maestria que fazia esquecer Chopin, Liszt, Thalberg, todos os mágicos do teclado. Guy tinha a impressão de estar ouvindo música pela primeira vez. Uma arte nova revelava-se-lhe, e mil ideias desconhecidas agitavam-se no seu espírito. Aquelas notas despertavam nele vibrações tão profundas, tão longínquas, tão remotas que ele acreditava tê-las executado numa outra vida, depois esquecida.

Espírita não só interpretava todas as intenções do mestre, mas exprimia o ideal que ele sonhara e que a enfermidade humana nunca lhe permitira atingir. Ela completava o gênio, aperfeiçoava a perfeição à qual juntava o absoluto!

Guy levantou-se e dirigiu-se ao piano como um sonâmbulo que anda sem ter consciência de seus passos. Permaneceu de pé, o cotovelo apoiado no ângulo da caixa, os olhos presos, perdidos nos de Espírita.

Aquele semblante era verdadeiramente sublime. A cabeça, que ela tinha erguido, um pouco atirada para trás, mostrava um rosto iluminado do esplendor de um êxtase. A inspiração e o amor brilhavam numa centelha sobrenatural em seus olhos, cujas pupilas azuladas quase desapareciam sob os cílios encurvados. A boca, entreaberta, deixava escapar um brilho de nácar, e o colo, banhado de transparências azuladas, como aqueles das cabeças de Guide, tinha a ênfase da pompa mística. A mulher decrescia nela e o anjo

crescia. A intensidade da luz que difundia era tão intensa que Malivert foi obrigado a desviar a vista.

Espírita apercebeu-se desse movimento e, numa voz mais harmoniosa e mais doce que a música que executava, murmurou:

– Meu querido! Esqueço que você está ainda retido à prisão terrestre e que seus olhos não podem suportar o mais débil raio da verdadeira luz. Mais tarde mostrar-me-ei tal como sou, na esfera para a qual seguirei consigo. Por enquanto, a sombra de minha forma mortal basta para manifestar-lhe minha presença. Assim você pode contemplar-me sem perigo.

Por insensíveis transições, ela passou, da beleza sobrenatural, à beleza natural. Sua aparência imaterial condensou-se um pouco e uma nuvem láctea difundiu-se nos suaves contornos, melhor delineando-os, como a água na qual se junta uma gota de essência deixa ver melhor as linhas do cristal que a contém. Lavínia reaparecia através de Espírita, um pouco mais vaporosa, sem dúvida, mas com uma realidade suficiente a produzir uma ilusão.

Ela parou de tocar piano e ficou olhando Malivert, parado à sua frente. Um ligeiro sorriso errava nos seus lábios, um sorriso de celeste ironia e de uma malícia divina, cuidando consolá-lo da debilidade humana. E seus olhos, amortecidos pela intenção, exprimiam ainda o amor mais terno, tal, porém, o que uma jovem casta pode deixar transparecer, na Terra, numa união permitida, e Malivert pôde acreditar, durante alguns minutos, que se encontrava com aquela Lavínia que o havia buscado tanto durante a vida, e da qual tinham-no sempre distanciado os caprichos da fatalidade.

Desvanecido, fascinado, palpitante de amor, esquecendo que tinha diante de si uma sombra apenas, ele acercou-se e, num movimento instintivo, quis tomar uma das mãos de Espírita, pousada ainda sobre o teclado, para levá-la

aos lábios. Mas seus dedos fecharam-se sobre si mesmos, sem nada encontrar, como se tivessem passado através da neblina.

Muito embora nada tivesse a temer, Espírita recuou com um gesto de pudor ofendido. Logo, porém, o seu sorriso angélico reapareceu e ela ergueu, à altura dos lábios de Guy – que sentiu como que uma indefinível frescura, um perfume sutil e delicioso – a mão feita de transparência e luminosidade rosada.

– Não pensava; não pensava que já não sou mais uma moça terrena, mas uma alma, uma sombra, um vapor impalpável que não tem nenhum dos sentidos humanos. E o que Lavínia tal vez lhe recusasse, Espírita concede, não com voluptuosidade, mas como um sinal de amor puro e de união eterna – disse ela com uma voz que não era formulada por palavras, mas que Guy entendia no fundo de seu coração.

E ela permitiu que, por alguns instantes, sua mão fantástica permanecesse sob os beijos imaginários de Guy.

Depois voltou ao piano e fez jorrar do teclado uma melodia de força e doçura incomparáveis, na qual Guy reconheceu uma de suas poesias – a que apreciava mais –, transposta da língua do verso à linguagem da música. Era uma composição na qual desdenhava as alegrias vulgares e se lançava num voo desesperado para as esferas superiores em que o desejo do poeta é, finalmente, satisfeito. Com uma intuição maravilhosa, Espírita ia além das palavras, ao que fica inédito na frase melhor construída, ao mistério, à intimidade, à profundidade das coisas, à secreta aspiração que não se confessa nem a si mesma, ao indizível, ao inexprimível, ao *desideratum* do pensamento, ao fim de seus esforços. Mas, naquele bater de asas que se elevavam no azul, num impetuoso arremesso, ela abria o paraíso dos sonhos realizados, das esperanças cumpridas.

Espírita estava de pé sobre o solo luminoso, numa cintilação que faria empalidecer os sóis, divinamente bela e, entretanto, humanamente terna; abrindo os braços à alma sedenta do ideal, fim e recompensa, coroa de estrelas, taça de amor, Beatriz só encontrada do outro lado do túmulo.

Numa frase transbordante da mais pura paixão, disse, com divinas reticências e pudores celestiais, que ela própria, no descanso da eternidade e no esplendor do infinito, satisfaria a todos aqueles anseios insatisfeitos. Prometia ao gênio a felicidade e o amor, mas de tal maneira que a imaginação elo homem, mesmo em relação com um espírito, não poderia conceder.

Depois daquele final, levantou-se. Suas mãos não fizeram mais o simulacro de aflorar o teclado, mas as melodias escapavam-se do piano em vibrações visíveis e coloridas, difundiam-se na atmosfera do aposento em ondulações luminosas como aquelas que anunciam o aparecimento de uma aurora boreal. Lavínia desaparecera e Espírita voltara, porém mais majestosa, cercada de uma vívida luz. As pregas do seu vestido flutuavam no vazio. Depois um sopro superior arrebatou-a e Malivert encontrou-se sozinho, num estado de exaltação muito fácil de ser compreendido. Mas, pouco a pouco, a calma retomou-lhe e um langor delicioso sucedeu à exaltação febril. Sentia essa satisfação que experimentam tão raramente os poetas – e, dizem, os filósofos – de serem compreendidos em toda sua delicadeza e nas profundezas do seu gênio. Que deslumbrante e radioso comentário Espírita fizera daquela composição em versos, da qual, ele, o autor, compreendera tão bem o sentido e o alcance! Como aquela alma se identificava com a sua! Como aquele pensamento penetrava o seu pensamento!

No dia seguinte quis trabalhar. Sua *verve*, extinta há muito tempo, reanimava-se, e as ideias apresentavam-se, tumultuosamente, no seu cérebro. Horizontes ilimitados, perspectivas sem fim, abriam-se ante seus olhos. Um

mundo de sentimentos novos se agitava no seu peito e, para exprimi-lo, era preciso que a língua desse mais do que era capaz de dar. As velhas formas, os moldes antigos estilhaçavam-se e, algumas vezes, a frase em fusão saltava e transbordava em centelhas esplêndidas, semelhantes aos raios das estrelas partidas. Jamais se elevara a semelhantes alturas, e os maiores poetas teriam assinado o que ele escreveu aquele dia.

Como uma estrofe acabara, passava à seguinte e, distraidamente, deixou os olhos correrem pelo *atelier*. Viu Espírita, meio estendida sobre o divã, a mão no queixo, o cotovelo apoiado num coxim, as pontas dos dedos afilados brincando entre os anéis loiros dos cabelos, mirando-o entre amorosa e contemplativa. Parecia estar ali desde há muito tempo. Não quisera, porém, revelar sua presença para não interromper o trabalho de Guy. Por uma misteriosa afinidade sentia o pensamento de seu amado, seguia-o no seu voo e mesmo ultrapassava-o, porque não apenas via, mas previa. Ela disse:

– Completa a estância inacabada – a qual ele ainda procurava o remate.

Aquele trabalho – como se pode facilmente imaginar – era-lhe dirigido. De que outro assunto poderia tratar Malivert? Embevecido no seu amor por Espírita, esquecia-se da Terra e se arremessava ao céu, tão alto, tão longínquo que as asas presas nas espáduas humanas não podiam alcançar.

– Isso é formoso – ela disse, com uma voz que ressoava no coração de Malivert sem lhe chegar aos ouvidos, como os ruídos comuns. – Mesmo para um espírito, isso é belo. O gênio é, verdadeiramente, divino. Ele cria o ideal, entrevê a beleza superior, a eterna luz. Até onde não chegam as asas impulsionadas pela fé e pelo amor! Mas é preciso voltar, descer às regiões em que o ar é respirável pelos pulmões mortais. Todos os seus nervos vibram como as cordas da lira, sua fronte produz nuvens de fumo, como um incensário. Luzes estranhas, luzes febris brilham nos seus olhos. Receie a

loucura, o êxtase toca-a. Acalme-se e, se me ama, viva ainda a vida humana. Eu quero que seja assim.

Para obedecê-la, Malivert saiu e, muito embora os homens já não lhe parecessem mais que sombras longínquas, fantasmas com os quais não tinha relações, misturou-se com eles. Pareceu interessar-se pelas novidades e pelas murmurações do dia, e até sorriu à descrição do prodigioso costume que levava Mlle... no último baile das impuras. Chegou a jogar uma partida de *whist* na residência da velha Duquesa de C... Tudo, porém, lhe era indiferente.

Apesar dos seus esforços em se apegar à vida, uma atração imperiosa arrastava-o para fora da esfera terrestre. Queria andar e sentir-se elevar. Um desejo irresistível consumia-o. As aparições de Espírita não lhe bastavam mais e sua alma lançava-se ao seu encalço quando se ia embora, como que ensaiando separar-se do corpo.

Um amor excitado pelo impossível, no qual caldeava ainda qualquer coisa do fogo terrestre, devorava-o e se agarrava à sua carne como a pele de Hércules à túnica envenenada de Nessus. Não pudera ainda despojar-se, completamente, do revestimento humano.

Não era possível estreitar nos braços o fantasma etéreo de Espírita, mas aquele fantasma representava a imagem de Lavínia, com uma aparência de beleza suficiente para extraviar o amor e fazê-lo esquecer que a forma adorável, de olhos plenos de ternura, a boca voluptuosamente sorridente, não era, afinal de contas, mais que uma sombra; um reflexo apenas.

Guy via, a toda hora do dia e da noite, à sua frente, a alma *adorata*, às vezes como um puro ideal sob a imagem de Espírita, outras sob a aparência mais humanamente feminina de Lavínia. Às vezes volitava em torno de sua cabeça como um anjo; outras, como uma namorada em visita, aparecia-lhe sentada na grande poltrona, recostada no divã, apoiada à mesa. Dava a

impressão de estar examinando os papéis espalhados sobre a escrivaninha, respirava o perfume das flores nas jardineiras, abria livros, tirava argolinhas do interior de uma jarra de ônix posta sobre a lareira, e se entregava às brincadeiras amorosas que se permitem a uma jovem que entra por acaso nos aposentos de seu noivo.

Espírita comprazia-se mostrando-se tal como fora sob o nome de Lavínia, fazendo o mesmo que faria esta, em semelhantes ocasiões, se a sorte tivesse favorecido o seu amor. Ela revivia, depois da morte, capítulo por capítulo, o seu casto romance de pensionária. Com um pouco de vapor colorido, reproduzia suas *toilettes* de outrora, colocando no cabelo a mesma flor ou o mesmo adereço. Sua sombra readquiria as graças, as atitudes, as poses do corpo virginal. Ela queria, provando que a mulher não desaparecera de todo no espírito, que Malivert a amasse, não apenas com um amor póstumo dirigido à alma, mas como fora durante a vida terrena, quando procurara nos *Italiens*, no baile, na sociedade, a ocasião sempre frustrada de vê-lo.

Se seus lábios não encontrassem o vazio quando, tomado de desejos, maluco de amor, ébrio de paixão, tentava, esquecido, uma inútil carícia, poder-se-ia acreditar que ele, Guy de Malivert, havia realmente desposado Lavínia d'Aufideni, de tal maneira a visão era perfeita, colorida e viva. Em consonância de perfeita simpatia, ouvia, interiormente, mas como num colóquio real, a voz de Lavínia, com seu timbre jovem, fresco, argentino, respondendo às efusões ardentes com castas e pudicas ternuras.

Era um verdadeiro suplício de Tântalo. Era uma taça cheia de água gelada que se lhe aproximava dos lábios ardentes, estendida por uma mão amorosa, mas da qual nem ao menos as bordas podia alcançar.

Os curtos intervalos durante os quais Espírita deixava-o, sem dúvida chamada por uma ordem inelutavelmente pronunciada, vinda de “lá onde se

pode o que se quer”, tornavam-se-lhe insuportáveis. E quando ela desaparecia, sentia vontade de quebrar a cabeça de encontro à parede que se fechava à sua frente. Uma noite disse:

– Se você, Espírita, não pode revestir um corpo e vir participar da minha vida de outra maneira que não seja como uma visão, não me seria permitido despojar-me dessa grosseira envoltura mortal, desta forma densa e pesada que me impede de alçar consigo às esferas em que planam as almas?

Esta parecia-lhe uma sábia resolução. Levantou-se e foi escolher, entre troféus de armas selvagens, dependuradas na parede – cassetetes, *tomahawks*, zagaias – uma flecha enfeitada de penas de papagaio e armada de uma ponta dentada de osso de peixe. Aquela flecha tinha sido saturada de curare, o veneno terrível, cujo segredo só os índios americanos conhecem. Fulmina suas vítimas sem que nenhum contra veneno possa salvá-las.

Tinha-a junto da mão que ia ferir quando, repentinamente, Espírita surgiu à sua frente, enlouquecida, assustada, suplicante, passando-lhe os braços em torno do pescoço, num movimento de terror, apertando-o contra o seu coração de fantasma, cobrindo-o de beijos imateriais. A mulher esquecerá de que era apenas um espírito.

– Não – soluçou ela. – Não se mate para vir ter comigo! Se você morrer assim estaremos separados para sempre. Entre nós se abrirão abismos que milhões de anos não nos bastariam para franquear. Venha para mim, suporte a vida. A mais longa existência não dura mais que a queda de um grão de areia nas ampulhetas. Para suportar a passagem do tempo, pense na eternidade onde poderemos nos amar para sempre. E perdoe-me por ter sido leviana. A mulher quis ser amada como o espírito! Lavínia estava ciumenta de Espírita, e eu corri o risco de perdê-lo para sempre.

Retomando a forma de espírito, estendeu as mãos sobre a cabeça de

Malivert que sentiu, descendo sobre si, uma calma e uma frescura celestiais.

## Capítulo 14

A Senhora d'Imbercourt espantou-se com o pouco efeito que suas atenções para com o Senhor d'Aversac tinham produzido sobre Guy de Malivert. Aquele insucesso transtornava todas as suas ideias de estratégia feminina. Acreditava que nada excita melhor o amor que uma ponta de ciúme, mas esquecia que era preciso, para a verdade da máxima, que o amor existisse. Ademais, não podia supor que um rapaz, que desde há três anos frequentava regularmente sua casa, que lhe levava ramos de flores no camarote dos *Italiens* e que permanecia sem dormir ao seu lado, durante as representações, não estivesse vencido de seus encantos. Não era por acaso jovem, bela, elegante, rica? Não executava ao piano com um primeiro prêmio do Conservatório? Não servia o chá com a correção da própria Lady Penélope? Não escrevia seus bilhetes matutinos com uma letra inglesa longa, inclinada, angulosa e perfeitamente aristocrática? Que podia haver de repreensível nas suas carruagens adquiridas na Casa Binder, em seus cavalos vendidos e garantidos por Crémieux? Seus lacaios não tinham belas aparências, não se sentavam com o aprumo dos lacaios das velhas famílias? Seus jantares não mereciam a aprovação dos *gourmets*? Tudo isso lhe parecia constituir um ideal absolutamente completo.

Entretanto, a dama do trenó, entrevista do *Bois de Boulogne*, passava-lhe pelo cérebro, e, inúmeras vezes, tinha ido fazer o passeio do lago com a esperança de encontrá-la de novo e ver se Malivert a seguia. A dama não reaparecia e o ciúme da Senhora d'Imbercourt tinha por objeto o nada. Ninguém, ademais, conhecia-a nem notara a sua passagem.

Guy estaria apaixonado ou ceder a um simples movimento de curiosidade quando lançara Grimalkin na perseguição do cavalo das estepes? Isso a Senhora d'Imbercourt não podia decifrar. Veio-lhe a ideia de que talvez tivesse aborrecido Guy, dando-lhe a entender que a comprometia. Aquela frase que dissera, tentando forçá-la a uma declaração formal, arrependia-se agora de tê-la pronunciado, pois Guy, muito fiel às convenções e, ademais, ocupado com Espírita, abster-se, por completo, de visitá-la. Aquela exagerada obediência magoava a Condessa, que teria preferido uma submissão mais descuidada. Muito embora essa suposição se apoiasse apenas na rápida visão do *Bois de Boulogne*, ela pressentia algum amor oculto por detrás daquele cuidado excessivo com a sua reputação. Afinal de contas, nada estava mudado, aparentemente, na vida de Guy, e Jack, secretamente interrogado pela criada de quarto da Senhora d'Imbercourt, assegurara que desde há muito tempo não ouvia o menor *froufrou* de seda na escada particular do seu patrão, que saía pouco, não via ninguém a não ser o Barão de Feroë, e vivia como um cenobita, passando grande parte das noites escrevendo.

D'Aversac desdobrava-se em assiduidades, e a Senhora d'Imbercourt as aceitava com esse tácito reconhecimento de uma mulher um tanto quanto inquieta, que tem necessidade de estar segura de seus encantos com novos adoradores.

Ela não gostava do Senhor d'Aversac, mas não lhe desagradava vender a alto preço o que Guy parecia desdenhar. Assim foi que, numa terça-feira em que levavam A Traviata, notou-se que o lugar de Malivert estava ocupado por d'Aversac, enluvado, engravatado, com uma camélia na botoeira, perfumado e requintado como um homem de grande fortuna, resplandecente de fatuidade e despreocupação. Desde há muito tempo alimentava a ambição de agradar a Senhora d'Imbercourt, mas a preferência absoluta dada a Guy de Malivert

rejeitara-o para um terceiro ou quarto plano, entre os adoradores disponíveis que cercavam, mais ou menos de longe, aquela linda mulher, aguardando uma ocasião – ruptura ou despeito – que parecia não se apresentar mais.

Estava cheio de pequenas atenções: estendia-lhe os binóculos ou o programa, sorrindo-lhe às menores palavras, inclinando-se, misteriosamente, para lhe responder, e quando a Senhora d’Imbercourt aplaudia, com as pontas dos dedos enluvados de branco, uma interpretação brilhante da diva, ele aplaudia estrepitosamente, levantando as mãos quase à altura da cabeça. Em suma, tomava, publicamente, posse de suas funções de *cavalier servant*.

Em alguns camarotes comentavam:

– Será que o casamento de Malivert com a Senhora d’Imbercourt não se fará mais?

Houve um movimento de curiosidade quando, depois do primeiro ato, Guy, fazendo a sua entrada, inspecionou a sala, olhando, distraidamente, o camarote da Condessa. O próprio d’Aversac, que o percebera, experimentou um ligeiro sentimento de mal-estar. Mas os binóculos mais perspicazes não puderam encontrar o menor sinal de contrariedade no semblante de Malivert. Não enrubesceu nem empalideceu. Suas sobrancelhas não se contraíram, nenhum músculo do seu rosto se moveu. Não se percebeu nele o olhar feroz e terrível dos amantes ciumentos ao deparar com a amada aceitando as cortesias de outro. Tinha um ar calmo, de uma serenidade perfeita. A expressão de sua fisionomia revelava uma secreta alegria e sobre seus lábios perpassava, como diz o poeta:

*Le sourire Mystérieux*

*Des voluptés intérieures.*

– Se fosse amado por uma fada ou por uma princesa, Guy não teria um ar mais triunfante – comentou um velho frequentador dos camarotes, Don Juan

emérito. – Se a Senhora d’Imbercourt esperava realizá-lo, já pode comprar o luto do casamento projetado, pois não se chamará nunca Senhora de Malivert.

Durante o entreato, Guy fez uma rápida visita ao camarote da Condessa para se despedir dela. Pretendia fazer uma viagem de alguns meses pela Grécia. Sua polidez para com d’Aversac foi natural, sem constrangimento e sem exageração. Não tinha aquele ar friamente cerimonioso que tomam as pessoas vexadas, e apertou com perfeita tranquilidade a mão da Senhora d’Imbercourt, cuja perturbação traía os esforços que fazia por mostrar-se serena e indiferente. O rubor que coloriu-lhe as faces, quando Guy abandonou sua poltrona junto da orquestra, encaminhando-se para seu camarote, foi substituído por uma palidez de cera, que o pó-de-arroz não pôde disfarçar. Esperava um movimento de despeito, de cólera, de paixão, de ciúme; esperava mesmo uma querela. Aquele sangue frio, porém, jogava por terra seus cálculos e pegava-a desprevenida. Pensava que Malivert a amava e via agora que se enganava. Aquela descoberta feria, a um só tempo, seu orgulho e seu coração. Guy lhe inspirara uma afeição muito mais viva do que ela própria imaginara. Sentia-se desgraçada. A comédia que representara, e que de nada servira, aborrecia-a, fatigava-a.

Malivert retirou-se e ela apoiou-se aos rebordos do camarote, respondendo por monossílabos às galanteiras que lhe dirigia d’Aversac, descontente com aquele silêncio, com aquela frieza. Sem que se desse conta do motivo, a primavera cedera lugar ao inverno. Uma geada súbita recobriria as rosas.

– Terei feito ou dito alguma asneira? – perguntava-se o pobre rapaz até então bem acolhido. – Ou estarão zombando de mim? Guy parecia tranquilo. A Condessa ficou amuada. Continuará amando Malivert?

Entretanto, como d’Aversac sabia que um certo número de binóculos

estavam assestados sobre sua pessoa, continuou a representação, inclinando-se para a Condessa e murmurando, ao seu ouvido, com ar íntimo e misterioso, banalidades que toda a gente poderia ouvir.

O velho frequentador, que se divertia com o pequeno drama, seguiu suas peripécias com dobrado interesse.

– D’Aversac – que põe no mau jogo uma boa carta – não está muito forte nesta partida. Entretanto, é um tolo, e os tolos sempre têm oportunidades junto às mulheres. A tolice se entende às maravilhas com a frivolidade. Laridon sucede a César, sobretudo quando César já não mais deseja o império. Mas quem será o novo amor de Guy?

Tais eram as reflexões do veterano de Citérea, tão forte na teoria quanto o havia sido na prática; e ele seguia o olhar de Malivert para ver se não se detinha, de preferência, numa das formosas figuras que se exibiam nos camarotes, como joias em escrínios.

– Será aquela loira vaporosa, com folhas de prata nos cabelos, de vestido verde-água e adereços de opalas, que parece envolvida em raios de luar, como um elfo, e contempla o lustre com um ar sentimental como se não fosse um lustre, fosse a Lua? Ou aquela morena de cabelos mais escuros do que a noite, perfil cortado em mármore, olhos de diamantes negros, boca de púrpura, tão vibrante sob a sua aparência de estátua, e que se tomaria por uma filha de Vênus de Milo, se aquela obra-prima se dignasse ter filhos? Não, não é essa, nem a Lua, nem o Sol. E aquela princesa russa, lá no proscênio, com seu luxo estonteante, sua beleza exótica, sua graça extravagante? Talvez tenha probabilidades! Guy aprecia coisas bizarras e, por causa de suas viagens, tem gostos um pouco bárbaros. Mas não, não é aquela. Olhou-a tão friamente como se examinasse um cofre de malaquita. E esta parisiense no seu camarote descoberto, vestida com tanto gosto, tão fina e espiritual, vibrante, cujos

movimentos parecem ser produzidos pelo som de uma flauta e levantam uma espuma de babados, como se dançassem sobre uma almofada de Herculano? Balzac teria destinado trinta páginas à descrição de semelhante mulher, e não teria sido em estilo descuidado – ela merece o trabalho. Guy, porém, não é bastante civilizado para apreciar aquele encanto, que seduz mais o autor da *Comédie Humaine* que a própria beleza. Bem, é melhor renunciar a penetrar esse mistério – concluiu o velhote, fechando no seu estojo uns binóculos que pareciam uma peça de artilharia. A dama dos pensamentos de Malivert, decididamente, não está aqui!

À saída, d'Aversac postava-se de pé, sob o peristilo, com toda a elegância que pode apresentar um *gentleman*, enfiado em sua casaca, junto da Senhora d'Imbercourt. Ela pusera sobre o vestido um abrigo de cetim bordado com penas de cisne, cujo capuz caía solto às suas costas, deixando-lhe a cabeça descoberta. Estava pálida e, aquela noite, verdadeiramente bela. A mágoa que lhe ia na alma emprestava-lhe à fisionomia, ordinariamente fria, uma expressão e uma vida que lhe tinham faltado até então. Parecia completamente esquecida do cavalheiro que permanecia a dois passos dela, com uma gravidade forçada que procurava dissimular, articulando rápidos comentários.

– O que se passa esta noite com a Senhora d'Imbercourt? – perguntavam os jovens, estacionados no vestíbulo para ver a passagem do desfile feminino. – Dir-se-ia que ganhou uma nova beleza. D'Aversac é um feliz tratante.

– Não tão feliz quanto parece – comentou um outro, cujo rosto, espiritual e fino, parecia um retrato de Van Dyck destacado da moldura. – Não é ele quem dá à face da Condessa, de comum inexpressiva como uma máscara de cera modelada sobre uma Vênus de Canova, essa animação, essa expressão. Tal

brilho provém de outra fonte. D'Aversac não é o Prometeu dessa Pandora. A madeira não pode dar vida ao mármore.

– É certo – adiantou um outro. – Malivert não faz bem em deixar a Condessa neste momento. E, para uma vingança, ela merece algo de superior a d'Aversac. Não sei se Guy achará algo de melhor, e poderá muito bem arrepender-se do seu desprezo.

– Comete uma asneira – falou o retrato de Van Dyck – ao que penso! A Senhora d'Imbercourt está mais bela porque está emocionada. Ora, se Malivert não a tivesse deixado ela não experimentaria nenhuma emoção, e seus traços, classicamente corretos, guardariam sua insignificância. Nesse caso, o fenômeno que os espanta não se teria realizado. Entretanto, Malivert faz muito bem em partir para a Grécia, como anunciou ontem no clube.

O laçao, anunciando a carruagem da Senhora Condessa, pôs fim a esses comentários, e mais de um dos jovens experimentou o pecado da inveja ao ver d'Aversac subir, depois da Senhora d'Imbercourt, à imensa carruagem, cuja portinhola foi cerrada pelo laçao, que, rapidamente, voltou à boleia.

Os cavalos partiram a galope. D'Aversac, meio escondido pelos babados de cetim, muito próximo da mulher, cujo perfume sutil aspirava, tratou de aproveitar os curtos momentos em que estariam sozinhos para dizer à Condessa algumas palavras mais galantes e mais ternas. Era preciso encontrar alguma coisa de passional e decisivo, pois a *Chaussée-d'Antin* não dista muito da *Place Ventadour*. Mas a improvisação não era o forte do rival de Guy. A Senhora d'Imbercourt – é preciso dizer – não o encorajava absolutamente. Silenciosa, afundada num canto da carruagem, ela mordiscava a ponta do lenço bordado de aplicações.

Enquanto d'Aversac se esforçava por terminar uma frase, laboriosamente amorosa, a Senhora d'Imbercourt, que não ouvira uma palavra, absorvida nos

caminhos, dos seus pensamentos, tomou-lhe bruscamente do braço, dizendo secamente:

– Você conhece a nova namorada do Senhor de Malivert?

Essa pergunta, inopinada e singular, chocou a d'Aversac. Era de uma duvidosa conveniência e provava que a Condessa não pensara um instante nele. O castelo de cartas de suas esperanças ruiu àquele sopro de paixão.

– Não a conheço – balbuciou d'Aversac. – E se a conhecesse talvez... a discrição, a delicadeza... me impedissem...

– Sim, sim – interrompeu a Condessa com um acento desagradável. – Os homens ajudam-se uns aos outros, mesmo quando são rivais. Eu nada saberia...

Depois de um curto silêncio, retomando o autodomínio, ela disse:

– Perdão, meu caro Senhor d'Aversac. Tenho os nervos terrivelmente irritados. Percebo que digo inconveniências. Venha ver-me amanhã, que estarei mais calma. Mas, eis-nos chegados.

Estendeu-lhe a mão e, rápida, desceu da carruagem, alcançando o saguão, sem que d'Aversac tivesse tempo de ajudá-la.

Vê-se, por isso, que nem sempre é muito agradável, como pensam os jovens inexperientes, reconduzir dos *Italiens à Chaussée-d'Antin* em carruagem, uma formosa dama. Bastante contrariado, d'Aversac fez-se conduzir ao clube, na Rua de Choiseu, onde seu cocheiro o aguardava. Jogou e perdeu uma centena de luíses, e isto não contribuiu para que lhe voltasse o bom-humor. Tornando à casa praguejou:

– Como se arranjava esse diabo de Malivert, para se fazer amado assim pelas mulheres?

A Senhora d'Imbercourt, depois de se ter entregado aos cuidados da camareira, que a despiu e preparou para dormir, envolveu-se num *peignoir* de cachemira branco e apoiou o cotovelo na escrivaninha, com as mãos enfiadas

nos cabelos. Ficou assim muito tempo, com os olhos parados numa folha de papel e a pena rolando entre os dedos. Queria escrever a Guy, mas era uma carta muito difícil aquela. Os pensamentos chegavam-lhe tumultuosamente e iam-se embora quando tentava juntá-los numa frase. Escreveu quatro ou cinco linhas borradas, ilegíveis, garatujadas, apesar da sua bela caligrafia inglesa, que não a satisfizeram. Umaz diziam muito, outras diziam pouco. Nenhuma expressava os sentimentos do seu coração. Amassou a folha atirando-a ao fogo. Conseguiu por fim redigir isto:

*Não se aborreça, meu querido Guy, com a minha inocente leviandade. Juro-lhe que não tinha em mente outra coisa que não fosse torná-lo um pouco ciumento, para trazê-lo a mim. Você sabe muito bem que eu o amo, muito embora você não me queira. O seu ar tão frio, tão tranquilo gelou-me o coração. Esqueça o que lhe disse. Era um mau espírito que me fazia falar. Vai mesmo partir para a Grécia? Tem, a tal ponto, necessidade de fugir de mim, de mim que só desejo agradá-lo? Não vá! Eu seria muito infeliz na sua ausência.*

A Condessa assinou o bilhete: Cécile d'Imbercourt, fechou o envelope com seu sinete e quis enviá-lo imediatamente. Mas quando se levantou para chamar alguém, a pêndula bateu duas horas. Era muito tarde para enviar um criado aos confins do *Faubourg Saint-Germain*, onde residia Guy.

– Não faz mal – disse ela. – Verei minha caligrafia à luz do dia. Guy receberá o bilhete quando despertar... se já não tiver partido.

Deitou-se cansada, aquebrantada, fechando inutilmente os olhos. Via, mentalmente, a dama do trenó, pensava que Malivert a amava. Ó, ciúme; apertava-lhe as finas garras no coração! Finalmente adormeceu, mas teve um sono agitado, cheio de sobressaltos mais penosos que os da vigília. Uma pequena lâmpada suspensa ao forro, encerrada num globo de vidro azul,

difundia no aposento uma claridade semelhante à luz da lua. Iluminava com uma luminosidade doce e misteriosa a cabeça da Condessa, cujos cabelos, soltos, tinham rolado em largas ondas negras sobre a alvura do travesseiro. Um dos braços caía-lhe, molemente, para fora do leito.

À sua cabeceira, pouco a pouco, foi-se condensando um ligeiro vapor transparente e azulado, como uma fumaça de incenso e que foi ganhando contornos, tomando nitidez e que, por fim, transformou-se numa jovem de celestial beleza. Sua cabeleira, loira e abundante, contornava-a com uma auréola luminosa. Espírita – pois era ela – olhava a jovem senhora adormecida. Tinha a expressão de piedosa melancolia que os puros espíritos devem deixar entrever ante o sofrimento humano. Inclinou-se sobre ela como a sombra de um sonho e deixou-lhe cair, por sobre a fronte, duas ou três gotas de um líquido escuro, contido numa pequena ampola, semelhante a certas bolsas lacrimatórias que se encontram nos túmulos antigos. Ela murmurou:

– Muito embora você não seja mais um perigo para aquele que eu amo, muito embora já não possa mais separar a sua alma da minha, eu tenho pena de você. Você sofre por causa dele, e eu lhe trago o bálsamo divino. Você – que foi a causadora da minha morte – esqueça e seja feliz!

A visão desapareceu. O semblante da bela adormecida refletiu uma paz infinita, como se, depois de um pesadelo penoso, um sono tranquilo a tivesse abençoado. Um breve sorriso voltava aos seus lábios. Por um movimento instintivo, ergueu o braço nu e belo, que tinha adquirido a frialdade do mármore, do qual tinha a brancura, e, depois, envolveu-se, docemente, no acolchoado. O sono calmo e reparador durou até a manhã, quando ela despertou. A primeira coisa que viu foi a carta posta sobre a mesa, à noite.

– É preciso levá-la? – indagou Aglaé que entrava no aposento para descerrar as cortinas e vira os olhos da patroa se dirigirem à missiva.

– Oh! Não – exclamou vivamente a Senhora d’Imbercourt.

Atire-a ao fogo!

Depois disse de si para si:

– Onde estaria eu com a cabeça quando escrevi semelhante carta? Estaria  
maluca?

## Capítulo 15

O vapor que fazia o trajeto de Marselha a Atenas chegava às alturas do Cabo Malia, o último dentilhão dessa folha de amora que forma o extremo da Grécia e de onde lhe veio o seu nome atual. As nuvens, nevoeiros e cerrações tinham ficado para trás. Ia-se do escuro para a luz, do frio para o calor. Às tintas cinzentas dos céus do Ocidente sucedia o azul do céu Oriental.

O mar, de um azul profundo, ondulava molemente sob uma brisa favorável, que o *pyroscapho* aproveitava, soltando suas velas, cujas bujarronas, enegrecidas pela fumaça, lembravam as velas escuras que Teseu içou inadvertidamente ao regressar da Ilha de Creta, onde vencera o Minotauro. Fevereiro terminava e a proximidade da primavera – tardia entre nós – já se fazia sentir naquele clima feliz, bem amado do Sol.

A temperatura era tão morna que a maior parte dos passageiros livres da maré permanecia na ponte, entretida em olhar a costa sobre a qual se destacavam os primeiros vapores azulados da tarde. Por sobre essa zona sombria, emergia uma montanha ainda visível retendo um raio de Sol no seu pico coroado de neve. Era o Taigeto, que dá, aos viajantes bacharéis em letras, conhecedores de alguns sobejos de latim, oportunidade de citar, com um pedantismo cheio de satisfação, o verso tão conhecido de Virgílio.

Um francês que citava a propósito – coisa rara – um verso latino, estava bem perto da perfeita felicidade. Citar um verso grego é uma felicidade reservada aos alemães e aos ingleses, recém-saídos de Iena ou Oxford.

Sobre os bancos, à popa, ou em espreguiçadeiras dispostas em torno do gradil, jovens *misses* descansavam, protegidas por pequenos chapéus com véus de seda azul, os abundantes cabelos vermelhos presos em redes, bolsas

de viagem suspensas a tiracolo, vestidas com costumes enfeitados por imensos botões. Observavam a costa, escurecida pelas sombras da noite, com binóculos tão potentes que distinguiam os satélites de Júpiter. Outras, mais atrevidas, grimpavam a ponte com o passo ginástico que os sargentos da guarda, professores de marcha, ensinam às senhorinhas do outro lado da Mancha. Algumas conversavam com cavalheiros irrepreensivelmente vestidos e perfeitamente corretos.

Havia franceses também, alunos da Escola de Atenas, pintores e escultores que ganharam bolsas de estudo em Roma e que iam se retemperar nas fontes do verdadeiro belo. Estes, com o entusiasmo da mocidade, que têm à sua frente um mundo de esperanças e um pecúlio em perspectiva, propunham brincadeiras, riam ruidosamente, fumavam cigarros e se entregavam a acaloradas discussões sobre estética. A celebridade dos grandes mestres, antigos e modernos, era discutida, negada, levada às nuvens. Tudo era admirável ou ridículo, sublime ou estúpido, pois as pessoas jovens são absolutistas e não conhecem o meio-termo. Não seriam elas que casariam o Rei *Modus* com a rainha *Ratios*. Esse casamento de conveniência só se faz mais tarde.

Àquele grupo animado, envolto numa capa ampla, como um filósofo do Pórtico, tinha aderido um moço que não era nem pintor, nem escultor, nem arquiteto, e que os artistas viajores tomavam por árbitro quando a discussão resultava por uma negação obstinada de ambas as partes. Era Guy de Malivert. Suas observações, judiciosas e argutas, evidenciavam nele um perfeito crítico de arte, digno do nome, e aqueles jovens, tão desdenhosos, que aplicavam o epíteto de burguês a todo o ser que não tivesse a mania do pincel, do cinzel ou do tira-linhas, escutavam-no com certa deferência e, algumas vezes, chegavam mesmo a aprová-lo.

O assunto esgotou-se, pois tudo se esgota, mesmo numa conversação sobre o ideal e o real, e os interlocutores, com a garganta um tanto seca, desceram à cabine para umedecer a laringe com algum *grog* ou qualquer outra beberagem forte e cordial.

Malivert ficou sozinho na ponte. Era noite feita. No céu, de um negror azulado, as estrelas brilhavam com uma intensidade, com uma luminosidade da qual não se pode fazer ideia sem se ter visto o céu da Grécia. Seus reflexos se prolongavam na água, desenhando uma esteira, como teriam feito lanternas dependuradas sobre um rio. A espuma produzida pelas pás das rodas saltava em milhões de diamantes, que brilhavam um instante e se fundiam em azuis fosforescentes. O escuro *pyroscapho* parecia navegar um mar de luz. Era um espetáculo que excitaria a admiração do filisteu mais obtuso, e Malivert não era um filisteu. Gozou-o deliciosamente. Não tinha desejo de descer ao salão, onde reina sempre um calor nauseabundo, particularmente sensível quando se volta do ar fresco. E continuou passeando da popa à proa do navio, contornando os passageiros levantinos, alojados ao longo das amuradas até a proa, sobre seus tapetes, seus colchõezinhos delgados, instalados entre montes de correntes e rolos de cordoames, muitas vezes assustando uma mulher distraída, que, supondo-se não observada, levantava o véu que lhe encobria o rosto, para aspirar a brisa noturna. Guy, como se vê, mantivera a promessa feita à Senhora d'Imbercourt.

Apoiou os cotovelos sobre as amuradas, entregando-se a sonhos cheios de ternura. Sem dúvida, depois que o amor de Espírita o desligara das curiosidades terrenas, a viagem à Grécia já não lhe inspirava o mesmo entusiasmo que dantes. Era outra a viagem que desejava fazer, mas não cuidava de antecipar sua partida deste mundo, que seu pensamento já deixara.

Sabia quais são as consequências do suicídio, e esperava, sem muito se

impacientar, que a hora de partir, na companhia da bem-amada, que o visitava, chegasse. Assegurado de sua felicidade, deixava-se levar pelas sensações presentes e gozava, como um poeta, o espetáculo magnífico da noite.

Como Lord Byron, ele amava o mar. Aquela inquietação eterna, aquele lamento que não tinha fim, que não perdia intensidade mesmo nas horas mais calmas, aquelas repentinas revoltas, aqueles furores insensatos contra o obstáculo imutável, tinham sempre prendido a sua imaginação, que via, naquela vã turbulência, uma secreta analogia com o inútil esforço humano.

O que mais o encantava no mar era a sua imensa solidão, o círculo do horizonte sempre semelhante e sempre renovado, a solene monotonia, a ausência de todos os sinais de civilização. A mesma onda que alevantava o barco a vapor no lombo de sua ondulação havia lavado os flancos das naves de que fala Homero, sem delas conservar um rastro. Suas águas tinham ainda, precisamente, a mesma tonalidade que as coloria quando a frota dos gregos as singravam. Na sua altivez, o mar não conservava, como a terra, as cicatrizes marcadas à passagem dos homens. Era impreciso, imenso e profundo como o infinito.

Malivert nunca se sentira tão feliz, tão livre, tão senhor de si mesmo como naqueles momentos em que, de pé à proa do navio que, se elevando e se afundando, ia avançando para o desconhecido.

Molhado pelos respingos da espuma que saltavam por sobre a ponte, os cabelos levados pela brisa salina, tinha a impressão de estar andando sobre as águas e, como um cavaleiro que se identifica com a ligeireza de sua montaria, ele tomava parte na velocidade do vapor. Seu pensamento ia saltando à frente, com as vagas.

Para junto de Malivert, imperceptivelmente, como uma pluma, como um floco de neve, surgiu Espírita, e sua mão apoiou-se no braço do rapaz. Muito

embora ela fosse invisível para toda a gente, pode-se imaginar o grupo encantador que formavam Malivert e sua espiritual namorada.

A Lua levantara-se, cheia e clara, empalidecendo as estrelas, e a noite transformou-se numa espécie de dia azul, imensa gruta cobáltica de tonalidade verdadeiramente mágica. Um raio de luar alcançou, na proa, aquele Amor e Psique, iluminando-os entre as cintilações diamantinas da espuma, como jovens deuses à proa das trirremes antigas.

Sobre o mar, com um perpétuo formigamento luminoso, estendia-se uma larga corrente de lantejoulas prateadas, reflexos do astro que emergia no horizonte e remontava, lentamente, ao céu. Às vezes, um delfim, possível descendente daquele que carregou Arion, atravessava com seu lombo negro a superfície cintilante e voltava, outra vez, bruscamente, à sombra em que, à distância, como um ponto vermelho, vacilante, se revelava o fanal de qualquer barco. De tempos a tempos, como um recorte violeta, as costas de uma ilha, logo deixadas à popa, aparecia.

– É este sem dúvida – dizia Espírita – um maravilhoso espetáculo, um dos mais belos, se não for o mais belo, que o olhar humano pode contemplar. Mas o que é isso ao lado das prodigiosas perspectivas do mundo que eu deixo para vir ter com você, e ao qual, dentro em breve, chegaremos, um ao lado do outro, como pombas levadas pelo mesmo desejo! Este mar, que lhe parece tão grande, é apenas uma gota na taça do infinito, e esse astro pálido que o ilumina, imperceptível globo prateado perdendo-se nas espantosas imensidades, o menor dos grãos da poeira sideral. Ó, quanto eu não teria admirado, ao seu lado, este espetáculo, quando ainda habitava a Terra e me chamava Lavínia! Mas não pense que permaneço insensível. Compreendo-lhe a beleza através da emoção que você sente.

– Quanta impaciência você me faz sentir esperando a nova vida, Espírita –

respondeu Malivert. – E com que ardor não me lançaria a esses mundos, esplêndidos e deslumbrantes, superiores a tudo o que arquiteta a imaginação, a todas as palavras, e que nós percorremos juntos e onde ninguém poderá nos separar!

– Você os verá, conhecerá suas magnificências e suas delícias, e se me amou, se me foi fiel, se o seu pensamento não se desviou para as coisas inferiores; se arremessou para fora de si mesmo o impuro e grosseiro limo humano, a este preço nos será permitido saborear, unidos eternamente um ao outro, a tranqüila embriaguez do Amor Divino, do amor sem intermitências, sem fraqueza, sem arrefecimentos, cujo ardor pode fazer fundir os sóis como grãos de mirra sobre as brasas. Seremos a unidade na dualidade, o meu no não-meio, o movimento no repouso, o desejo na realização, a frescura nas chamas. Para merecer essas supremas felicidades, pense em Espírita que está no Além e não se lembre muito de Lavínia, que dorme à distância, sob a sua coroa de rosas brancas esculpidas em mármore.

– Eu amo você perdidamente, com toda a pureza e o ardor que uma alma, retida à Terra, é capaz de sentir – respondeu Malivert.

– Meu querido – disse Espírita – continue assim. Estou satisfeita consigo!

E enquanto ela dizia essas palavras, seus olhos de safira cintilavam cheios de amorosas promessas. Um sorriso voluptuosamente casto entreabriu-lhe os lábios adoráveis.

O colóquio entre o vivo e a sombra prolongou-se até que as primeiras luzes da manhã começaram a confundir suas tintas rosadas às nuances violetas da Lua, cujo disco pouco a pouco se apagava. Logo um segmento apareceu acima da barra azul-escuro que o mar desenhava no horizonte, e o dia surgiu numa explosão sublime. Espírita, anjo da luz não temia o Sol e ela permaneceu ainda por alguns momentos na proa resplandecente de luminosidades rosadas,

os fogos da manhã brincando como borboletas de ouro na sua cabeleira agitada pela brisa do Arquipélago. Se ela escolhia, de preferência, as horas da noite para fazer suas aparições, era porque os movimentos da vida humana estavam suspensos, e Guy se encontrava mais livre, menos observado, e não corria o risco de passar por louco dedicando-se àquelas práticas de uma exterioridade, fora de dúvida, violentamente bizarra.

Como visse Malivert pálido e enregelado na emoção da aurora, disse-lhe num tom docemente zangado:

– Venha, pobre criatura de argila, não lutes contra a natureza. Faz frio. O sereno marinho umedece as cobertas e os cordames, vá dormir, volte à cabine.

Depois acrescentou com uma graça toda feminina:

– O sono não nos separa. Eu estarei nos seus sonhos e o levarei comigo às paragens que você não pode alcançar durante a vigília.

Com efeito, o sono de Guy foi povoado de cerúleos sonhos, radiosos, sobrenaturais, nos quais ele planava lado a lado com Espírita, através dos elíseos e paraísos, confundidos em luzes, por sobre vegetações e arquiteturas ideais, que nenhuma frase de nossas pobres linguagens, tão limitadas, tão imperfeitas, tão materiais, poderia apresentar a mais remota ideia.

É inútil descrever com detalhes as impressões de viagem de Malivert. Seria ir além dos meus propósitos, e, ademais, Guy, preocupado com seu amor e distraído por um desejo inexorável, prestava-lhe muito pouca atenção. Percebia a natureza apenas como um horizonte indistinto, brumoso e esplêndido, servindo de fundo à sua ideia fixa. O mundo não era, para ele, senão uma paisagem sobre a qual se movia Espírita. Via as mais belas paisagens e achava-as pouco dignas da sua finalidade.

Entretanto, na manhã seguinte, ao despontar do dia, não pôde reter um grito de admiração e surpresa quando o vapor entrou na enseada do Pireu e

teve, ante os olhos, o maravilhoso quadro iluminado pela manhã: o Parnaso e o Himeto apresentavam, nos seus declives cor de ametista, como que bastidores magnificamente decorados, no qual o Licabeto, bizarramente recortado, e o Pentatélico ocupavam o fundo. Ao centro, como uma trípode de ouro sobre um altar de mármore, erguia-se, sobre a Acrópole, o Partenon iluminado pelas luzes vermelhas da manhã. As tintas azuladas dos horizontes distantes, aparecendo pelos interstícios das colunas partidas, tornavam mais aéreas, mais ideais as nobres formas do templo.

Malivert sentiu aquele frêmito que produz a sensação do belo e compreendeu o que até então lhe parecera obscuro. Toda a arte grega revelou-se-lhe, romântica, nessa rápida visão: a pureza absoluta das linhas, a perfeita proporção do conjunto, a suavidade incomparável da cor feita de alvura, azul e luz.

Assim que desembarcou, sem se ocupar com a bagagem deixada aos cuidados de Jack, tomou um desses fiacres que, para vergonha da civilização, conduzem – à falta dos antigos carros – os viajantes, do Pireu a Atenas, por um caminho branco de poeira e bordejado, aqui e lá, por algumas oliveiras empoeiradas. O veículo de Malivert, todo desmantelado, produzindo um som inquietante de ferragens soltas, era puxado a galope por dois pequenos cavalos magros, de um cinzento-russo, de crina espetada, cortada muito rente: pareciam o esqueleto, ou antes, a maquete em barro dos cavalos de mármore que se empinam sobre as *métopes do Partenon*. Seus antepassados, sem dúvida, posaram para Fídias. Naqueles tempos estariam contidos pelos braços de um efebo vestido com um costume de Palikare, e, talvez, condutor de uma das mais brilhantes atrelagens que outrora arrebataram os prêmios nas corridas das Olimpíadas.

Deixando que os outros passageiros invadissem o Hotel d'Angleterre, Guy

fez-se conduzir ao pé da Colina sagrada, onde o gênero humano, na sua mocidade florida de poesias e amor, criou suas mais puras obras-de-arte, como se destinando-as à admiração dos deuses. Subiu a velha Rua das Trípodes, oculta sob informes casebres, calcando com passo respeitoso aquela poeira feita de maravilhas, desembocando, por fim, na Escada de Propyles, cujos degraus foram arrancados para ser transformados em lousas tumulares. Subiu esse estranho cemitério entre um sem-número de lajes arrancadas, e embasamentos dos quais, um, sustenta o pequeno templo da Vitória-Aptera, outro serve de pedestal à estátua equestre de Cimon, e, de terraplano, à Pinacoteca, onde se conservavam as obras primas de Zêuxis, de Apeles, de Timanto e Protógenes.

Franqueou o Propileu de Mnésicles, obra-prima digna de servir de porta às obras de arte de Ictinus de Fídias. Com um sentimento de admiração religiosa, quase tinha vergonha – bárbaro do Ocidente – de caminhar com sapatos naquele solo sagrado.

Deu alguns passos e encontrou-se ante o Partenon – templo da Virgem –, o santuário de Palas Atenas, a mais pura concepção do politeísmo.

O edifício se destacava contra a azul tranquilidade dos espaços com uma serenidade estupenda e uma majestosa suavidade. Uma divina harmonia presidia-lhe as linhas que, sob um ritmo secreto, cantavam o hino da beleza. Todas, docemente, tendiam a um ideal desconhecido, convergiam para um ponto misterioso, mas, sem esforço, sem violência, como que seguras de atingi-lo. Acima do templo sentia-se plainar aquele pensamento que o ângulo dos frontões, os entablamentos<sup>19</sup>, as colunas aspiram e parecem querer alcançar. As belas colunas dóricas, drapeadas pelas pregas de suas caneluras, traziam a recordação das virgens castas.

Uma cor doirada e quente envolvia a frontaria em uma atmosfera de ouro

e, sob o beijo do tempo, o mármore tomara uma nuance avermelhada, como que um pudico rubor.

Sobre os degraus do templo, entre as duas colunas, por detrás das quais se abre a porta do santuário, Espírita estava de pé, em meio à pura claridade grega, tão pouco favorável às aparições, nos próprios umbrais do Partenon, tão claro, tão perfeito, tão luminosamente belo! Uma longa túnica branca, trabalhada em pequenas pregas, como as túnicas das canéforas<sup>20</sup>, descia-lhe dos ombros às pontas dos pezinhos nus. Uma coroa de violetas – daquelas violetas que Aristófanes celebrizou numa de suas parábases<sup>21</sup> – cingia-lhe os cabelos doirados que caíam em ondas pelos ombros. Assim vestida, Espírita parecia uma virgem de Panatenesias, descida de sua frisa. Mas, nos seus olhos de pervinca<sup>22</sup>, brilhava uma luz enterneci da que não se vê nos olhos de mármore branco. Àquela radiosa beleza plástica ela reunia a beleza da alma.

Malivert subiu os degraus e aproximou-se de Espírita que lhe estendia as mãos. Então, numa ofuscação rápida, ele viu o Partenon tal como era nos dias do seu esplendor. As colunas caídas tinham voltado aos seus lugares. As figuras do frontão, arrancadas por Lord Elgin, ou partidas pelas bombas venezianas, tinham se agrupado nos seus lugares, puras, intactas nas suas atitudes humanamente divinas. Pela porta, à distância, Malivert entreviu, no seu pedestal, antigo, a estátua de ouro e marfim de Fídias, a celestial, a virgem, a imaculada Palas Atenas. Mas àquele prodígio ele não lançou mais que um olhar distraído, e seus olhos buscaram, logo em seguida, os olhos de Espírita.

Assim desdenhada, a visão retrospectiva esvaneceu-se.

– Oh! – murmurou Espírita. – A própria arte é esquecida pelo amor. Sua alma cada vez se afasta mais da Terra. Arde e se consome. Muito em breve, meu querido, o seu desejo será realizado.

E o coração da mulher bateu ainda no peito do espírito.

---

19. Nota do tradutor: Entablamento – Arquitetura: O conjunto da arquitrave, friso e cornija.
20. Nota do tradutor: Canéfora – Estátua decorativa com uma cesta à cabeça.
21. Nota do tradutor: Parábase – Parte da comédia grega em que o autor falava em seu nome aos espectadores.
22. Nota do editor: Pervinca – designação comum de duas plantas da família das apocináceas. Na França chama-se *pervenche*.

## Capítulo 16

Alguns dias depois daquela visita ao Paternon, Guy de Malivert resolveu fazer um passeio pelos arredores de Atenas, cavalgando até às belas montanhas que divisava pelas janelas do hotel.

Tomou um guia e dois cavalos. Jack seria inútil, quiçá molesto. Ele ficou. Jack era um desses domésticos mais difíceis de se contentar que o próprio patrão, e cujos aborrecimentos se revelam principalmente em viagem. Tinha suas manias como uma velha senhorinha, e achava tudo detestável, os quartos, os leitos, os pratos, os vinhos, e a todo momento – escandalizado com os atropelamentos do serviço – exclamava:

– Ah! Os selvagens!

Por outro lado, reconhecia em Malivert algum talento literário, mas julgava-o incapaz de se governar por si próprio, e, também, algo maluco, principalmente de algum tempo para cá. E confiou a si mesmo a missão de velar por ele. Uma contração das sobrancelhas de Malivert, ademais, fazia-o voltar às suas funções, e o mentor, com uma maravilhosa facilidade de metamorfose, retomava o papel de criado de quarto.

Guy mandou costurar certo número de moedas de ouro num cinturão de couro que levava sob as vestes, meteu dois trabucos nos coldres dos arçõs da sela.

Ao partir, não fixou o dia de seu regresso, desejando fruir a liberdade do imprevisto, da aventura, da vagabundagem ao acaso. Sabia que Jack, acostumado com os seus desaparecimentos, não se alarmaria com alguns dias e mesmo algumas semanas de atraso. Permaneceria numa tranquilidade

perfeita, enquanto estivesse ensinando o cozinheiro do hotel a preparar o *bifteck* à sua maneira – à inglesa –, corado por fora e sangrando por dentro.

A excursão de Guy, salvo mudança de planos, devia limitar-se ao Parnaso e não ultrapassar cinco ou seis dias. Mas, ao fim de um mês, nem Malivert nem o guia tinham reaparecido.

Nenhuma carta chegara ao hotel anunciando uma mudança ou um prolongamento de itinerário. O dinheiro levado por Guy devia estar acabando. Aquele silêncio começava a tornar-se inquietante.

Certa manhã, enquanto comia um *bifteck* preparado, finalmente, a seu gosto, e bebericava um vinho branco de Santorin, bastante agradável, apesar de certo gostinho de resina, Jack disse:

– O senhor de Malivert não me pede dinheiro. Isso não é normal! Deve ter-lhe acontecido alguma coisa. Se tivesse continuado a viagem teria me indicado uma cidade para onde eu lhe enviasse fundos, pois sou eu quem tem a bolsa. A menos que tenha quebrado o pescoço, ou a espinha, em algum precipício. Mas, também, que diabo de ideia essa de vir cavalgar neste país estranho, quando poderíamos estar em Paris, perfeitamente instalados num interior confortável, ao abrigo de insetos, mosquitos e outros horrorosos bichinhos que nos produzem calombos. Na primavera, não digo, concebo mesmo que se vá a Ville-d’Avray, a Celle Saint-Cloud, a Fontainebleau; não, não a Fontainebleau, há muitos pintores, mas eu ainda prefiro Paris. Para bem dizer, o campo foi feito para os camponeses, e as viagens para os caixeiros-viajantes, pois que é profissão deles. E isso de ficar plantado num albergue de uma cidade que não tem senão ruínas. Deus! Que idiotas são esses senhores com suas pedras velhas! Como se as paredes novas e bem conservadas não fossem cem vezes mais agradáveis aos olhos! Decididamente o patrão não tem considerações para comigo. certo que sou seu criado, que tenho a obrigação

de servi-lo. Mas não tem o direito de me fazer morrer de tédio neste Hotel d'Anglaterra! E se ocorreu uma desgraça ao meu querido patrão? Apesar de tudo, é um bom patrão, e eu não me consolaria mesmo que achasse um emprego melhor. Tenho vontade de procurá-lo, mas onde? Quem saberá para que lugar a sua fantasia levou-o? Aos sítios mais extravagantes, mais impraticáveis, a essas gargantas, esses despenhadeiros que ele acha pitorescos e que esboça no seu álbum como se fosse uma coisa fora do comum. Pois bem! Eu lhe dou mais três dias para que apareça. Depois disso darei alarme, afixarei seu retrato em todas as encruzilhadas como se fosse um cão perdido, com promessa de boa recompensa a quem o trouxer de volta.

Sob as aparências de servidor frio e moderno, escondia-se o criado devotado e fiel, à moda antiga. O honesto Jack agitava-se numa inquietação muito sincera. Amava Guy e sentia-se acostumado com ele. Muito embora estivesse assegurado, no testamento do amo, com uma boa quantia que lhe garantia um futuro despreocupado, não desejava a sua morte.

O hoteleiro começou a mostrar-se cuidadoso, não pela despesa que estava paga, mas pelos dois cavalos que fornecera para a expedição. Como se lamentasse pela morte problemática das duas bestas “incomparáveis”, de pés tão seguros, de andadura tão doce, de boca tão terna que se podia conduzir com um fio de seda, Jack impacientou-se e lhe disse com ar de supremo desdém:

– Está bem, se elas estão perdidas, as suas duas rosas, eu lhe pagarei.

Essa promessa devolveu toda a serenidade ao bravo Diamantopoulos.

Cada noite, a mulher do guia, bela e robusta matrona que poderia substituir a cariátide erguida no Pandrosin, vinha perguntar se Stravos, seu marido, não tinha regressado, com ou sem o estrangeiro. Depois da resposta, invariavelmente negativa, ia sentar-se sobre uma pedra, a pouca distância do

hotel, e desfazia a touca que lhe apertava os cabelos negros, cujas mechas puxava, enfiando as unhas nas faces como se desejando desfigurar-se e lançando suspiros de ventríloquo nas demonstrações teatrais da dor antiga. Não que estivesse, no fundo, muito emocionada, pois Stravos era um miserável, um borracho que lhe batia durante as bebedeiras, dando-lhe pouco dinheiro do muito que ganhava dos estrangeiros. Mas devia, por conveniência, manifestar um desespero de acordo com a circunstância. Uma maledicência que não era calúnia, acusava-a de consolar suas viuvezes intermitentes com um belo *palikare* de talhe de fidalgo, levando mais de sessenta metros de fazenda fina, plissada, no seu saiote curto, *solideu* vermelho e jaqueta de seda azul que lhe cobria a metade do dorso nu.

Aquela dor, verdadeira ou falsa, exprimida em rancos chorosos que lembravam os ladridos da Hécuba, aborrecia Jack, que, apesar de incrédulo, era um pouco supersticioso.

– Não gosto – dizia ele – dessa mulher que ulula como um cachorro pressentindo a morte.

Os três dias, que ele concedera como limite extremo para a chegada de Guy, tinham-se expirado. Foi fazer uma declaração à justiça.

Fizeram-se as mais cuidadosas pesquisas na direção provável que seguira Malivert e seu guia. As montanhas foram batidas em todos os sentidos. Numa encruzilhada encontraram a carcaça de um cavalo, estendido de costas, inteiramente despojado de seus arreios e parcialmente comido pelos abutres. Uma bala lhe atravessara o peito e o animal caíra com o cavaleiro. Em torno da besta o terreno apresentava sinais de luta, mas longo tempo decorrera depois da época presumida do ataque, que devia datar de algumas semanas. Não era possível tirar-se muitas conclusões daqueles vestígios apagados pelo

vento e a chuva. Num grupo de almecegueiras, à beira da estrada, um galho tinha sido arrancado por um balaço.

A bala devia ser de pistola e foi encontrada um pouco mais longe, no campo. A pessoa assaltada parecia ter-se defendido. Qual teria sido o desfecho da luta? Podia-se supor que fora fatal, pois nem Malivert nem o guia tinham retornado. O cavalo foi reconhecido como um dos animais que Diamantopoulos alugara ao jovem viajante francês. Mas faltavam dados mais precisos para levar adiante a investigação. O rastro dos agressores, da vítima ou das vítimas, pois seriam duas, perdiam-se. O fio condutor rompia-se no princípio.

Descrições detalhadas de Malivert e de Stravos foram enviadas a todas as partes por onde deviam ter passado.

Não tinham sido vistos em nenhum lugar!

A viagem terminara ali. Talvez os bandidos tivessem carregado Malivert para uma caverna inacessível, nas montanhas, com o propósito de exigir resgate. Os bandidos enviariam um de seus comparsas à vila, e tratariam de fazer chegar às mãos de Jack uma carta contendo as condições do resgate, com ameaças de mutilações, em caso de demora, e de morte, em caso de recusa. Assim agiam nesses negócios. Mas isso não aconteceu. Nenhum papel desse gênero chegou das montanhas.

Jack, a quem a ideia de regressar à França sem o patrão – que poderiam acusá-lo de o ter assassinado – perturbava singularmente, ainda que não tivesse deixado o Hotel d'Angleterre, não sabia a que santo mais apelar. Como nunca, maldizia aquela mania de viagens que punha um homem, que poderia estar em segurança, nas mãos de bandoleiros em trajes carnavalescos, dispostos a caçá-lo como a uma lebre.

Alguns dias depois desses acontecimentos, Stravos apareceu no hotel. Em

que estado, poderosos deuses! Esfarrapado, magro, enfraquecido, com um ar sombrio e apalermado, como um cadáver que abandona o túmulo sem limpar-se da terra.

O costume rico e pitoresco, que era o seu orgulho, e que tão boa impressão produzia nos turistas amantes de cor local, tinha-lhe sido tomado e fora substituído por uns andrajos sórdidos. Uma pele de carneiro graxenta, abrigava-lhe os ombros, e ninguém reconheceria nele o guia favorito dos turistas.

Sua volta inesperada foi levada ao conhecimento da polícia. Stravos foi provisoriamente detido, pois, apesar de muito conhecido em Atenas e relativamente honesto, partira com um viajante e voltara sozinho. Entretanto Stravos pôde provar a sua inocência. Sua profissão de guia logicamente opunha-se a que ele eliminasse os viajantes, dos quais tirava proveito e que, ademais, não tinha necessidade de assassinar para roubar.

Por que esperaria à beira do caminho as vítimas que, além de segui-lo de bom grado, recompensavam-no gordamente?

A descrição que fez da morte de Malivert era estranha e verdadeiramente difícil de ser acreditada. Segundo ele, enquanto cavalgavam tranquilamente, um ao lado do outro, pelo caminho escavado, no local em que encontraram a carcaça do cavalo, ouviram a detonação de uma arma de fogo, seguida, a curto intervalo, de uma outra. O primeiro disparo derrubou o cavalo montado pelo Senhor de Malivert; o segundo atingiu o próprio viajante que, num movimento instintivo, levara a mão ao coldre da sela e lançara ao acaso um tiro de pistola.

Três ou quatro bandidos se atiraram sobre Malivert para despojá-lo. Outros dois tinham-no feito descer do cavalo, a ele Stravos, subjugando-o com os braços, muito embora não tentasse uma resistência que sabia inútil.

Até aí a narrativa não diferenciava muito das histórias comuns dos caminhos, mas o que se seguia era bem menos crível, muito embora o guia o afirmasse sob a fé do juramento.

Pretendia ter visto junto de Malivert já moribundo, cujo rosto, longe de exprimir as angústias da agonia, refletia um júbilo celeste, uma figura de deslumbrante alvura e maravilhosa beleza, que devia ser a *Panagia*, pousando sobre o ferimento do viajante, como para lhe suavizar os sofrimentos, uma luminosa mão.

Os bandidos, apavorados com a aparição, detiveram-se a alguma distância, e, então, a formosa dama tomara a alma do morto e voara ao céu com ela.

Não se pôde conseguir que modificasse essa narrativa. O corpo do estrangeiro fora oculto sob uma rocha saliente, à beira de uma torrente, cujo leito, sempre seco no estio, fica florescido de *lauriers-roses*. Quanto a ele, pobre diabo que não merecia o trabalho de ser assassinado, depois de ter sido despojado de seu rico costume, fora levado aos confins das montanhas para que não desse parte do assassinato. E só com inauditas dificuldades lograra escapar.

Stravos foi posto em liberdade. Se fosse culpado não teria dificuldade em ganhar as ilhas ou as costas da Ásia, com o dinheiro de Malivert. Sua volta provava-lhe a inocência. A descrição da morte de Malivert foi enviada à Senhora de Marillac, sua irmã, mais ou menos nos mesmos termos com que fora feita por Stravos. A aparição de Espírita era mencionada, mas como uma alucinação produzida pelo terror do guia, cujo cérebro não parecia muito equilibrado.

Pouco depois do momento em que aquela cena de crime tinha lugar no Monte Parnaso, o Barão de Feroë se retirara, conforme seu costume, para o

fundo dos seus inacessíveis apartamentos, ocupado na leitura dessa estranha e misteriosa obra de Swedenborg que tem por título *Os Casamentos da Outra Vida*.

No meio da leitura sentiu uma perturbação toda particular, como ao ser advertido por alguma revelação.

A lembrança de Malivert veio-lhe ao cérebro. Uma luz difundiu-se no aposento, cujas paredes tomavam-se transparentes e se abriam como um templo hipetro, deixando ver as imensas profundidades, não do céu que detém os olhos humanos, mas do céu penetrável apenas pelos olhos dos videntes.

Ao centro de uma efervescência de luz que parecia partir do fundo do infinito, dois pontos, de uma intensidade de esplendor maior ainda, semelhantes a diamantes sobre chamas, cintilavam, palpitavam e se aproximavam, tomando as aparências de Malivert e Espírita.

Eles planavam um ao lado do outro, numa alegria celeste e radiosa, trocando carícias e celestiais afagos.

Depois se aproximaram mais e mais e, como duas gotas de orvalho rolando numa mesma pétala, confundiram-se numa única pérola.

– Eis que são felizes para sempre! Reunidos, quanto não farão por amor – disse com um suspiro tristonho o Barão de Feroë. – E eu, quanto tempo terei de esperar ainda?...